

ALINE BARASUOL

**JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE
VALORIZAÇÃO DO CAMPO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Extensão Rural, para obtenção do
grau de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

B295j
2016 Barasuol, Aline, 1991-
Juventude rural e emoções : fatores subjetivos e valorização
do campo / Aline Barasuol. – Viçosa, MG, 2016.
xvi, 178f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Sheila Maria Doula.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.160-169.

1. Juventude rural - Derrubadas (RS). 2. Representações
Sociais. 3. Subjetividade. 4. Emoções. I. Universidade Federal de
Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa de
Pós-graduação em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 305.23098165

ALINE BARASUOL

**JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE
VALORIZAÇÃO DO CAMPO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de
Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural,
para obtenção do grau de
Magister Scientiae.

APROVADA: 14 de junho de 2016.

Professora Lílian Perdigão Caixêta Reis

Professor Douglas Mansur da Silva

Professora Sheila Maria Doula
(Orientadora)

Ao universo, que me presenteou com inúmeras pessoas amadas impossíveis de serem citadas nesta breve dedicatória, e ainda a Amábilis irmã de alma e companheira de incontáveis jornadas, minha eterna gratidão.

“Hoje pela manhã sevei meu mate amargo,
pra me fazer um agrado,
e só não ficar.
Meu companheiro de jornada,
nunca faltou na estrada,
um tempo pro meu mate tomar.
Ele representa uma saudade,
daquela cidade,
que um dia foi o meu lugar.

Ali eu não tenho mais gente,
que se assemelha a minha mente,
para então eu retornar.
Talvez um dia de volta,
eu bata na porta,
e os meus pais eu vá visitar.

Não tenho mais medo do mundo,
e nem pelo futuro me deixo preocupar.
Hoje ando de pressa,
mas sem que essa pressa me possa pegar.

Cada passo que dou,
Sei que mais perto estou
De fato do meu lugar.
Lugar esse, que ninguém haja visto,
porque é como um cisco, dentro do olhar.
Não se acha tão fácil,
mas logo ali ele está.

Hoje queria que todos soubessem,
qual é a minha prece,
para o dia de hoje ao levantar.
Não quero tormentas,
nem mesmo alegrias,
que me tirem do lugar.
Eu quero sim a beleza
da mãe natureza,
que faz tranquilizar.

Eu quero o vazio que transborda,
porque senão fecho a porta
do meu caminhar.
E assim eu saio de casa
mesmo sem rumo,
porque não me turbo
se acaso eu não voltar”.

(De onde vim, uma saudade - Aline Barasuol)

AGRADECIMENTOS

A palavra que naturalmente antecede qualquer escrita, aqui neste texto, é GRATIDÃO. Como não agradecer? Como não agradecer por cada um, que de uma forma materializada, ou não presente fisicamente, contribuiu para que esse texto se concretizasse?

Todas as linhas aqui registradas, não foram escritas apenas por mim. Esse texto só foi possível porque muitos dedicaram um pouco do seu tempo, do seu conhecimento e até mesmo do seu coração para que eu, hoje, pudesse vibrar com alegria.

Por isso Eu Sou Grata! (De forma breve, porém intensa) A você que é responsável pelos meus sorrisos enquanto aqui escrevo.

Tem coisas na vida que não se explicam com palavras nem mesmo se expressam por sentimentos. Há algo maior, em algum lugar, dentro do coração guardado e que transborda quando momentos como esse vêm à tona.

Momentos que não representam apenas a conquista de algo, mas a retrospectiva do que se passou, do que se viveu e, ainda mais, com quem e aonde se viveu. São tantos detalhes, tantas histórias, tantas pessoas e tantos acontecimentos, impossíveis até mesmo de serem racionalmente lembrados, mas que estão lá marcados em nosso peito e que ecoam quando algo nos faz sentir.

Queria neste momento que as palavras também falassem o que minhas mãos trêmulas dizem ao escrever estes breves agradecimentos. Gostaria que meus braços, suave e calorosamente abraçassem a cada um que saborear este documento.

Nomear a cada um, aqui, é impossível! Foram e são tantos os que fazem parte da minha história, de quem eu sou e de quem me expresso nesta dissertação. Talvez você não se julgue merecedor desta gratidão, mas sim, você faz parte de mim. Sim, você me ajuda, me apoia e me alegra. Faz-me rir, refletir, pensar e (re)ver, esquecer e até lembrar, vibrar e acreditar. Faz-me também chorar, mas me faz ter coragem para seguir e enfrentar, porque você me faz ver e, ao mesmo tempo, faz-me fechar os olhos para que eu não veja, para que eu apenas sinta. Faz-me seguir e às vezes parar, só para que eu analise o meu caminhar.

E, é por isso, que decidi, aqui, não nomear. Deixar o clichê de lado (não agradecer apenas a Deus, nem aos pais, ou então aos amigos mais próximos) e agradecer sim, a TUDO e a TODOS!

Acredito na unicidade, na ligação de um para com o outro, na nossa ligação! Neste momento não sou mais só eu, ou então, só você que lê... Somos Nós! Somos o resultado dessa relação, somos o impacto de um no outro. Por isso, Sou Grata porque Somos Todos Um.

Gratidão por ser quem tu és e por contribuir na construção de quem Eu Sou, porque só assim posso me expressar (um pouco) nesta dissertação.

Com amor, carinho e Gratidão

Aline Barasuol

PS: Encontrei tantos corações amigos pelo caminho que acho injusto citar apenas alguns nomes neste agradecimento.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE GRÁFICOS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO	1
Contextualização do tema	1
Justificativa da pesquisa	5
O problema de investigação.....	7
Objetivo geral.....	13
Objetivos específicos.....	13
Percurso Metodológico.....	13
CAPÍTULO 1.....	25
LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA	25
1.1 “É aqui a minha terra, é aqui a minha vida, é aqui o meu lugar”: O Rural dos jovens de Derrubadas	25
1.2 Troteando campo a fora: O costumeiro setembro gaúcho.....	50
1.3 Que gurizada é esta?	61
CAPÍTULO 2.....	66
OS DIVERSOS OLHARES SOBRE O RURAL.....	66
2.1 A perspectiva teórica das Representações Sociais	66
2.2 O rural sob as lentes midiáticas e literárias	71
2.3 E no mundo científico? O rural cotidiano no contexto Pós-moderno.....	80
2.4 “Olha... se eu tivesse que optar de novo por ficar no campo, eu ficaria”: o rural na concepção juvenil.....	87
CAPÍTULO 3.....	94
JUVENTUDE(S) RURAL(IS) E SEUS PROJETOS FUTUROS.....	94
3.1 Juventude(s) e Juventude(s) Rural(is)? “Meu Deus do céu! O que responder?”.....	94
3.2 Os projetos de vida juvenis: desenhando o futuro com a gurizada	104

CAPÍTULO 4.....	138
AS EMOÇÕES A PARTIR DA ANTROPOLOGIA E DA SOCIOLOGIA	138
4.1 Contribuições fundamentais da Sociologia e da Antropologia das Emoções	138
4.2 Emoções e subjetividades da gurizada	143
REFLEXÕES QUE NÃO SÃO FINAIS... ..	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para os jovens.....	170
APÊNDICE B – Parecer Consubstanciado de Aprovação	174
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	177

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População rural do Brasil, Região Sul e Rio grande do Sul, 1980 - 2010.	28
Quadro 2 – População entre 15-29 anos, por gênero, residente nos meios rural e urbano, município de Derrubadas, RS.	35
Quadro 3 – Oferta de Instituições de Ensino Superior, Microrregião de Três Passos, Rio Grande do Sul, Brasil. Fonte: E-mec (2016).	44
Quadro 4 - – Perfil geral dos jovens entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	61
Quadro 5 - Escolaridade dos jovens entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	63
Quadro 6 - Características gerais das propriedades e atividade produtiva principal dos entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes em R\$, regiões brasileiras, 2012.	27
Gráfico 2 - Produto Interno Bruto, município de Derrubadas, RS.....	34
Gráfico 3 – População rural e urbana em 2000 e 2010, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.....	34
Gráfico 4 – Pirâmide etária da população rural de Derrubadas (2000 e 2010), Rio Grande do Sul, Brasil.	36
Gráfico 5 – População Rural por gênero no Brasil, Rio Grande do Sul e Derrubadas, 2000-2010.	37
Gráfico 6 - Distribuição da área total do município, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	39
Gráfico 7 – Componentes do IDHM de 1991 a 2010, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquemática da pesquisa de campo.	14
Figura 2 – Jovem 12 em visita à propriedade de associado da Cooperativa na qual trabalha, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	22
Figura 3 – Jovem 8 durante a colheita do trigo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	23
Figura 4 – Jovem 8 recepcionando um grupo de turistas na visita à propriedade – Rota da Cachaça, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	23
Figura 5 – Marido da Jovem 10 e ajudantes na produção de cebola, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	24
Figura 6 – Mapa Político da Região Sul do Brasil.	26
Figura 7 - Localização do município de Derrubadas, Microrregião de Três Passos, Mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil.	29
Figura 8 – Pórtico de entrada da cidade de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	30
Figura 9 - Sede do município de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	31
Figura 10 – Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	31
Figura 11 – Praça Dorival Rigodanzo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	32
Figura 12 – Prefeitura Municipal, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	32
Figura 13 – Rua da cidade, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	33
Figura 14 – Mapa de uso da terra, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	38
Figura 15 – Lavoura de soja, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	39
Figura 16 – Lavoura de trigo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	40
Figura 17 – Lavoura de milho, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	40
Figura 18 – Resfriador de leite, propriedade de um agricultor familiar com foco na produção leiteira, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	41
Figura 19 – Escola Municipal Salto Grande, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	42
Figura 20 – Escola Estadual de Ensino Médio Getúlio Vargas, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	43
Figura 21 – Escola Municipal de Educação Infantil Meu Primeiro Passo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	44
Figura 22 - Mapa de localização dos municípios com Instituições de Ensino Superior, Rio Grande do Sul, Brasil.	45
Figura 23 – Posto de Saúde municipal, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	46
Figura 24 - Localização do Parque Estadual do Turvo (PET), município de Derrubadas, RS.	47
Figura 25 – Visão panorâmica do Salto Yucumã, circundado pelo Parque Estadual do Turvo, município de Derrubadas, RS.	47
Figura 26 – Material de divulgação dos roteiros turísticos de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	48

Figura 27 – Centro de Informações Turísticas de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	48
Figura 28 – Localização da Rota do Yucumã, Noroeste Colonial, Rio Grande do Sul, Brasil.	49
Figura 29 – Chama Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	52
Figura 30 – Cavalarianos carregando a Chama Crioula e chegando ao município de Derrubadas, Rio Grande do Sul.	53
Figura 31 – Cavalarianos em frente ao CTG Veteranos da Tradição, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	53
Figura 32 – Roda de Chimarrão, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	55
Figura 33 – Ato cívico, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	56
Figura 34 – Declamação de poesias pelos alunos, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	56
Figura 35 – Apresentação da internada artística mirim, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	57
Figura 36 – Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	58
Figura 37 – Três lenços que representam as divisões de lutas do passado, Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	58
Figura 38 – Símbolos do Rio Grande do Sul ofertados na Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	59
Figura 39 – Costelão em fogo de chão, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	59
Figura 40 – Internada artística juvenil, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	60
Figura 41 – Localização de moradia dos entrevistados no município, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	62
Figura 42 - Representações Sociais dos jovens da pesquisa sobre o meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	87
Figura 43 - Mapa do projeto de vida do Jovem 1, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	110
Figura 44 - Mapa do projeto de vida do Jovem 2, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	111
Figura 45 - Mapa do projeto de vida da Jovem 3, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	112
Figura 46 - Mapa do projeto de vida do Jovem 4, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	113
Figura 47 - Mapa do projeto de vida da Jovem 5, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	114
Figura 48 - Mapa do projeto de vida da Jovem 6, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	115
Figura 49 - Mapa do projeto de vida da Jovem 7, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	116
Figura 50 - Mapa do projeto de vida do Jovem 8, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	118

Figura 51 - Mapa do projeto de vida do Jovem 9, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	119
Figura 52 - Mapa do projeto de vida da Jovem 10, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	120
Figura 53 - Mapa do projeto de vida da Jovem 11, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	121
Figura 54 - Mapa do projeto de vida do Jovem 12, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	122
Figura 55 - Subjetividades (representações e emoções) dos jovens participantes da pesquisa a respeito dos seus projetos futuros, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	136
Figura 56 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente ao campo e ao meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	144
Figura 57 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente a permanecer no meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	145
Figura 58 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente a sair do meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	146
Figura 59 - Emoções dos jovens participantes da pesquisa referente ao trabalho de agricultor, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	149
Figura 60 - Imagem exposta aos jovens na dinâmica do grupo focal, pesquisa de campo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	150
Figura 61 - Emoções dos jovens participantes da pesquisa referente a jovens rurais, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.	151

RESUMO

BARASUOL, Aline, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2016.
Juventude rural e emoções: fatores subjetivos de valorização do campo.
Orientadora: Sheila Maria Doula.

Evidencia-se que inúmeros discursos, por vezes antagônicos, sobre valorização, desvalorização e revalorização do mundo rural estão sendo difundidos na sociedade brasileira. À vista disso, esta investigação priorizou o eixo de valorização positiva sobre o rural, identificando e visualizando a dinâmica das representações dos jovens que vivem nesse espaço. Fundamenta-se aqui o olhar para a subjetividade do jovem, entendendo as diversas relações vivenciadas – consigo, com a família, com o meio e com o mundo. Dessa forma, procurou-se compreender os aspectos subjetivos envolvidos na elaboração dos projetos futuros da juventude rural, considerando que a subjetividade está fundamentalmente correlacionada aos fatores emocionais (emoções e sentimentos) e às escalas valorativas que orientam a leitura juvenil sobre o mundo. Para tanto, objetivou-se nesta dissertação compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS. Como suporte teórico baseou-se na Sociologia da Juventude, na Teoria das Representações Sociais e na Sociologia e Antropologia das Emoções. Além da pesquisa bibliográfica, utilizou-se a pesquisa de campo, buscando a combinação de estratégias para a coleta de dados que envolveram três intervenções principais com jovens voluntários: entrevista individual, construção individual de mapa do projeto de vida e grupo focal. As intervenções se deram com os mesmos jovens, formando assim um “grupo principal de análise” com doze jovens do município. A estruturação desta investigação configura-se da seguinte maneira: inicialmente a parte introdutória que apresenta o delineamento geral da pesquisa, bem como o percurso metodológico percorrido pela pesquisadora; já no primeiro capítulo contextualiza-se o lócus da pesquisa e traça-se o perfil geral dos sujeitos participantes desta investigação; no capítulo 2 são abordadas as diversas visões acerca do mundo rural (científica, midiática e literária), inclusive as próprias representações dos jovens entrevistados sobre esse meio; no capítulo 3 reflete-se principalmente sobre o debate da(s) juventude(s) rural(is), a percepção dos envolvidos acerca da juventude e juventude rural e ainda os projetos de vida

mapeados; por fim, no quarto capítulo apresenta-se o debate que envolve a Sociologia e a Antropologia das emoções destacando os sentimentos revelados pelos jovens de Derrubadas em relação ao meio rural. Quanto aos resultados encontrados, observou-se uma forte e positiva relação dos jovens com o meio rural e com o lugar onde vivem. A forma como os participantes da pesquisa se expressam (o modo de falar, os suspiros, o olhar, os silêncios e os ruídos) quando se referem ao campo demonstra o “gostar” e o “apreço” pelo seu modo de vida. Além disso, foram evidenciados fatores subjetivos em seus projetos futuros, tanto nas projeções em longo prazo quanto no momento atual de sua vida, indicando também emoções positivas envolvidas nessa fase de vida. As principais emoções vinculadas ao meio rural foram: alegria e prazer. Por fim, observou-se que para essa “gurizada” permanecer no campo é um desejo, uma escolha e não uma fatalidade.

ABSTRACT

BARASUOL, Aline, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2016. **Rural youth and emotions: subjective factors of valuation field.** Advisor: Sheila Maria Doula.

It's evident that numerous speeches, sometimes antagonistic, on valuation, devaluation and revaluation about the rural world are being disseminated in Brazilian society. Accordingly, this research has prioritized the positive value of axis on rural, identifying and visualizing the dynamics of the representations of young people living in that space. It is based here the look of young people to subjectivity, understanding the various lived relationships - with themselves, with their families, with the environment and with the world. Thus, we tried to understand the subjective aspects involved in the development of future projects of rural youth, considering that subjectivity is fundamentally correlated to emotional factors (emotions and feelings) and evaluative scales that guide the reading of the youth about the world. Therefore, the aim of this thesis is on the representations and positive emotions about the contemporary rural and how it influences the elaboration of life projects of the young people from Derrubadas/ RS. The theoretical support is based on the Sociology of Youth in the Social Representation Theory and in the Sociology and Anthropology of Emotions. In addition to the literature, we used the field research, seeking the combination of strategies to the collecting data that involved three main interventions with young volunteers: individual interviews, individual construction map design life and focus group. The interventions were carried out with the same young people, thus forming a "core group analysis" with twelve young people from the municipality. The structuring of this research sets up the following way: initially the introductory part that presents the general research design and the methodological path traversed by the researcher; in the first chapter there is a contextualization of the research locus and we pinworm the general profile of participants in this research; in the second Chapter are addressed the diversity of views about the rural world (scientific, media and literary), including the own representations of young people interviewed about this environment; on the third Chapter is reflected above all the debate about the Youth(s) Rural (is), the perception of those involved about youth and rural youth and also the mapped life projects. Finally, the fourth chapter presents

the debate surrounding the sociology and anthropology of emotions, highlighting the feelings revealed by the youth from Derrubadas about the rural areas. According to the results, there was a strong and positive relationship of young people with the countryside and the place where they live. The way that the participants express themselves (the way that they speak, the sighs, the look, the silence and the noise) when they refer to the field, shows the "like" and "appreciation" about their lifestyle. In addition, subjective factors were highlighted in their future projects, both long-term projections as at the moment of their lives. That indicates positive emotions that are involved in this moment of life. The main emotions linked to the rural areas were joy and pleasure. Finally, it was observed that for this "gurizada" remain in the field is a desire, a choice and not a fatality.

INTRODUÇÃO

Contextualização do tema

“O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele [...] empobrece enormemente a compreensão que nós temos do que é o Brasil” (MARTINS, 2013). Essa afirmação de José de Souza Martins infere uma pertinente reflexão, na qual se percebe uma reduzida e desvalorizada compreensão sociocultural do que venha a ser o “rural”. É inegável que historicamente se mantém um imaginário negativo a respeito do rural, percebendo-o em uma relação de subalternidade com o urbano (CASTRO, 2009). Aliás, ao homem do campo sempre foi atribuída a marca pejorativa de jeca tatu, matuto e caipira, uma noção simplista e inferior de quem não conseguiu progredir, se modernizar e nem mesmo vencer na vida (MENEZES, 2009).

Por outro lado, as grandes mídias de massa, principalmente a televisão, inspiram um olhar romântico e utópico que envolve esse espaço e seu estilo de vida. Isso se percebe em telenovelas e programas com enfoque no meio rural que, por um lado, idealizam esse espaço como harmônico, rústico e ingênuo e, por outro lado, como lugar moderno, tecnológico e arrojado. Assuntos como o novo perfil dos rurais, a importância das atividades econômicas deste meio para a economia do país, o rural como espaço de lazer e turismo, a abundância da natureza e da biodiversidade, o campo como produtor de alimentos e ainda um rural sustentável têm sido explorados para enaltecer não apenas o meio, mas os sujeitos que vivem e sobrevivem do “rural”.

A constatação do espaço rural como “terra de oportunidade”, prosperidade e vigor particularmente atraente e vinculada aos jovens que ali podem ter acesso à renda, ao conforto e às tecnologias, contrasta de forma inequívoca com os estudos demográficos que vêm enfatizando a tendência à migração juvenil, à masculinização e ao envelhecimento da população do campo. O exemplo da chamada de reportagem abaixo – exibida no programa Globo Repórter em março de 2015 – ilustra claramente o novo olhar que vem sendo construído em relação ao meio rural, invertendo a lógica da migração campo-cidade.

A vida no campo está mais atraente que nas cidades? No coração do Brasil, o Globo Repórter revela um novo perfil do trabalhador rural.

Caipira? Rústico? Esquece. Conectado, trabalhando com celular e internet, ele já não vive isolado - nem vê motivos para buscar emprego nas cidades.

Vaqueiros com carteira assinada: ganham 18 salários por ano e vivem em casas muito confortáveis - sem pagar aluguel. Doutores do campo - jovens que estudaram e encontraram o caminho da prosperidade longe dos grandes centros.

Os ventos da mudança revelam as novas terras de oportunidades. Distantes, mas cheias de possibilidades para quem quer crescer e trabalhar muito.

A modelo que abandonou as passarelas para ganhar a vida no interior do Tocantins não se arrepende. E as pequenas cidades que oferecem trabalho até para quem vem de longe¹.

Tal contraste mostra que interpretações antagônicas sobre valorização, desvalorização e revalorização do mundo rural estão circulando na sociedade brasileira e podem afetar as percepções que as populações rurais elaboram sobre si mesmas. À vista disso, pesquisadores como Elisa Guaraná de Castro, Anita Brumer, Maria de Assunção de Lima de Paulo, Maria José Carneiro, Valmir Luiz Stropasolas, Nilson Weisheimer, Rodrigo Kummer, entre outros, apontam para um conjunto de fatores influenciadores nos projetos futuros dos jovens, projetos estes que acabam sendo elaborados em função da cidade.

De acordo com tais pesquisas, é percebido que os aspectos econômicos, as demandas educacionais, de direitos e igualdade, entre outras oportunidades visualizadas nos contextos urbanos, influenciam as escolhas dos jovens rurais. É válido ressaltar que um dos principais aspectos apontados nos estudos de juventude rural diz respeito “à tendência emigratória dos jovens, em grande parte justificada

¹ GLOBO REPÓRTER. Globo Repórter revela o novo perfil do homem do campo no Brasil. Reportagem exibida em 18 de março, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/03/globo-reporter-revela-o-novo-perfil-do-homem-do-campo-no-brasil.html>. Acesso em: 10 mai. 2015.

por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola” (BRUMER, 2007, p. 36).

Cabe ressaltar que, de acordo com Anita Brumer, há poucos estudos no Brasil a respeito dos projetos futuros dos jovens rurais. É interessante a posição de Brumer (2007, p. 50), quando esta propõe “que em lugar de procurar responder à questão ‘por que os jovens saem do meio rural’ busque-se responder à questão ‘por que os jovens permanecem no meio rural’”. Esse questionamento, por parte da autora, revela a importância de se compreender profundamente a realidade onde o jovem rural está inserido, o que implica conhecer efetivamente o trabalho, as condições de vida e os aspectos subjetivos, ou seja, as representações dos próprios jovens.

Em relação a esse debate, prioriza-se e fundamenta-se nesta investigação o olhar para a subjetividade² do jovem, entendendo as diversas relações por ele vivenciadas – consigo, com a família, com o meio e com o mundo (PAULO, 2011). Propõe-se aqui compreender os aspectos subjetivos envolvidos na elaboração dos projetos futuros da juventude rural, considerando que a subjetividade está fundamentalmente correlacionada aos fatores emocionais (emoções e sentimentos) e às escalas valorativas que orientam a leitura juvenil sobre o mundo. Essa compreensão poderá propiciar o conhecimento da importância que os indivíduos atribuem a certos vínculos emocionais, pois estes podem influenciar suas escolhas futuras.

Para tanto, esta investigação está alicerçada no aporte teórico da Sociologia e da Antropologia das Emoções, um campo recente que vem se consolidando “na busca de situar as emoções como categoria central para se pensar a inter-relação entre indivíduo e sociedade” (KOURY, 2014, p. 841). O primeiro pressuposto desse campo teórico é negar que os aspectos individuais da experiência humana são estritamente “instintivos” e não passíveis de reflexões socioantropológicas. Essa afirmação, historicamente, está arraigada ao senso comum ocidental, porém ao longo das últimas décadas, esse quadro vem mudando e o debate sobre os fatores emocionais tem encontrado uma forma de dialogar com as ciências sociais, ganhando espaço por associarem-se às representações sociais, uma vez que “as emoções

² Subjetividade de acordo com o Dicionário Aurélio (online) está relacionada ao que é subjetivo; relativo ao sujeito ou nele existente; se passa no íntimo do sujeito (como ele vê, sente e pensa). De acordo com Kátia Maheirie, “A subjetividade é compreendida como uma dimensão do sujeito, assim como a objetividade que, relacionadas dialeticamente no contexto social, produzem o sujeito. Este, na medida em que surge, passa a ser produtor destas relações, revelando-se como uma síntese inacabada” (MAHEIRIE, 2002, p. 37).

passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14).

Dessa forma, enfatiza-se aqui o processo relacional entre o indivíduo, a cultura e a sociedade, uma vez que as experiências sociais singulares são produtos desse processo, ou seja, é a partir das constantes e contínuas interações sociais que “os conteúdos simbólicos e práticas culturais de contextos sociais específicos promovem, agenciam, permitem ou ponderam desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõem interditos a outras” (KOURY, 2009, p. 9). Sendo assim, este processo relacional é constituído por um conjunto de materiais simbólicos compartilhados socialmente.

Alicerçada nesse aporte teórico, esta investigação priorizou o eixo de valorização positiva sobre o rural, identificando e visualizando a dinâmica das representações dos jovens que vivem nesse espaço. Cabe destacar que as representações estão intimamente ligadas aos processos cognitivos e às interações sociais dos indivíduos, pois se tratam de sistemas de interpretação que regem a relação do indivíduo com o mundo e com os outros, orientando dessa forma as condutas individuais e as comunicações sociais (JODELET, 2001).

As abordagens ligadas a essa área de conhecimento são extremamente importantes na medida em que contribuem para o debate de aspectos relacionados tanto à vida mental individual quanto coletiva dos sujeitos, uma vez que, como fenômenos cognitivos transmitidos socialmente por meio da comunicação social, as representações “envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento” (JODELET, 2001, p. 22).

Por fim, o lócus empírico desta investigação foi o Rio Grande do Sul, especificamente Derrubadas, município localizado no noroeste do estado. Salientam-se os aspectos rurais de tal município, uma vez que o universo populacional envolve 3.190 habitantes, sendo que dessa totalidade aproximadamente 72% são residentes do meio rural, bem como cerca de 69% (453 jovens) da população jovem total também reside no meio rural (IBGE, 2010). Destaca-se ainda que a pesquisa envolveu um grupo principal de análise com doze jovens rurais do município e para tanto foram combinadas diferentes técnicas de coletas de dados que abarcaram três principais etapas: entrevista individual, construção individual do mapa do projeto de vida e grupo focal.

Ademais, cabe indicar que em decorrência do contexto onde estão inseridos os jovens – Rio Grande do Sul – serão utilizados em diversos momentos os termos *guria* para as jovens rurais/moças e *guri* para os jovens rurais/rapazes, uma vez que os termos são culturalmente construídos como categorias classificatórias nativas.

Justificativa da pesquisa

A primeira justificativa para esta investigação ser desenvolvida em um programa de pós-graduação em Extensão Rural reside em dar relevância aos jovens como atores de um processo histórico-sócio-cultural que está em constante construção e é influenciado pelo universo simbólico que compõe as realidades por eles vivenciadas (PAULO, 2011; STROPASOLAS, 2013; CARNEIRO e CASTRO, 2007; BRUMER, 2007). Ressalta-se que o interesse pelos estudos envolvendo a(s) juventude(s) rural(is) vem ganhando expressividade no espaço acadêmico, porém ainda há em aberto um campo significativo para investigações que indiquem outras motivações para as trajetórias juvenis e que possam questionar o viés interpretativo do destino inevitável do êxodo juvenil para as cidades. Cabe salientar que a proximidade com os estudos referentes à categoria analítica Juventude Rural reflete o suporte e apoio das discussões proporcionadas pelo grupo de pesquisa do Observatório da Juventude Rural (UFV), sendo este um dos fatores motivadores desta proposta de investigação.

Outro fator motivador refere-se ao fato de haver uma lacuna na literatura a respeito das emoções no meio rural, em especial ao tratar-se dos projetos de vida dos jovens rurais, bem como ao relacionar as emoções às escolhas juvenis de permanecer ou sair do campo. “Há um campo de discussão a se solidificar. O “ficar” em relação ao sair não é um fato essencialmente novo de pesquisa, mas é uma realidade social latente por explicações” (KUMMER, 2013, p. 15). Dessa forma, esta investigação contribui com os estudos da Extensão Rural por problematizar os projetos de vida dos jovens rurais, a diversidade de influências no cotidiano desses jovens e ainda a pluralidade das transformações e (re)configurações do meio rural que permitem ao segmento juvenil rever, desconstruir, reconstruir e criar representações e valores para orientar suas decisões.

É fator instigante para essa proposta o recente campo de reflexão das ciências sociais, onde se tem o desafio de fortalecer uma Sociologia e uma Antropologia das Emoções, em contraponto às antigas definições que consideravam os aspectos subjetivos humanos como processos estáticos e universalizantes, exclusivamente individuais ao self. Os estudos referentes às emoções foram impulsionados com a abordagem interpretativa, especialmente na antropologia internacional (década de 1970 nos Estados Unidos), quando foi reestruturada a noção de cultura.

A partir de 1980, nos Estados Unidos, as discussões acerca das emoções fundamentavam-se em uma “perspectiva relativista que tratava os sentimentos como conceitos culturais que mediam e produzem a experiência afetiva” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14). Nesse momento problematiza-se a separação entre estados subjetivos e sentimentos sociais, pois também nesse período, as noções de ‘pessoa’ e ‘subjetividade’, passam a ser entendidas como construções culturais. Dessa forma, “as relações entre as pessoas, instituições, grupos e sociedades e os sentimentos associados são, ao mesmo tempo, produto e produtores dos processos de interação” (KOURY, 2009, p. 9). Embora seja uma perspectiva nova nas ciências sociais, o que motiva a utilizá-la nesta pesquisa é poder aprofundar o conhecimento sobre a forma como os modelos culturais do mundo rural são valorizados, seja positiva ou negativamente, produzindo assim certas emoções e, conseqüentemente, como estas orientam os jovens ao traçarem seus projetos de vida.

Finalmente, justifica-se a pesquisa em face da histórica compreensão negativa e a forte desvalorização de quem mora e trabalha no meio rural, percebendo-o sempre em relações subalternas ao meio urbano (CASTRO, 2009). Vale destacar que na maioria, as pesquisas evidenciam os aspectos negativos do campo ou então os fatores positivos da cidade. Ao levar em conta que essas visões, negativas e desvalorizadas acerca do rural, podem e por vezes interferem nas representações que os jovens têm de si mesmos e do meio em que estão inseridos, busca-se nesta pesquisa direcionar a análise para os fatores positivos (aspectos de valorização) do rural – esquecidos e/ou pouco estudados –, que também estão influenciando constantemente na construção do universo simbólico do jovem rural.

O problema de investigação

Diversas pesquisas apontam para a grande incidência migratória da população rural no processo histórico brasileiro, principalmente em relação ao segmento juvenil. Recentemente, Stropasolas (2013, p. 4), com base nos dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indica que “existem aproximadamente 8,1 milhões de jovens rurais na faixa etária de 15 a 29 anos, o que representa 27% de toda a população que vive no campo”. De acordo com o autor, cerca de 2 milhões de pessoas saíram do meio rural nos últimos 10 anos, sendo que deste total metade são jovens, o que pressupõe “processos de envelhecimento e masculinização da população que permanece no campo, embora hajam especificidades em relação a essas tendências em determinados territórios do país” (STROPASOLAS, 2013, p. 4).

Em relação ao recorrente debate de migração juvenil, diversos pesquisadores como Elisa Guaraná de Castro, Anita Brumer, Maria de Assunção Lima de Paulo, Maria José Carneiro, Valmir Luiz Stropasolas, Nilson Weisheimer, Rodrigo Kummer entre outros – ressaltam os múltiplos fatores motivadores para a “saída” dos jovens do meio rural, sendo eles ligados à pretensão de novos projetos pessoais, profissionais e/ou educacionais que proporcionem melhorias econômicas ou satisfação pessoal. No entanto, vale salientar que as diversas pesquisas apontam para um dos fatores principais que justificam a significativa tendência migratória dos jovens rurais, e este está ligado a um viés relativamente negativo da atividade agrícola, bem como do meio em que se vive (PAULO, 2013; BRUMER, 2007).

“A desvalorização do mundo rural frente ao mundo urbano não é um fato novo”. Historicamente associam-se as atividades desenvolvidas no campo à ideia de um rural atrasado enquanto ao urbano cabe a perspectiva de progresso, do que é desenvolvido e moderno (MENEZES, 2009, p. 26). Com essa herança simbólica, há uma tendência clara por parte dos jovens em rejeitar o trabalho agrícola como base para um projeto de futuro (PAULO, 2013).

Nesse sentido, Paulo (2013) resalta a presença do sentimento de inferioridade nas falas e comportamentos dos jovens rurais em sua pesquisa no interior de Pernambuco. De acordo com a autora, os jovens, principalmente as moças, descrevem o trabalho agrícola como sendo um “trabalho “sujo” (no seu duplo

significado) que “suja” também a imagem do jovem perante a sociedade mais geral” (PAULO, 2013, s.p). Assim sendo, como expõe a autora,

apresentar-se como trabalhador rural é, portanto, assumir a identidade de “atrasado”, “ignorante”, “matuto” e “sujo” e sem as “boas maneiras” “civilizadas” que a sociedade moderna ensina, quando se está diante do jovem da cidade que está sempre “limpo”, com a pele “limpa” (PAULO, 2013, s.p).

É válido mencionar o que Menezes (2009, p. 29) aponta sobre a mídia diante dessa relação. Segundo o autor, os veículos midiáticos exploram e cada vez mais reforçam essa visão, pois transmitem a imagem do agricultor que “sempre está no labor, com roupas simples, falando errado, em sua casinha modesta, cozinhando em fogão à lenha, em panelas de barro”.

“Por outro lado, o mundo rural [...] começa a ser reavaliado” (MENEZES, 2009, p. 34). De acordo com Stropasolas (2006, p. 54), enxerga-se uma nova perspectiva do mundo rural quando estes espaços passam a ser vistos como lugares de oportunidades antes escassas, ou seja, nos pequenos municípios são encontradas agora novas oportunidades de “empregos não-agrícolas, pequenas unidades agroindustriais, educação, saúde, cultura, lazer, entre outros”. A partir desta nova perspectiva, ao rural relaciona-se um novo status, “colocando-se em relevo noções positivas do mundo camponês em relação ao tempo, ao espaço, ao trabalho e à sociedade” (STROPASOLAS, 2006, p. 62).

Dessa forma, há em construção uma nova representação do rural, onde se valoriza e resgata a importância desse espaço em sua totalidade, bem como das populações ali residentes. Contudo, a escolha em permanecer no meio rural envolve também uma avaliação positiva por parte do jovem rural sobre o seu meio e o seu modo de vida. Nessa perspectiva, Weisheimer (2009), ao avaliar a situação juvenil do Rio Grande do Sul, considera que embora a situação da juventude rural seja caracterizada por uma baixa autonomia material, há uma intensa socialização no processo de trabalho familiar e ainda há uma predominância de representações positivas desses sobre a atividade e o meio rural.

De acordo com Stropasolas (2006, p. 62), essa nova representação do rural gera “um conflito entre diferentes visões e interesses”. Dessa forma, “a identificação de si como jovem rural está implícita no universo cultural em que os jovens ora abraçam, ora rejeitam” (LIRA, 2012, p. 8). Ao atestar tal apontamento, percebe-se

que as visões antagônicas do meio rural acabam por influenciar o modo como o jovem rural se vê e como vê o mundo.

Assim, os diversos repertórios culturais, de representações e valores a respeito do meio rural, transpassados por meio da família, da escola, da religião, das diversas instituições e ainda, da mídia para o jovem, encontram expressão a partir de sentimentos e emoções particulares que conseqüentemente serão partilhados nas interações sociais. Além disso, cabe salientar que tais instituições, tanto as formais quanto as informais, principalmente as que estão vinculadas diretamente ao jovem, interferem de alguma forma na construção deste como indivíduo, ou seja, as representações e emoções, os projetos de vida e o ver e agir dos jovens sofrem influências de tais fontes.

Diante deste apontamento cabe entender os jovens rurais como atores sociais do meio em que vivem e ainda imersos em um contexto plural e contemporâneo que proporciona uma intensa interrelação e mobilidade espacial dentro dos diversos espaços (campo-cidade/rural-urbano), possibilitando de tal forma, ao jovem, rever e reavaliar seus conteúdos simbólicos. Com isso, os constantes e contínuos fluxos entre campo e cidade possibilitam aos jovens uma releitura dos padrões valorativos tanto rurais quanto urbanos, construindo assim novas sociabilidades e novos projetos de vida (CASTRO, 2009). Em contribuição, Froelich (2002) aponta que nessa dinâmica, os sujeitos não mais pertencem a um único espaço ou a um único grupo social; isso se justifica pela possibilidade de mobilidade simbólica além da mobilidade espacial (campo-cidade), salientando a relevância da primeira “que se expressa pela capacidade do indivíduo de mover-se entre vários universos culturais em diferentes escalas espaço-temporais, e de lidar com um amplo repertório de material simbólico” (FROELICH, 2002, p. 1). Ao levar em conta essa dinâmica, Paulo (2013), em sua pesquisa no interior de Pernambuco, constata que os jovens – rapazes e moças dos Sítios, como eles se definem –,

vivenciam os dilemas relacionados à condição de ser jovem rural na contemporaneidade: compartilhar os valores e o modo de vida da família camponesa, que tem como um dos fundamentos o trabalho na agricultura como um elemento da honra, e, por outro lado, ser reconhecido no meio juvenil, principalmente na cidade, como alguém que possui conhecimentos e práticas ligadas à vida moderna e que, por sua vez, são mais valorizados por esta sociedade (PAULO, 2013, s.p.).

Nessa linha de argumentação, Rossi e Bertonecello (2007, p. 22) evidenciam “a complexidade e os diferentes imbricamentos que contribuem para a permanência ou não da juventude no campo”. Conforme afirma Castro (2005), a juventude rural encontra-se frente a muitos desafios e incertezas entre “ficar e sair”, pois como destaca Stropasolas (2013), os jovens na contemporaneidade experimentam e vivenciam novos e complexos “conflitos de valores e de visão de mundo”, conflitos esses

entre os gêneros e as gerações, que se manifestam sobretudo na dimensão da vida social e cultural, especificamente, nos significados de ser jovem e rural, nas escolhas profissionais e nos projetos de vida, nas relações de sociabilidade, nos modelos de família e casamento, na religiosidade, na vida afetiva e orientação sexual, entre outros (STROPASOLAS, 2013, p. 2).

Em meio a esse debate, a presente pesquisa sugere um olhar para além da racionalidade econômica do jovem, bem como para além da desvalorização do meio rural, aspectos apontados em precedentes pesquisas como fator forçoso de migração juvenil. Pretendeu-se nesta investigação identificar e compreender a dinâmica das representações, percepções, emoções e sentimentos dos jovens inseridos nos contextos rurais, observando a complexidade dos diversos fatores envolvidos nesse espaço (ambiente, trabalho, laços familiares e sociais, e ainda a relação com a cidade), destacando a influência de tais fatores subjetivos na construção de uma perspectiva positiva em relação ao rural.

Em seu estudo, Rossi e Bertonecello (2007, p. 8) apresentam a importância da subjetividade na constituição dos sujeitos e compartilham da perspectiva de Lane (2002), que “esclarece que a subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e as suas instituições, sendo que estas relações são mediatizadas pelas emoções, pela linguagem e pelo pensamento que orientam o processo de subjetivação/objetivação”.

Seguindo a ideia das autoras, é fundamental compreender o processo pelo qual o ser humano (re)produz a realidade, assim como conhecer quais processos são inerentes à constituição do sujeito num determinado momento histórico-político-cultural. Sendo assim, dentro do campo teórico referente às emoções, parte-se “do subjetivo que movimenta o ator social à ação, mas, não se restringe ao estritamente subjetivo, e sim, às formas relacionais que assumem as ações sociais quando direcionadas objetivamente para um outro”, resultando em um processo interacional

de trocas e compartilhamentos socioculturais (KOURY, 2009, p. 9). Assim, tanto a sociologia quanto a antropologia das emoções refletem e buscam revigorar as análises das ciências sociais “introduzindo perspectivas novas e importantes da grande questão interna da sociologia em geral, como disciplina, que é da intersubjetividade” (KOURY, 2009, p. 84). Dessa forma, enfatizam-se nesta pesquisa

os fatores sociais, culturais e sociológicos que encontram expressão em sentimentos e emoções particulares, compreendendo como esses sentimentos e emoções interatuam e se encontram relacionados com o desenvolvimento de repertórios culturais distintos nas diferentes sociedades (KOURY, 2009, p. 84).

Nesse sentido, cabe aqui destacar um dos poucos estudos encontrados que apresenta relação direta entre as emoções e a juventude rural. Furlani e Bomfim (2010) buscaram analisar o projeto de vida dos jovens (13 a 19 anos) de um ambiente rural e um ambiente urbano a partir da afetividade em relação às localidades das quais os jovens faziam parte. As autoras apoiam-se na metodologia de construção de mapas afetivos a partir da subdivisão de afirmações explicitadas pelos jovens em categorias. Por meio da construção desses mapas encontraram-se imagens de Pertinência (sentimentos, emoções ou palavras de identificação); Contrastes (sentimentos, emoções e palavras que se contradizem); Agradabilidade (palavras que demonstram sentimentos de vinculação ao lugar onde os jovens moram em relação às qualidades positivas); Insegurança (sentimentos e palavras que envolvem situações inesperadas, instáveis e até negativas).

Embora este estudo não tenha resultado em uma diferenciação completa entre jovens rurais e urbanos, algumas nuances foram percebidas. Ressalta-se que a categoria Agradabilidade teve maior percentual em relação ao ambiente rural, ou seja, “a agradabilidade associada ao ambiente rural se deu devido às qualidades do local, que evocam sentimentos de bem-estar nas pessoas que lá habitam” (FURLANI; BONFIM, 2010, p. 53). Relacionado às emoções correspondentes ao ambiente rural, as autoras destacam na categoria de agradabilidade sentimentos como: alegria, amor, felicidade, harmonia, esperança, tranquilidade, orgulho, sossego, paz, acolhimento, liberdade, paixão, união, generosidade e fé. Nesse sentido, é importante mencionar ainda que os jovens rurais estudados por elas indicam em sua maioria não desejar a permanência futura no lugar onde vivem, embora demonstrem com grande clareza o gosto pelo rural e um envolvimento

significativo de sentimentos positivos em relação ao ambiente. De acordo com o estudo, a intensão futura de migração justifica-se pelo fato de não haver maiores oportunidades profissionais locais. Porém, por mais que a maioria indique esta tendência de saída com “ressalvas”, há um considerável percentual (cerca de 40%) de jovens que afirmam como base para seus projetos futuros a permanência no meio rural, percebendo assim o vínculo afetivo que os mesmos possuem com o lugar de origem.

À vista disso, é válido destacar que a juventude pode ser lida e compreendida por meio de seus sonhos, pelepas, emoções, sentimentos, valores, simbologias e representações. A partir dessa premissa, percebe-se a importância de se olhar para a subjetividade do indivíduo e compreender as emoções e os sentimentos envolvidos, uma vez que o seu sentido e o seu significado podem auxiliar os indivíduos na interpretação do mundo e, principalmente, na tomada de decisões que orientarão as ações. Aqui, cabe um direcionamento especial a estes fatores influenciadores nas escolhas juvenis de ‘ficar ou sair’ do meio rural.

Diante do exposto, não se tem a intenção de defender a permanência ou não desses atores no meio rural; o intuito desta pesquisa foi perceber os aspectos subjetivos norteadores nos projetos de vida do jovem rural fazendo com que isso seja fator determinante na escolha desse em permanecer no campo. Aqui se ressalta o entendimento das correlações das dinâmicas que estão em constante movimento (sujeito, contextos, valores, opiniões, sentidos e emoções) e que vão muito além de uma escolha vinculada às interferências sujeito-ambiente. Diante disso, há que se perguntar:

- Quais aspectos do rural são valorizados pelos jovens?
- Que representações positivas os jovens rurais elaboram sobre o meio em que vivem? Quais instituições influenciam essas representações?
- Quais são os aspectos subjetivos envolvidos nos projetos de vida dos jovens rurais? E de que forma esses aspectos influenciam na decisão de permanecer no campo?

Objetivo geral

Compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS.

Objetivos específicos

- Investigar diferentes aspectos subjetivos entre os gêneros em relação ao meio rural.
- Analisar de que forma os vínculos emocionais ligados ao campo, à família e ao modo de vida interferem na decisão dos jovens em permanecer no meio rural.
- Investigar como as diferentes instituições ligadas aos jovens criam, reelaboram e divulgam representações positivas e negativas sobre o rural.

Percurso Metodológico

O fato de entender o mundo como representação – “o mundo, como o conhecemos e o experienciamos” – requer da pesquisa social uma análise concisa e coerente dos dados sociais que são resultantes dos processos comunicativos. Nesse sentido, ao refletir a respeito deste tipo de pesquisa, “uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais, exige muitos métodos e dados: [ou seja] um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015, p. 20).

Nessa perspectiva, para o alcance dos objetivos propostos nesta investigação apoiou-se na metodologia qualitativa do tipo exploratória. Cabe destacar que o caráter qualitativo dos estudos é empregado pela alta complexidade dos problemas investigados, além de estar relacionado com o espaço mais profundo das relações sociais, envolvendo um universo múltiplo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, enfim envolvendo processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização quantitativa de variáveis (MINAYO, 2001).

A respeito da coleta de dados, alicerçou-se na pesquisa bibliográfica, bem como na pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica torna-se imprescindível para o

entendimento teórico a respeito da temática proposta, assim como para a definição das categorias analíticas dessa investigação – Juventude(s) Rural(is); Projetos de vida; Representações Sociais; Emoções.

Na pesquisa de campo levou-se em consideração que a pesquisa social, como mencionada anteriormente, “apoia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015, p. 20). Com isso, segundo Bauer, Gaskell e Allum (2015, p. 22), “a realidade social pode ser representada de maneiras informais ou formais de comunicar e [...] o meio de comunicação pode ser composto de textos, imagens ou materiais sonoros”. Portanto, de acordo com esses autores, na pesquisa de campo há que se atentar para os dois modos de dados sociais: a comunicação formal e a informal; além de considerar os três meios em que esses dados são construídos, que são os textos, imagens e os sons.

Nesse sentido, teve-se a preocupação de contemplar essa dinâmica social tal como apresentada por Bauer, Gaskell e Allum (2015), buscando estratégias e combinando algumas técnicas de coleta de dados que estão sintetizadas e esquematizadas abaixo na Figura 1.



Figura 1 – Esquematização da pesquisa de campo.
Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Como pode ser observado, foram feitas três intervenções principais com os jovens voluntários: entrevista individual, construção individual do mapa do projeto de vida e grupo focal. Salienta-se que as intervenções se deram com os mesmos jovens, formando assim um “grupo principal de análise” com doze jovens – a descrição dos jovens participantes será posteriormente apresentada na seção 1.3: “Que gurizada é esta?”. Essa escolha se deu pelo fato de a pesquisa abordar assuntos complexos e que exigem um contato maior e mais próximo com o sujeito pesquisado.

Conforme Bourdieu (2006, p. 6) “os sentimentos não são temas sobre os quais o camponês fica à vontade para falar”. Sendo assim, é essencial considerar tais limites, destacando-se este fator ao pensar e escolher o lócus dessa pesquisa, pois além de suas características rurais, o município de Derrubadas/RS³ foi selecionado pela proximidade da pesquisadora com os jovens e com o cotidiano local. A pesquisadora teve consciência dos perigos e dificuldades que poderiam surgir ao estudar uma população tão próxima “aos laços de origem”, o que exigiu o exercício de distanciamento e estranhamento do “familiar”. A esse respeito, Silva (1997) traz à tona os problemas e as dificuldades que envolvem a pesquisa de um ambiente familiar na antropologia, em especial a brasileira:

o fato de os antropólogos pesquisarem grupos pertencentes a sua própria sociedade coloca questões específicas para a relação entre pesquisador e pesquisado, pois se, por um lado, “pesquisamos nós mesmos”, por outro, não se pode esquecer a distância que muitas vezes separa as camadas intelectualizadas dos grupos socialmente excluídos que a antropologia tem estudado: índios, negros, populações rurais (SILVA, 1997, p. 242).

A respeito dos obstáculos encontrados na pesquisa de campo, considerando a proximidade da pesquisadora com o local de estudo, é relevante mencionar a dificuldade em distanciar a vida pessoal (família e amigos) da profissional (pesquisadora em campo). Muitos conhecidos não compreendiam claramente a estadia no município naquele período, entendendo-o como “férias” – uma vez que é no município que moram seus familiares e para onde a pesquisadora viaja para descanso e lazer –; o fato exigiu ainda mais uma postura de distanciamento do objeto de pesquisa. Paulo (2011) alerta para as mesmas dificuldades em sua tese de doutorado, pois a autora passou por situação semelhante em sua pesquisa. Para ela,

³ Município de origem da pesquisadora, onde residiu até os 17 anos de idade.

as dificuldades em distanciar o vínculo afetivo de origem do objeto de análise é um desafio, porém afirma que a proximidade pessoal entre pesquisador e pesquisado permite ao segundo possibilidade de sentir-se mais à vontade ao ser entrevistado.

Cabe mencionar também que ao mesmo tempo em que a escolha do universo empírico trouxe dificuldades e exigiu um estranhamento, assim como exposto por Paulo (2011), a aproximação com o objeto de estudo favoreceu a interação da pesquisadora com a população da pesquisa, bem como facilitou a inserção da mesma no campo, pois houve uma relação de confiança entre a pesquisadora e os jovens, tornando a pesquisa agradável e fluida, sem bloqueios de respostas. Dessa forma, a tranquilidade em obter os dados da pesquisa (entrevistas, depoimentos e o contato com o cotidiano dos sujeitos), tornou-se um fator positivo e motivador para esta investigação.

Além disso, é válido mencionar que a escolha dos jovens para amostragem infere o método não probabilístico. Segundo Sampieri (2006),

para o enfoque qualitativo [...] as amostras não-probabilísticas são de grande valor, pois conseguem ao proceder cuidadosamente e com uma profunda imersão inicial no campo – obter os casos (pessoas, contextos, situações) que interessam ao pesquisador e que oferecem uma grande riqueza para a coleta e a análise dos dados (SAMPIERI, 2006, p. 271).

Dessa forma, para esta pesquisa utilizou-se da amostragem de indivíduos voluntários, uma vez que “a escolha dos indivíduos [...] sujeitos à análise depende de circunstâncias casuais” (SAMPIERI, 2006, p. 272). No entanto, como critério de delimitação para faixa etária “jovem” definiu-se que o voluntário tivesse idade entre 18 e 29 anos. Embora inicialmente a escolha tenha sido baseada na faixa etária (15 a 29 anos) que orienta tanto a Política Nacional da Juventude quanto a Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), optou-se pela maioria legal.

Mesmo que a pesquisa seja pautada na amostragem não probabilística e voluntária, foi necessário fazer um prévio levantamento dos jovens que ainda moravam no município, nasceram no meio rural, e/ou ainda possuíam algum tipo de vínculo com esse espaço (moradia ou trabalho). Para tanto, inicialmente, a pesquisadora buscou a lista dos formandos do ensino médio, entre os anos de 2000 e 2009 da Escola Estadual do município – única escola com oferta de Ensino Médio completo. Após obter a listagem, a pesquisadora se dirigiu ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais para a verificação de possíveis participantes da pesquisa. Além

disso, a listagem de jovens para posterior contato se deu por meio de conversas informais com pessoas da comunidade, indicação dos próprios jovens do município e até mesmo pelo conhecimento prévio da pesquisadora.

Esta listagem prévia continha 29 possíveis participantes. A partir desse momento, a pesquisadora passou a contatar os jovens: indo às suas casas, conversando pelo telefone, por meio de redes sociais e ainda, em eventos da cidade. Desses, 19 jovens foram contatados. Este primeiro contato possibilitou uma conversa prévia a respeito da pesquisa, permitindo aos jovens pensarem a respeito e decidirem se aceitariam ou não participar. Nesta oportunidade a pesquisadora esclareceu também os procedimentos e as três etapas da pesquisa, sendo que alguns dos jovens prontamente aceitaram participar, enquanto outros ficaram de retornar quando tomassem tal decisão.

Alguns não retornaram o contato e outros decidiram não participar; com isso, 13 jovens aceitaram participar da pesquisa. Foi possível realizar entrevistas com todos os jovens participantes, porém tornou-se necessário anular uma destas em decorrência do estado emocional de uma das entrevistadas. Os questionamentos feitos à jovem trouxeram à tona sentimentos e lembranças de uma fase problemática da sua história no meio rural. Com isso, a jovem não conseguiu controlar o choro e sem condições emocionais desistiu de continuar a entrevista; sem declarar os motivos que desencadearam tal estado. Neste caso, observou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE C) interrompendo a entrevista no momento de desconforto e por mais que a entrevistada tenha autorizado a utilização dos dados já respondidos, optou-se por preservá-la não descrevendo suas características e utilizando apenas algumas observações consideradas válidas para o enriquecimento das análises.

Salienta-se aqui o conhecimento prévio da pesquisadora a respeito de dificuldades e limitações durante a realização do trabalho de campo, principalmente em relação à coleta de dados. Nesse sentido, de acordo com Silva (2000), para o trabalho de campo não existe um modelo pronto a ser seguido, pois esse é resultado das construções de um fluxo dialógico mútuo e contínuo entre observador e observado que jamais se repete.

Ao fim, a pesquisa foi totalizada com 12 jovens, 6 gurus e 6 gurias, que foram acompanhados com maior proximidade durante o período da pesquisa de campo. De acordo com o esquema da pesquisa de campo (FIGURA 1), a primeira etapa ocorreu

com a entrevista em profundidade. As entrevistas foram individuais e conduzidas por um roteiro semiestruturado com jovens de ambos os sexos. A opção por utilizar a entrevista semiestruturada é fundamentada na justificativa de a mesma ser guiada por um roteiro básico de questões que serve de suporte para os questionamentos, que se tornam flexíveis à medida que o entrevistado vai fornecendo as informações (FUJISAWA, 2000). Além de possibilitar maior interação com o objeto estudado, a entrevista também permite observar as sutilezas encontradas em campo, como o olhar, a tensão, os gestos, a postura, o próprio silêncio e outros detalhes essenciais que não são perceptíveis sem a interação direta entre pesquisador e pesquisado.

A entrevista semiestruturada foi subdividida em tópicos, abrangendo o perfil socioeconômico, o dia-a-dia do jovem rural, os seus projetos futuros, suas percepções acerca das instituições e por fim suas representações e suas emoções positivas vinculadas ao meio rural (APÊNDICE A).

Durante a entrevista utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Ideias. A finalidade de tal técnica consiste em, a partir de um estímulo (frase ou palavra), levantar um conjunto de ideias, conceitos ou palavras que vêm imediatamente à mente dos entrevistados (QUEIROZ, 2009). Para tanto, no caso desta pesquisa, foi solicitado aos entrevistados a verbalização de emoções e sentimentos ligados às expressões estímulos (como por exemplo: sentimentos ligados ao campo e ao rural; à cidade e ao urbano; ao trabalho de agricultor; a ser jovem rural; entre outras expressões). Depois de identificados os aspectos emocionais, estes foram categorizados de acordo com suas dimensões de proximidade para em seguida passar pelo processo de avaliação e análise. Nessa etapa, as entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas para posterior análise de discurso⁴.

Destaca-se que a entrevista foi aplicada tanto na casa quanto no trabalho dos jovens. Todos estavam solícitos para responder às questões e até mesmo para dizer que não se sentiam à vontade em expor sua opinião. Nesse sentido vale salientar que o fato de ser uma pesquisadora próxima da realidade possibilitou aos jovens que se expressassem abertamente e falassem dos seus sonhos, além de se sentirem tranquilos e confortáveis para expor sua vida pessoal e seus sentimentos.

⁴ A análise dos dados coletados nas entrevistas em profundidade baseia-se na Análise de Discurso referente à linha francesa onde “o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680).

Em um segundo momento, foi possível conduzir a construção do mapa de projeto de vida do(a) jovem. A construção ocorreu individualmente para que o(a) pesquisado(a) se sentisse à vontade para explicitar com mais clareza seus projetos futuros. Por opção e preferência dos participantes o mapa foi construído no mesmo dia da entrevista e posteriormente a ela. Para tanto foram disponibilizados aos jovens materiais de suporte para a confecção do mapa (cartolina e canetas coloridas). A construção ocorreu de forma dinâmica e em etapas, sendo mediada pela pesquisadora.

Solicitou-se inicialmente que o(a) jovem desenhasse o “ponto de partida”, que se trata do momento presente (como está hoje, como se vê agora, o que e quem está envolvido); após e da mesma forma, solicitou-se no outro extremo da cartolina a exposição do “ponto de chegada”, que trata do sonho do(a) jovem, o seu projeto de vida (para tanto se estipulou a projeção de dez anos, levando em conta que nesse período o(a) jovem já estará na fase socialmente considerada “adulta”). A seguir, pediu-se a cada jovem que desenhasse a trajetória para se chegar ao sonho desejado. Nesta etapa o(a) jovem deveria desenhar tudo de mais significativo que ele/ela visualiza encontrar no caminho (por onde vai passar, o que e quem vai estar envolvido, quais os problemas vai encontrar, quais as soluções vai encontrar, quem irá ajudar, o que há de bom e positivo no caminho e como se sente percorrendo o caminho).

A experiência de construção do mapa foi fundamental, pois trouxe à tona planejamentos e sonhos dos jovens que nunca foram desenhados ou ainda, escritos no papel. De acordo com o que todos expressaram, nenhum deles havia feito anteriormente um planejamento a longo prazo. Para alguns o natural é se planejar para o período de um ano apenas (ciclo de plantio e colheita da produção onde é necessário investir o dinheiro disponível) e não necessariamente indicando um plano concreto, apenas tratando-se do “mundo das ideias”. Todos os jovens sentiram-se à vontade para expressar os seus ideais e sonhos futuros, mas também sentiram dificuldade em colocá-los no papel, já que não se tratava de uma atividade rotineira (os mapas construídos serão apresentados no capítulo 3).

Na terceira etapa, objetivou-se a interação do grupo pesquisado, bem como observar as reações e respostas diante de outros indivíduos. Para tanto, optou-se pelo grupo focal. De acordo com a perspectiva de Gaskell (2015),

o objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade (GASKELL, 2015, p. 75).

É válido mencionar que a intenção da pesquisadora era reunir em um único momento o maior número de jovens para a realização do grupo focal. Para tanto, foi feito um levantamento, com todos os jovens, de qual dia e horário a maioria poderia participar. Assim, ficou marcado para uma sexta-feira à noite no porão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. O sindicato se tornou um ponto de encontro e referência para contatar os jovens. Todos confirmaram presença e apenas se ocorresse um imprevisto os jovens não compareceriam.

Porém, um contratempo climático aconteceu, ao final do dia marcado muita chuva caiu e isso comprometeu o encontro. Dos doze jovens, apenas três compareceram (dois gurus e uma guria) e para não prejudicá-los as dinâmicas previstas foram realizadas. Apesar da adversidade, novamente foi feito um levantamento com os jovens que não haviam participado; outra data foi sugerida, bem como outro horário que facilitava a presença dos jovens. Dessa forma, sete jovens marcaram presença em uma quarta-feira à tarde, novamente no porão do Sindicato.

No novo encontro, a tarde não foi chuvosa como da primeira vez, mas novamente o clima interferiu para que os jovens não comparecessem. Desta vez o sol forte propiciou a colheita do trigo. Não só os gurus estavam envolvidos, mas também as gurias, pois estas ajudam na preparação das refeições e lanches e/ou diretamente na “lavoura”. Assim, repetidamente, em função da disponibilidade, três jovens fizeram-se presentes – dessa vez duas gurias e um guri – no segundo grupo focal.

Isso posto, foi possível realizar dois grupos focais. Ainda que, com um número reduzido (três jovens em cada encontro) os dois momentos se tornaram surpreendentemente construtivos, pois os jovens que compareceram estavam realmente interessados e comprometidos a participar, o que enriqueceu a discussão.

O contratempo ocorrido com o grupo focal chama atenção para um fator imprescindível do qual depende a produção do meio rural. É relevante destacar o quanto se torna difícil ter o jovem rural como objeto de investigação, ainda mais em

épocas de plantio e colheita. Nestes períodos os jovens estão totalmente a mercê do “tempo”⁵. Salieta-se ainda que não só no grupo focal, mas também nas entrevistas, houve essa interferência climática, pois só era possível entrevistar os jovens quando chovia, ou então, em dias de sol quando não havia tanta demanda de trabalho. Em consequência, inúmeras entrevistas foram remarcadas, pois a pesquisadora dependia exclusivamente da disponibilidade dos jovens, demandando maior tempo em campo.

Ao dar continuidade, em relação às dinâmicas desenvolvidas no grupo focal, a pesquisadora recorreu em um primeiro momento ao método Brainstorming, popularmente conhecido como Tempestade de Ideias. Geralmente a técnica é utilizada para explorar a capacidade criativa dos indivíduos. Dessa forma, na prática, o método

implica em várias ideias colocadas ao mesmo tempo, independente de suas certezas, retidões ou adequações. A tempestade aqui indica que qualquer coisa que se pense deva ser colocada para que depois se possa fazer uma seleção do que servirá aos nossos propósitos ou não (TÉCNICAS, 2013, s.p.).

Para tanto foram sendo expostas, em ordem, algumas palavras e expressões-chave para que os jovens emitissem espontaneamente todas as ideias sobre o assunto. Com o intuito de organizar e colher o maior número de ideias referente à temática proposta foi disponibilizado aos participantes alguns cartões em branco para que no tempo estipulado (5 minutos para cada tema) os mesmos escrevessem aquilo que viesse instantaneamente à cabeça. Os assuntos abordados nesse método envolveram as instituições em geral (família, escola, igreja, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, EMATER⁶, cooperativas, entre outras), pois se objetivou também neste estudo investigar as influências das instituições nas percepções dos jovens.

No segundo momento do grupo focal teve-se a intenção de explicitar quais eram as representações dos jovens quando estes estão em grupo, além de observar quais sentimentos vêm à tona ao expor tais representações. Para tanto foram expostas chamadas de reportagens, reportagens de revistas, imagens e fotografias sobre os diversos tipos de “rurais” e de indivíduos que ali vivem. A escolha de tal método se deu pelo fato de instigar o debate entre os jovens acerca das suas representações, como eles se veem, veem o meio onde vivem e ainda como se sentem ao verem tais representações. As atividades do grupo focal foram filmadas com o consentimento de

⁵ Usado pelos jovens entrevistados como sinônimo de variação climática.

⁶ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

todos, no entanto se manteve a filmagem em sigilo sendo utilizada apenas para auxiliar a pesquisadora na análise dos dados sociais.

Chama-se atenção ainda na Figura 1 para o “campo de observação”. Tal nomeação se deu a esse campo pelo fato de a pesquisadora estar a todo o momento em observação no decorrer da pesquisa. Além das três intervenções principais (entrevista, construção do mapa do projeto de vida e grupo focal) com o grupo pesquisado, observou-se também o cotidiano dos doze jovens (FIGURAS 2 a 5).



**Figura 2 – Jovem 12 em visita à propriedade de associado da Cooperativa na qual trabalha, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



**Figura 3 – Jovem 8 durante a colheita do trigo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



**Figura 4 – Jovem 8 recepcionando um grupo de turistas na visitação à propriedade – Rota da Cachaça, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



Figura 5 – Marido da Jovem 10 e ajudantes na produção de cebola, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Outras atividades culturais do município também foram observadas. A proposição dessas observações está atrelada ao fato de entender a participação da juventude nas atividades do município, além de descrever com mais clareza o município pesquisado – tais atividades serão descritas no primeiro capítulo, na seção 1.2 Troteando campo a fora: O costumeiro setembro gaúcho. Para isso, utilizou-se o caderno de anotações e um gravador em substituição ao diário de campo, pois este era um facilitador ao arquivar as informações instantaneamente, além de poder utilizá-lo nos momentos de deslocamento. Esses instrumentos possibilitaram registrar as atividades, bem como visualizar os problemas e dilemas vivenciados pela pesquisadora em campo.

Nesse sentido, como já mencionado, no decorrer da execução da investigação adversidades e imprevistos ocorreram, porém coube à pesquisadora contorná-las dando continuidade à pesquisa de campo. Por fim, evidencia-se ainda que no decorrer do trabalho foram solicitadas as devidas autorizações a todos os participantes voluntários da pesquisa, bem como se levaram em consideração as exigências do Conselho de Ética (APÊNDICES B e C).

CAPÍTULO 1

LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, contextualiza-se o estado, a macro e microrregião, bem como o município lócus da pesquisa, objetivando um panorama geral do meio onde os sujeitos estão inseridos. Na segunda parte do capítulo relata-se a observação da pesquisadora em campo, especialmente, descrevendo as atividades culturais locais. E, por fim, é traçado o perfil geral dos sujeitos participantes desta investigação.

1.1 “É aqui a minha terra, é aqui a minha vida, é aqui o meu lugar”: O Rural dos jovens de Derrubadas

Das coisas simples da vida/ Um gaúcho não esquece/ Quando estou longe do campo/ Este meu peito padece./ Hoje volto pra querência/ Minha terra abençoada/ Só assim a alegria/ Emudece as minhas mágoas./ Quando chegar na porteira/ E a família me avistar/ Quero então gritar bem alto/ Eu tô voltando pra ficar!/ Tô voltando pra ficar/ É aqui a minha terra/ É aqui a minha vida /É aqui o meu lugar!⁷

A identificação com a cultura gaúcha é característica forte da população que vive no Rio Grande do Sul. Os valores de um ‘povo gaúcho’⁸ estão estampados no vestuário, na bebida (chimarrão), nas comidas típicas (churrasco, arroz carreteiro com charque, etc.), nas músicas e nas danças tradicionalistas. É nítido o quanto a cultura gaúcha manifesta a influência do campo e da valorização pela terra. “Pode-se falar, então, na predominância da representação do gaúcho do pampa, do meio rural, apegado a seu cavalo, corajoso e destemido” (FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 267).

A ‘figura mítica do gaúcho’, ainda vigente como discurso tradicionalista, carrega alguns atributos básicos: “a oscilação entre a rudeza e a gentileza, a coragem e a bravura, a prontidão para a peleia, o amor à terra, ao pago; [...] sendo todas estas

⁷ A música “Tô voltando pra ficar” dos autores Marquinhos Ulian e Sandro Coelho e interpretação do grupo musical tradicionalista Tchê Garotos, foi mencionada por um dos jovens entrevistados. Este indicou que se identifica com a música e que tal canção é uma representação da sua vida. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/musi/musica.php?codigo=074>.

⁸ Forma como se identificam culturalmente devido aos diversos conflitos históricos ligados às disputas territoriais; uma nação distinta do país.

características supostamente adquiridas pela influência do meio e transmitidas aos gaúchos de todas as épocas”(FREITAS; SILVEIRA, 2004, p.268). Assim sendo, em função do universo empírico ter envolvido jovens rurais gaúchos – que possuem grande ‘apreço’ pelos valores culturais – a pesquisa de campo foi realizada em setembro e outubro de 2015, período efervescente de atividades culturais em todo estado, pois é no dia 20 de setembro que se comemora o Dia do Gaúcho (as festividades culturais serão descritas a seguir na seção 1.2).

O Rio Grande do Sul é um dos estados que compõe a Região Sul do Brasil. Limita-se ao norte com o estado de Santa Catarina, ao leste com o oceano Atlântico, ao sul com o Uruguai e a oeste com a Argentina (FIGURA 6). A Região Sul, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui uma população total de 27.386.891 habitantes e uma área de 576.773,368 km²; sendo que 15% dos sulistas residem no meio rural.

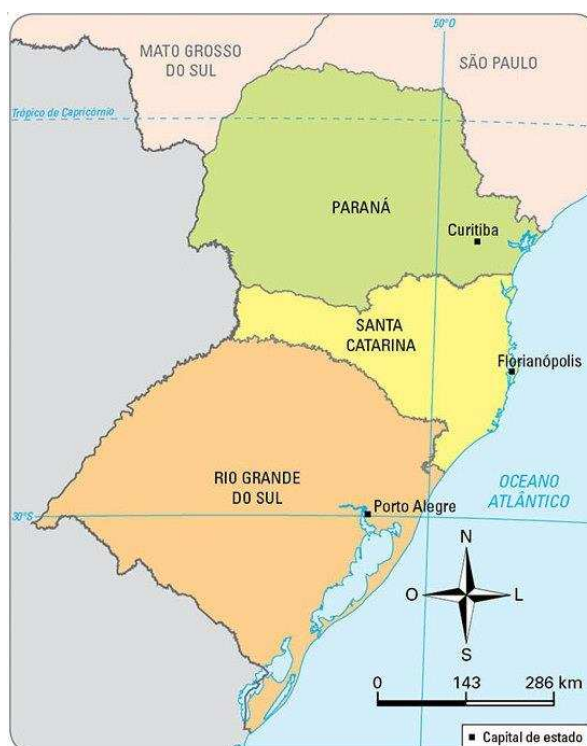


Figura 6 – Mapa Político da Região Sul do Brasil.

Fonte:<http://www.editoradobrasil.com.br/jimboe/img/galeria/matematica/ano4/unidade2/JBM4030.jpg>

Como já apontado anteriormente por Anjos e Caldas (2005, p. 665), a região Sul “é a segunda região econômica mais importante do Brasil, justo depois da Região Sudeste, liderada pelo Estado de São Paulo”. De acordo com o Gráfico 1 é possível

verificar a concordância com tal informação; os dados de 2012 indicam também que do PIB sulista total (R\$ 710.859.965.000), 39% provêm do Rio Grande do Sul seguido do Paraná (36%). Referente ao PIB Agropecuário sulista, em 2012 cerca de 43% (R\$ 20.109.471.000) é originário do estado gaúcho; desse percentual a maior parcela (33,37%) provêm da mesorregião Noroeste Rio-Grandense, onde se encontra o município lócus da pesquisa (DEEPASK, 2015).

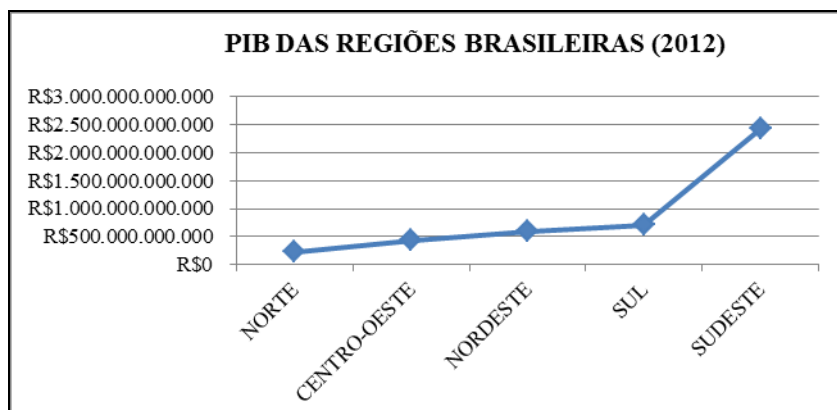


Gráfico 1 – Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes em R\$, regiões brasileiras, 2012.
Fonte: Dados DeepAsK (2015). Elaborado pela autora.

Dentre os estados sulistas, o Rio Grande do Sul se destaca por ser o mais populoso (10.693.929) além de deter a maior parte territorial (281.731,445 km²). Em seguida está o Paraná com 10.444.526 habitantes em uma área territorial de 199.307,945 km² e posteriormente aparece o estado de Santa Catarina com o menor número populacional (6.248.436 habitantes) e a menor extensão territorial (95.733,978 km²). Especificamente no Rio Grande do Sul cerca de 1,6 milhão de pessoas vivem no campo, correspondendo a 15% da população gaúcha. Em relação à população juvenil, os dados apontam para a existência de 2.640.339 jovens entre 15 e 29 anos no estado, sendo que desses 336.060 (aproximadamente 13%) estão no campo (IBGE, 2015).

Há o apontamento para a diminuição da população rural no Rio Grande do Sul a partir de 1970, em decorrência da modernização e tecnificação da agricultura. No entanto, embora tenha ocorrido a diminuição da população rural e em paralelo o significativo aumento da “população urbana [...] nas décadas posteriores a 1970, o contingente rural ainda corresponde a um percentual considerável do total do Estado, principalmente nas Colônias Novas [situada no norte e noroeste do Rio Grande do Sul], onde 40% dos habitantes viviam no meio rural em 2000” (COSTA et al., 2013,

p. 471). No Quadro 1, abaixo, é possível verificar a redução da população rural brasileira; percebe-se que no estado gaúcho em 2010 houve uma queda de aproximadamente 37% da população rural desde o ano de 1980.

População Rural	Anos			
	1980	1991	2000	2010
Brasil	38.573.725	35.834.485	31.947.618	29.821.150
Região Sul	7.155.210	5.726.345	4.791.358	4.124.906
Rio Grande do Sul	2.523.825	2.142.128	1.869.174	1.593.088

Quadro 1 – População rural do Brasil, Região Sul e Rio grande do Sul, 1980 - 2010.

Fonte: Dados IBGE (2015). Elaborado pela autora.

O estado do Rio Grande do Sul é subdividido em sete mesorregiões (Metropolitana de Porto Alegre, Noroeste Rio-grandense, Nordeste Rio-grandense, Centro Oriental Rio-grandense, Centro Ocidental Rio-grandense, Sudeste Rio-grandense e Sudoeste Rio-grandense) e 35 microrregiões. O foco da pesquisa concentra-se na Mesorregião Noroeste do estado que integra 216 municípios e 13 microrregiões⁹. A pesquisa foi desenvolvida no município de Derrubadas, pertencente à Microrregião de Três Passos¹⁰ – composta por vinte municípios –, distante aproximadamente 500 km de Porto Alegre (capital do estado).

Derrubadas limita-se ao norte com a Argentina e com o estado de Santa Catarina, ao sul a 15 km com o município de Tenente Portela (13.719 habitantes), ao leste com os municípios de Barra do Guarita (3.089 habitantes) e ao oeste com o município de Esperança do Sul (3.272 habitantes) (FIGURA 7). De acordo com os dados do censo 2010 do IBGE, quase totalidade dos municípios da microrregião possui um número de habitantes menor que 20.000; apenas Três Passos possui um número populacional de 23.965 habitantes sendo a maior cidade da microrregião. Derrubadas se distancia cerca de 45 km de Três Passos (IBGE, 2015).

⁹ São elas: Carazinho, Cerro Largo, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Ijuí, Não-Me-Toque, Passo Fundo, Santa Rosa, Santo Ângelo, Sananduva, Soledade, Três Passos.

¹⁰ A microrregião é composta por vinte municípios. Sendo eles: Barra do Guarita, Boa Vista do Buricá, Bom Progresso, Braga, Campo Novo, Crissiumal, Derrubadas, Doutor Maurício Cardoso, Esperança do sul, Horizontina, Humaitá, Miraguaí, Nova candelária, Redentora, São Martinho, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos, Vista Gaúcha.

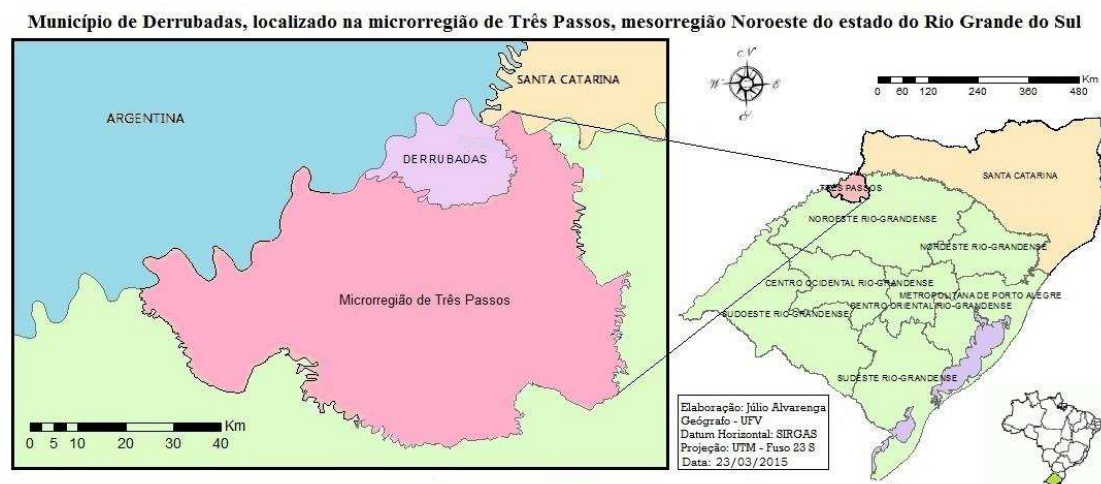


Figura 7 - Localização do município de Derrubadas, Microrregião de Três Passos, Mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Elaborado por Júlio Alvarenga.

O município de Derrubadas (FIGURAS 8 a 13) até 20 de março de 1992 constituía-se como parte de Tenente Portela e a partir desta data foi emancipado de acordo com a Lei Estadual n.º 9.576. Tenente Portela, antes dos anos 1940, se chamava Pari e pertencia ao município de Palmeira das Missões. Após 1944, Tenente Portela tornou-se distrito administrativo e passou a ser chamado de Miraguay, passando a pertencer à cidade de Três Passos. Em 1955, criaram-se dois distritos na então Vila de Tenente Portela, chamados Vista Gaúcha e Derrubadas. Neste mesmo ano, no dia 18 de agosto, Tenente Portela se emancipou e Derrubadas passou a ser distrito deste município. Já em 1963 foi criado também o distrito de Cedro Marcado (atualmente comunidade derrubadense). Em 1990 Cedro Marcado e Derrubadas iniciam o movimento emancipacionista, realizando a consulta plebiscitária em 1991 (autorizada pela Lei n.º 9286 de 09/09/1991), ocorrendo a emancipação de Derrubadas no ano seguinte (DERRUBADAS, 2015).

De acordo com o histórico do Plano Municipal de Educação (2006, p. 8), o nome Derrubadas tem origem, segundo alguns depoimentos dos seus primeiros colonizadores, pois “havia nesta área grande quantidade de árvores arrancadas no meio da mata, nas proximidades onde hoje é a sede do município, formando um grande descampo, uma verdadeira “derrubada” (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2006, p. 8).

Pelo que se tem documentado, os primeiros imigrantes a habitar o município de Tenente Portela foram oriundos da Revolução Federalista de 1803, sendo eles portugueses que se instalaram na localidade em fuga dos combates e ainda, e

principalmente, índios que haviam sido deslocados de suas terras. Em torno do ano de 1931, o general Flores da Cunha fora nomeado como interventor do Estado e concedeu a Pedro Garcia a liberação para a exploração e extração de madeira de lei na região da serra do Pari. Nas margens do rio Uruguai, hoje denominado Porto Garcia, a madeireira encerrou suas atividades com a instalação do Estado Novo no país, o que acabou por deixar no local uma grande área de desmatamento (CUNHA, SILVEIRA, SEVERO, 2006, p. 3).

No ano de 1939 iniciou-se o processo de colonização, momento em que chegaram as primeiras famílias de origem alemã, italiana e algumas famílias polonesas. O que os atraiu para a localidade foram as terras baratas acompanhadas de boa qualidade, assim como a oferta abundante de caça e pesca na grande mata e rios que formavam a região. Com o passar do tempo, a mata foi aos poucos sendo ocupada para o plantio de milho, mandioca, feijão, batata, originando as primeiras lavouras para a subsistência dos primeiros colonos (CUNHA, SILVEIRA, SEVERO, 2006, p. 3).



**Figura 8 – Pórtico de entrada da cidade de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



Figura 9 - Sede do município de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: http://www.derrubadas-rs.com.br/galeria_fotos_yucuma/ipage00048.htm



Figura 10 – Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.



**Figura 11 – Praça Dorival Rigodanzo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



**Figura 12 – Prefeitura Municipal, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



**Figura 13 – Rua da cidade, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**

De acordo com dados disponibilizados pela prefeitura municipal, desde a sua colonização a economia municipal passou por quatro fases, sendo elas: i) Período da madeira: início da colonização por imigrantes alemães, italianos e poloneses. Exploração de madeira para comércio e construções; ii) Período da cultura de subsistência: época de preparação da terra pelos colonizadores. Produção: feijão, arroz, mandioca, milho e trigo, além da criação de aves, suínos e bovinos em pequena escala; iii) Período da suinocultura: Incentivo na produção de suínos (preço era compensador devido às plantações de milho e mandioca barata remanejarem os custos de produção); e iv) Período da monocultura: desenvolvimento tecnológico, mecanização das lavouras e consequente modernização da agricultura. O período é marcado pelo binômio trigo e soja, ocupando o lugar das atividades agropecuárias diversificadas (DERRUBADAS, 2015).

Em decorrência das dificuldades encontradas pelas altas taxas de juros e frustrações de safras, no momento atual, novas alternativas (cultura de milho, citricultura, gado leiteiro, piscicultura, suinocultura, além do cultivo de produtos para subsistência e turismo) estão sendo buscadas pelos agricultores para diversificar a produção (DERRUBADAS, 2015). À vista disso, salienta-se a baixa expressividade do setor industrial no município, destacando que a base econômica municipal é o setor primário, sustentando-se na agropecuária (Gráfico 2).

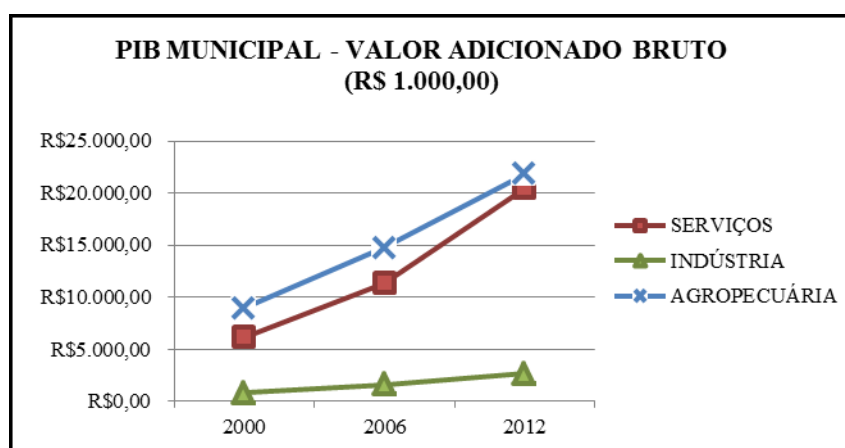


Gráfico 2 - Produto Interno Bruto, município de Derrubadas, RS.
Fonte: Dados DeepAsk. Elaborado pela autora.

A respeito dos dados populacionais, Derrubadas possui uma população de 3.190 habitantes e de acordo com o Gráfico 3 é possível verificar a tendência migratória da população rural além do aumento da população urbana; em 2000, 79% da população derrubadense residia no campo enquanto que em 2010 esse percentual caiu para 72%. Com efeito, pelo fato de o município dispor de uma extensa área territorial, sendo esta de 361,199 km², o mesmo configura uma densidade demográfica de 8,83 hab./km².

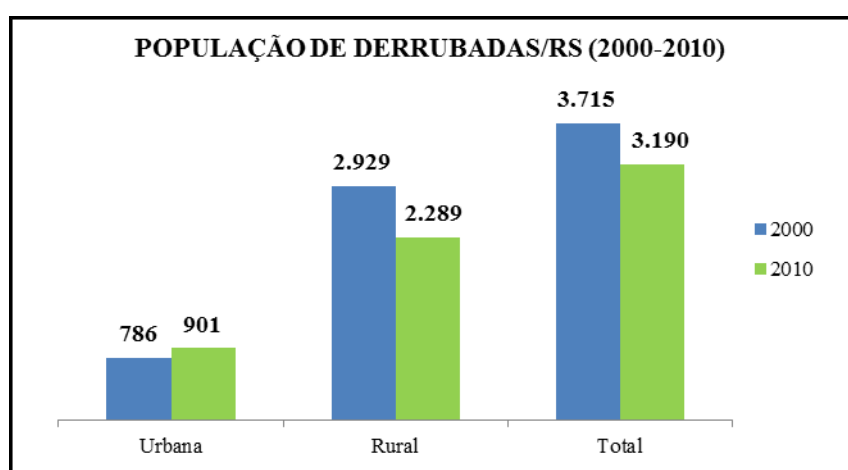


Gráfico 3 – População rural e urbana em 2000 e 2010, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Dados IBGE (2015). Elaborado pela autora.

Ao combinar o número populacional, a baixa densidade demográfica e ainda a distância de grandes metrópoles é possível caracterizar Derrubadas como um município rural de pequeno porte. Essa afirmação leva em conta a classificação proposta por Veiga (2003) que, ao questionar o processo de urbanização do Brasil, as normas legais de análise da configuração territorial e os obstáculos analíticos para

que se considere um município “rural” ou “urbano” de pequeno porte, sugere uma combinação: do critério número populacional (menor que 20.000 habitantes) com no mínimo outros dois, sendo eles a densidade demográfica e a localização do município.

Ao observar os dados do IBGE (2010) no Gráfico 3 acima, bem como os sistematizados no Quadro 2 abaixo, identifica-se o elevado número populacional residente no meio rural (72 %), sendo que quase 69% da população jovem (15-29 anos) do município também residem no meio rural. Além de outros fatores, esses também foram relevantes para a escolha do universo empírico.

POPULAÇÃO FEMININA	2010	POPULAÇÃO MASCULINA	2010	POPULAÇÃO TOTAL	2010
RURAL (15-29 ANOS)	219	RURAL (15-29 ANOS)	234	RURAL (15-29 ANOS)	453
URBANA (15-29 ANOS)	92	URBANA (15-29 ANOS)	114	URBANA (15-29 ANOS)	206
TOTAL (15-29 ANOS)	311	TOTAL (15-29 ANOS)	348	TOTAL (15-29 ANOS)	659
RURAL	1.111	RURAL	1.178	RURAL	2.289
URBANA	475	URBANA	426	URBANA	901
TOTAL	1.586	TOTAL	1.604	TOTAL	3.190

Quadro 2 – População entre 15-29 anos, por gênero, residente nos meios rural e urbano, município de Derrubadas, RS.

Fonte: Dados IBGE (2010). Elaborado pela autora.

Ao observar a pirâmide etária da população rural derrubadense em uma perspectiva temporal, nos anos de 2000 e 2010, identifica-se que além da diminuição da população acima de 50 anos, há o aumento da população jovem (Gráfico 4). É evidente que o município não está dentro dos parâmetros indicados em estudos já realizados, que apontam para o envelhecimento da população rural. Ao contrário, neste caso houve um aumento do número de jovens; de 2000 para 2010 verificou-se um crescimento de 30% da população que possui entre 10 e 29 anos.

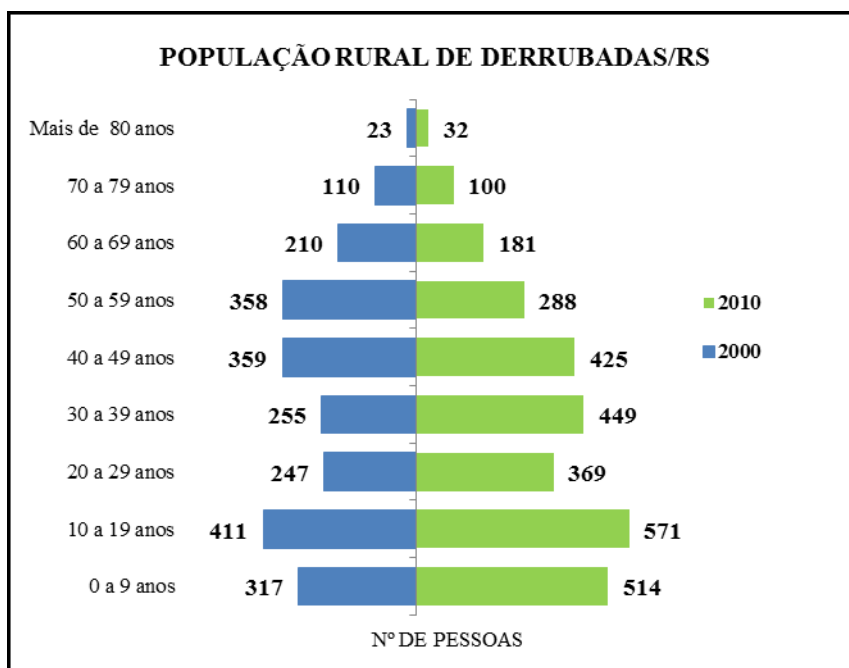


Gráfico 4 – Pirâmide etária da população rural de Derrubadas (2000 e 2010), Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Dados IBGE (2015). Elaborado pela autora.

Ao discriminar a população rural por gênero (já visualizada no Quadro 2), é possível verificar abaixo, em série temporal (Gráfico 5), não só em uma ótica municipal, mas também estadual e nacional que há efetivamente um maior número na população masculina. Porém, ao observar a diminuição da população rural feminina no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul, o mesmo não se observa no município de Derrubadas; embora não haja um aumento tão significativo de 2000 para 2010, há um crescimento de 0,43% das mulheres que residem no meio rural. Da mesma forma, ao contrário do que já se observou em estudos sobre a masculinização da região sul, no município o percentual de homens decresceu de 51,89% para 51,46% em 2010 (IBGE, 2015).

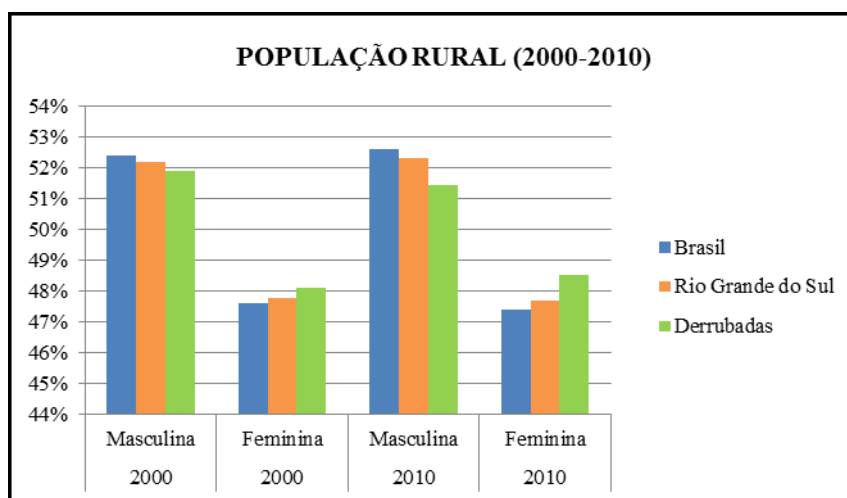


Gráfico 5 – População Rural por gênero no Brasil, Rio Grande do Sul e Derrubadas, 2000-2010.
Fonte: Dados IBGE (2015). Elaborado pela autora.

Em relação à estrutura fundiária municipal, Rigo, Neumann e Silveira (2015) estudaram a zona rural de Derrubadas identificando o seu design paisagístico-ambiental. Para tanto os autores realizaram um levantamento e mapearam o município por localidades/comunidades. Os dados apontaram a existência de 31 comunidades¹¹ e 484 produtores. Foi possível, a partir dos mesmos autores, observar o uso da terra no município. De acordo com a Figura 14, a grande parcela de área “verde” considerada mata/floresta refere-se ao Parque Estadual do Turvo – assunto tratado ao fim desta seção. Além disso,

identifica-se, para o território, um montante de 10237,95 hectares de área mecanizada (área em vermelho). O mesmo valor é encontrado para a área de solo exposto (área em bege) ou área com alto grau de declividade acompanhada por afloramento de rocha, o que, segundo as entrevistas com técnicos e agricultores, é atribuído ao uso de culturas anuais de verão (soja e milho) e de inverno (trigo e aveia) (RIGO; NEUMANN; SILVEIRA, 2015, p. 289).

¹¹ Sendo elas: Alta Colorada, Barra do Cedro, Cabeceira do Barra Grande, Cerro Alegre, Barra Grande, Alto da Bela Vista, Centro Novo, Olhos D’água, Linha Brasil, Concórdia, Linha Jaques, Esquina Colorada, Esquina Bela Vista, Lajeado Derrubadas, Desimigrados, Cedro Marcado, Santa Fé, Belo Horizonte, Maria Preta, Linha Mayer, Linha Roncador, Três Marcos, Dois Marcos, Esquina Santa Rosa, Barra da Bonita, Cotovelo do Parizinho, Linha Bonita, Linha Lebre, Bonifácio, São Sepé e Eral Novo.

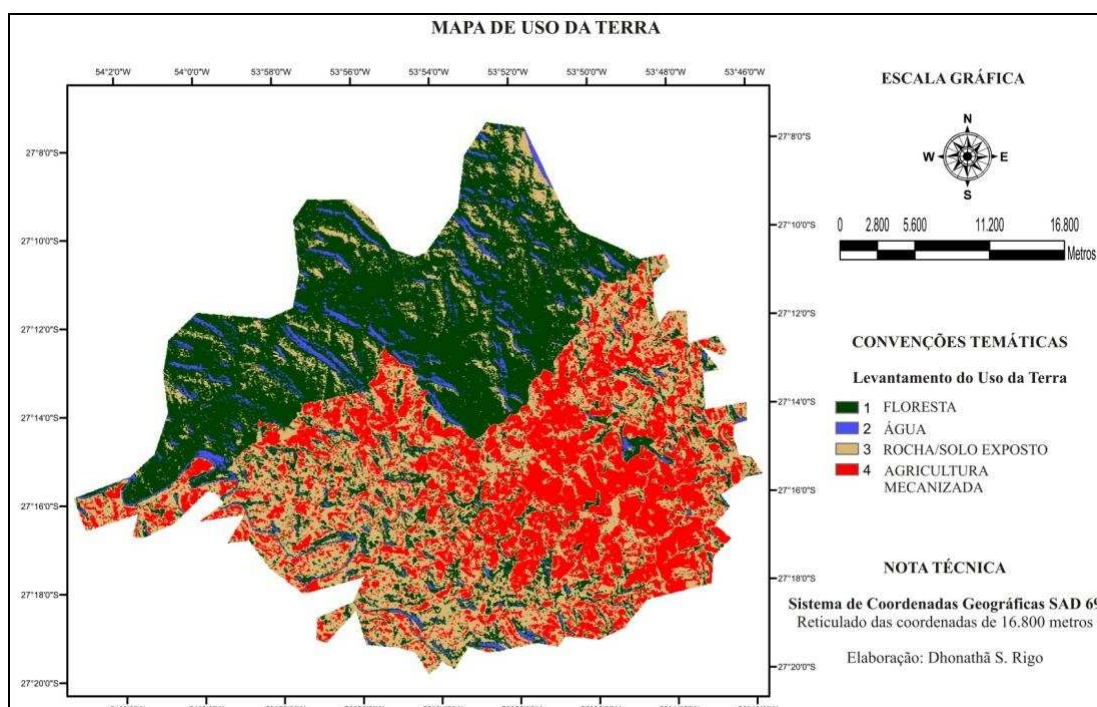


Figura 14 – Mapa de uso da terra, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Rigo, Neumam e Silveira, 2015 p. 289.

De acordo com os dados do censo agropecuário de 2006, verifica-se no Gráfico 6 a distribuição da área total do município. Identifica-se que a maior parte está destinada à lavoura temporária. Dessa área, os principais cultivares são: soja (61,52% de área plantada em lavoura temporária), trigo (19,97%) e milho (15,18%); (IBGE, 2015). Segundo o estudo de Rigo, Neumann e Silveira (2015), essa parcela corresponde aos agricultores familiares com ênfase na produção de grãos (FIGURAS 15, 16 e 17). Com relação às características desses agricultores, os autores mencionam que são produtores com acesso a

assistência técnica privada, com plena aceitação ao uso de tecnologias ditas “modernas”, advindas pela utilização de máquinas e implementos agrícolas e, na sua maioria, praticantes de um sistema “quimificado” de produção, com alta utilização de agrotóxicos (RIGO, NEUMANN E SILVEIRA, 2015, p. 293).

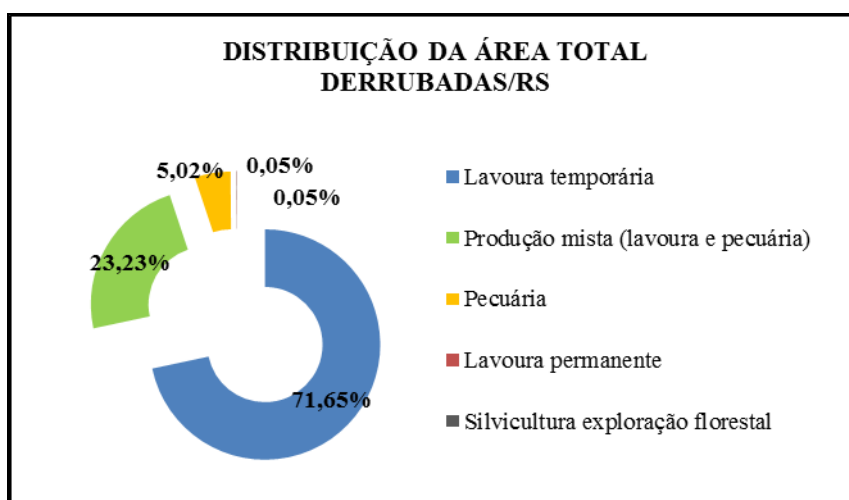


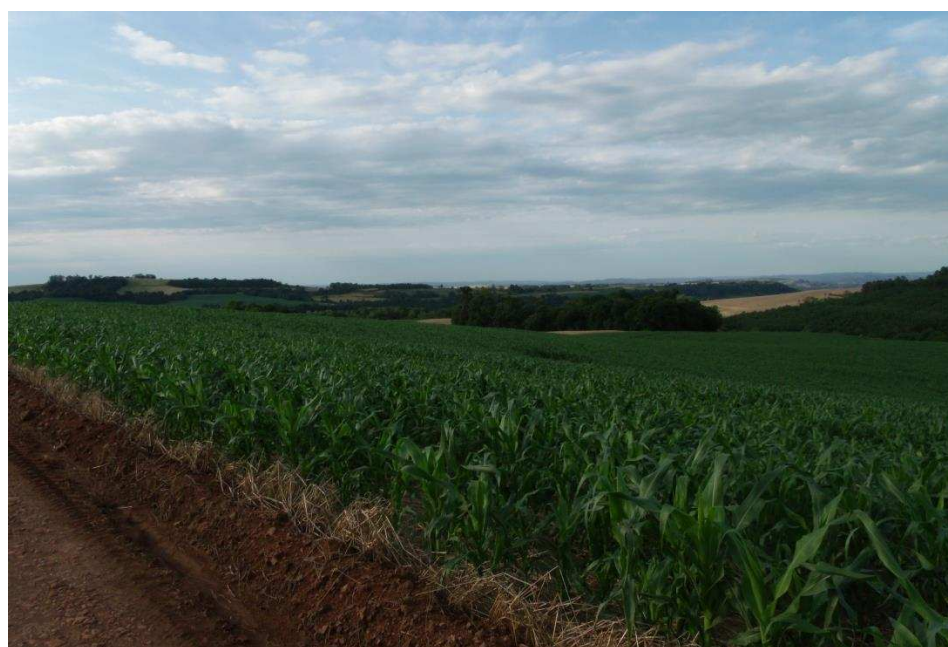
Gráfico 6 - Distribuição da área total do município, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Dados do IBGE (2015). Elaborado pela autora.



Figura 15 – Lavoura de soja, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Arquivo pessoal do Jovem 8. Pesquisa de campo, 2015.



**Figura 16 – Lavoura de trigo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



**Figura 17 – Lavoura de milho, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**

Em relação aos sistemas produtivos de Derrubadas, Rigo, Neumann e Silveira (2015) identificam os agricultores familiares com ênfase na produção de leite (FIGURA 18) e culturas agrícolas, subdividindo-os em três categorias: i) agricultores familiares com ênfase na produção de leite e grãos – são os que combinam as duas atividades, porém têm o foco principal no rebanho leiteiro; ii) agricultores familiares com ênfase na produção de subsistência – aqueles que produzem exclusivamente

para o consumo familiar (agricultores aposentados residentes no meio rural, pessoas sem terra, agregados sem renda); e iii) agricultores familiares produtores de fumo – refere-se a um pequeno número de produtores de uma única comunidade do município, com áreas reduzidas e pouca infraestrutura.



Figura 18 – Resfriador de leite, propriedade de um agricultor familiar com foco na produção leiteira, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Destaca-se sobre o município o crescimento no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Em 2000 o IDHM era 0,573, já em 2010 o município teve um IDHM de 0,707 – trata-se de um IDHM alto, pois segundo o Atlas Brasil (2015) está dentro da faixa de 0,700 e 0,799. O fator que mais contribui é a Longevidade com um índice de 0,846 e como uma expectativa de vida ao nascer de 75,7 anos (em 2010). Porém, a Educação foi a dimensão que mais cresceu em termos absolutos de 2000 a 2010 (crescimento de 0,219). No Gráfico 7 é possível visualizar a evolução de todas as dimensões do IDHM de 1991 até 2010.

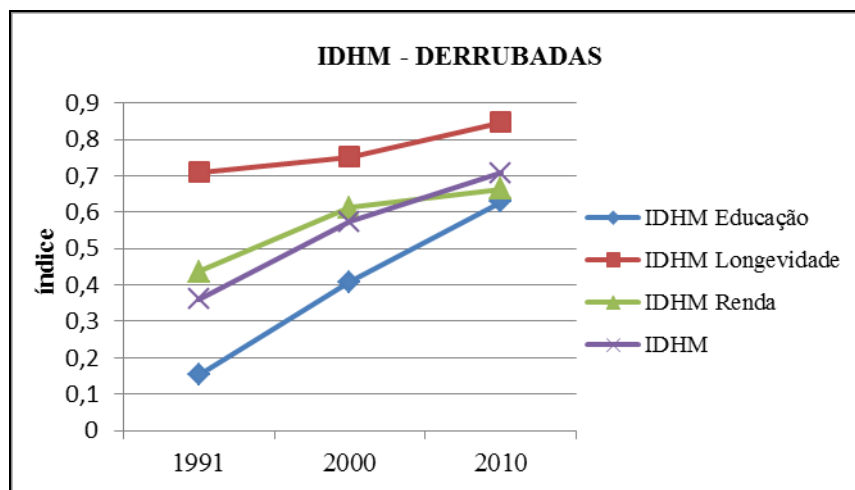


Gráfico 7 – Componentes do IDHM de 1991 a 2010, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016). Elaborado pela autora.

Em relação à oferta educacional, de acordo com dados de 2005 do IBGE (2015), há 14 escolas de ensino fundamental no município, sendo que destas 4 são escolas públicas estaduais e 10 públicas municipais – na Figura 19 é possível visualizar a única Escola pública municipal localizada na sede do município, as outras escolas estão alocadas nas comunidades rurais. O mesmo acontece para as escolas públicas estaduais, pois somente uma encontra-se na sede municipal. O ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Derrubadas contam com a oferta de apenas uma escola pública estadual na sede do município (FIGURA 20).



Figura 19 – Escola Municipal Salto Grande, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.



Figura 20 – Escola Estadual de Ensino Médio Getúlio Vargas, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Para o nível de ensino pré-escolar, o município também conta com 10 escolas (4 estaduais e 6 municipais). Recentemente, em 2012, Derrubadas inaugurou a Escola Municipal de Educação Infantil Meu Primeiro Passo na sede municipal, sendo esta a primeira creche que atende não só o público urbano mas também rural do município (FIGURA 21).



Figura 21 – Escola Municipal de Educação Infantil Meu Primeiro Passo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Quanto à educação de ensino superior na Microrregião de Três Passos, dos 20 municípios que a compõem, apenas 7, segundo informações obtidas pelo E-mec (2016), têm oferta de Instituições de Ensino Superior (IES), o que pode ser observado no Quadro 3.

MUNICÍPIO	Nº DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR
CAMPO NOVO	1
CRISSIUMAL	1
HORIZONTALINA	3
SÃO MARTINHO	1
TENENTE PORTELA	8
TRÊS PASSOS	8

Quadro 3 – Oferta de Instituições de Ensino Superior, Microrregião de Três Passos, Rio Grande do Sul, Brasil. Fonte: E-mec (2016).

Vale salientar que os municípios de Tenente Portela e Três Passos, possuem 3 campus de Universidade públicas, sendo elas: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; as demais são instituições particulares, bem como dos outros municípios apresentados.

Além da oferta de IES na microrregião, destacam-se alguns municípios próximos, ou então locais onde jovens moradores de Derrubadas costumam realizar seus estudos de nível superior. No Rio Grande do Sul esses municípios são: Frederico Westphalen que possui 5 IES, sendo destas, 3 federais; Palmeira das Missões que oferta 4 IES, sendo apenas 1 federal; Ijuí que das 8 IES tem somente 1 polo educacional a distância de Universidade Federal; Santa Maria que tem uma oferta de 21 IES, sendo 2 federais e ainda Uruguaiana, que das 10 IES presentes no município, conta com 2 federais. A Prefeitura Municipal de Derrubadas oferece auxílio no transporte e todo domingo um ônibus leva estudantes até o município de Frederico Westphalen.

Já no estado de Santa Catarina, o município em que os derrubadenses costumam frequentar IES, chama-se Itapiranga e dista somente 25 km de Derrubadas. Neste município a oferta de Instituição é apenas privada. Pelo demanda ser significativa, a prefeitura disponibiliza transporte todas as noites aos estudantes, cabendo a eles apenas pagar uma parte do custo total. No Mapa de localização abaixo é possível verificar a distância de Derrubadas com os polos que possuem IES (FIGURA 22).

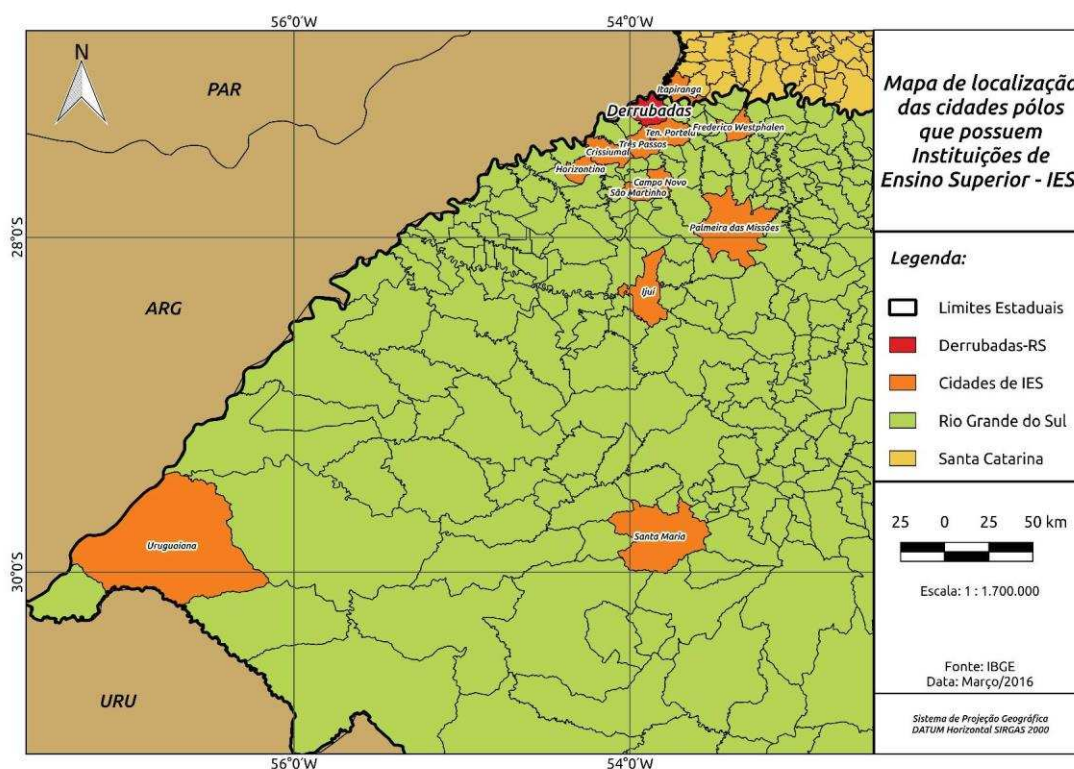


Figura 22 - Mapa de localização dos municípios com Instituições de Ensino Superior, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Elaborado por Jorge Bohrer Marques

Na esfera da saúde, Derrubadas conta com um posto municipal de saúde na sede do município onde todos os derrubadenses têm direito ao atendimento básico (FIGURA 23). O hospital mais próximo fica na cidade vizinha, Tenente Portela e tratamentos de saúde que exigem cuidados mais rigorosos são encaminhados às cidades de Três Passos e Ijuí.



**Figura 23 – Posto de Saúde municipal, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**

No município se encontra localizado o Parque Estadual do Turvo com uma área de preservação ambiental de 17.491,40 hectares, representando quase 50% da área total municipal e 0,065% da área do Estado do Rio Grande do Sul (DERRUBADAS, 2015) – sua área pode ser identificada na Figura 24, delimitada pela linha amarela. Considerado o primeiro Parque do estado (criado em 1947 pelo Decreto nº 2312), o Parque Estadual do Turvo “é uma unidade de conservação de proteção integral [e] é reconhecido como uma área de extrema importância para a conservação da biodiversidade” (ROSA et al. 2013, p. 489). Segundo a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul (2015), o Parque é o último reduto da onça-pintada no Estado, abrigando também outros animais ameaçados de extinção (puma, anta e cateto).

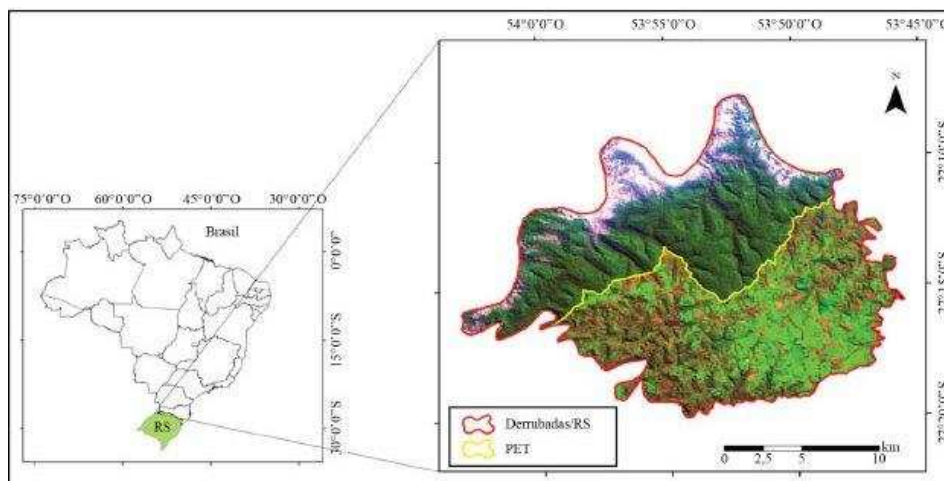


Figura 24 - Localização do Parque Estadual do Turvo (PET), município de Derrubadas, RS.
Fonte: ROSA et al. 2013, p. 490.

Ainda dentro desta área de preservação o Rio Uruguai é responsável por abrigar uma das sete maravilhas do estado, o Salto Yucumã (que em guarani significa salto grande), que divide Brasil e Argentina. A 14 km (de mata fechada) da entrada do parque, encontra-se uma fenda longitudinal de aproximadamente 1800 metros de extensão, com profundidade estimada em torno de 90 a 120 metros e quedas d'água que chegam de 12 a 15 metros de altura (FIGURA 25), (ROTA DO YUCUMÃ, 2015).



Figura 25 – Visão panorâmica do Salto Yucumã, circundado pelo Parque Estadual do Turvo, município de Derrubadas, RS.
Fonte: http://www.derrubadas-rs.com.br/galeria_fotos_yucuma/ipage00007.htm

Com a possibilidade de visitação (de quarta-feira a domingo) o Parque, bem como o Salto, são atrativos turísticos que movimentam a economia local. Recentemente, Derrubadas tem apostado no turismo local e em outras opções atrativas aos visitantes (FIGURAS 26 e 27). Em parceria, a prefeitura municipal, a Secretaria de Turismo e o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), bem

como outras instituições locais, desenvolveram roteiros de visitação envolvendo cultura e história, gastronomia, artesanato e belas paisagens naturais. Esses roteiros são formados por propriedades rurais e urbanas que dispõem de algum atrativo turístico.



Figura 26 – Material de divulgação dos roteiros turísticos de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.



Figura 27 – Centro de Informações Turísticas de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Destaca-se que o município faz parte da Rota do Yucumã (FIGURA 28), pois a região possui diversos atrativos e roteiros de turismo no espaço rural – Reserva Indígena, Santuário dos Mártires do Alto Uruguai, balneários, museus, agroindústrias e outros monumentos (SECRETARIA DO TURISMO, 2015).

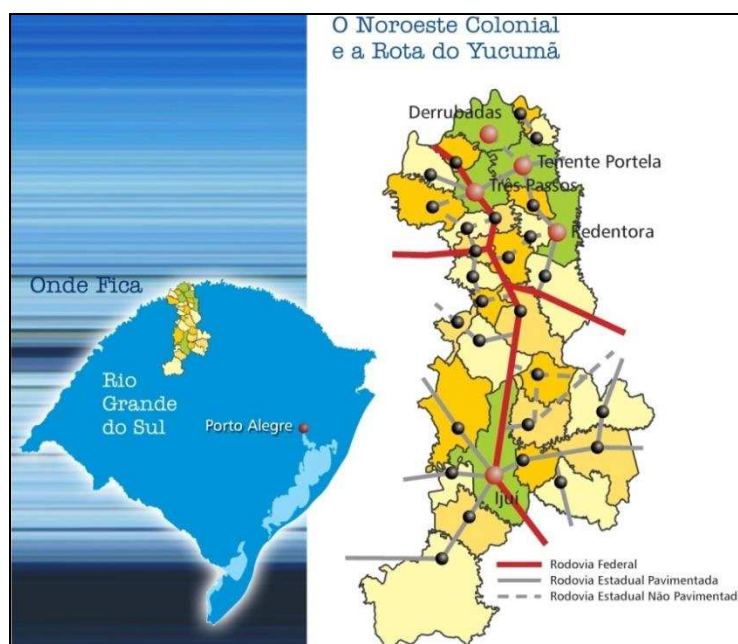


Figura 28 – Localização da Rota do Yucumã, Noroeste Colonial, Rio Grande do Sul, Brasil.
 Fonte: http://www.rotaseroteiros.com.br/rotas/yucuma/mapa_yucuma_G.jpg

Localizada na região Noroeste Colonial, a Rota Yucumã é formada por 33 municípios das Regiões Celeiro e Planalto Médio. Desde 1998 com a constituição do Consórcio Rota do Yucumã a região tradicionalmente agrícola vem apostando no seu potencial turístico, pois a rota apresenta uma diversidade muito grande de flora e fauna, bem como da herança cultural procedente de diversas etnias (SECRETARIA DO TURISMO, 2015). Segundo Mantelli e Canabarro (2009) o noroeste sul-riograndense foi ocupado por alemães, italianos, poloneses, letos, austríacos, russos e luso-brasileiros e sua colonização teve início no final do século XIX. Não só a região, mas todo o estado recebeu imigrantes que buscavam novas terras para moradia e principalmente para o desenvolvimento de atividades agrícolas. Os autores apontam que no estado “as primeiras áreas de colonização foram ocupadas pelos alemães (a partir de 1822), na região de São Leopoldo e mais tarde, pelos italianos (a partir de 1875) na Região de Serra, na porção leste do estado” (MANTELLI; CANABARRO, 2009, p. 3). Porém, efetivamente, a ocupação da Região Noroeste ocorreu

a partir da década de 1890 [e] representou uma nova etapa no processo de colonização. Nessa etapa foi estruturado um tipo de propriedade rural com tamanho aproximado de 25 hectares, dimensão predominante nas colônias oficiais, pois os casos de colonização privada não necessariamente seguiam este padrão. Este tamanho de propriedade incentivou a ocupação densa do espaço por um número maior de imigrantes. Foram denominadas “colônias novas ou mistas”, recebendo imigrantes diretamente da Europa, e também provindos dos descendentes de imigrantes das primeiras áreas de colonização [do estado] (MANTELLI; CANABARRO, 2009, p.4).

É importante relatar que as terras ocupadas nessa época eram destinadas, quase que exclusivamente para a agricultura; dessa forma, atualmente, “a Região Noroeste diferencia-se das demais, pois os produtos comerciais de maior significado em termos de área plantada (soja e milho, respectivamente), evoluíram da agricultura colonial” (MANTELLI; CANABARRO, 2009, p. 17). Além disso, de acordo com Mantelli e Canabarro (2009), é a partir daí, que se utiliza o termo “colono”, um sinônimo para os trabalhadores rurais no sul do Brasil. Diante desse contexto, destaca-se a complexidade territorial da região e do estado, pois essa configuração influencia culturalmente na identidade da população gaúcha. Logo, os jovens estão constantemente dialogando com essa herança cultural através da qual orientam suas representações e subjetividades.

1.2 Troteando¹² campo a fora: O costumeiro setembro gaúcho

A proposta desta seção é descrever as atividades culturais locais observadas pela pesquisadora durante a pesquisa de campo, especialmente os festejos da Semana Farroupilha. Como mencionado anteriormente (seção 1.1.), a exaltação da cultura gaúcha é um atributo característico da população que vive no Rio Grande do Sul. De acordo com os estudos, entre os anos de 1835 e 1845, no período da denominada Revolução Farroupilha¹³, é que se associa à população uma ideia de “nação gaúcha”.

Tal noção está vinculada ao processo histórico regional do Rio Grande do Sul, o qual “seleciona e narra algumas das lutas ocorridas no território sul-riograndense, além de descrever a região, seus aspectos físicos, geográficos e humanos,

¹² Culturalmente significa o ato de caminhar a trote e também a jornada que está sendo percorrida.

¹³ Conhecida também, como Guerra dos Farrapos, foi um conflito regional contra o governo imperial brasileiro que durou 10 anos (de 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845).

como se fossem transcendentess” (FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 267). E é também, a partir daí, que se constrói e se consolida a identidade do gaúcho como um “mito”. À vista disso, Freitas e Silveira (2004), apontam que

a figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul (FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 267).

Esse traço da população se torna mais visível ainda no mês de setembro quando as tradicionais festividades relacionadas à Semana Farroupilha¹⁴ acontecem. Comemorada na semana que antecede o dia 20 de setembro (popularmente conhecido como Dia do Gaúcho), a semana envolve desfiles retratando a história do estado, além de outras festividades, como a missa crioula (ritual religioso), o tradicional “costelão” (prato típico da culinária gaúcha), o preparo do chimarrão em locais públicos e os famosos “fandangos” (bailes animados com músicas típicas).

Especificamente em Derrubadas, a programação da Semana Farroupilha, em 2015, envolveu abertura oficial com a recepção da Chama Crioula, integração cultural entre as escolas da sede do município, jogos de bocha durante as noites, celebração religiosa, domingueira dançante e ainda refeições com cardápios típicos. Todas as atividades foram organizadas e ocorreram no Centro de Tradições Gaúchas do município (CTG Veteranos da Tradição da 20ª Região Tradicionalista do Estado).

Antes mesmo da abertura oficial da Semana Farroupilha em cada município, os cavalarianos¹⁵ locais deslocam-se para uma região estipulada pelo movimento tradicionalista do estado, a fim de acender a Chama Crioula (FIGURA 29) que será distribuída para todas as cidades do Rio Grande do Sul. Depois de aceso o “candeeiro”, geralmente em um cemitério diante do túmulo de uma grande figura regional, o fogo simbólico que representa a vitalidade das tradições gaúchas, bem como o respeito e o orgulho pela história, é carregado pelos cavalarianos que vão na

¹⁴ A atual Semana Farroupilha teve início como Ronda Gaúcha, em 1947. A primeira ronda foi organizada por um grupo de jovens, do dia 7 a 20 de setembro, logo após os mesmos terem criado o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual de Júlio de Castilhos (Porto Alegre/RS) (FREITAS; SILVEIRA, 2004).

¹⁵ Termo utilizado para definir os ginetes; qualquer gaúcho que monta a cavalo; historicamente são os militares que montam a cavalo.

cavalgada “a trote e a galope¹⁶” até seu destino final (CTG do município), onde a Chama permanecerá acesa durante toda a semana, para evidenciar que permanece aceso também o ideal tradicionalista. Aqui é válido destacar que dois jovens entrevistados durante a pesquisa são sócios do CTG e participaram da cavalgada para buscar a Chama Crioula.



**Figura 29 – Chama Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**

É possível visualizar essa atribuição dada à Chama Crioula nas palavras do prefeito municipal, em seu discurso, proferido na abertura da Semana Farroupilha de Derrubadas:

Esta chama que nós acendemos aqui nesta manhã de hoje, nunca pode se apagar! E quando vejo nos olhos desses jovens, tenho certeza, nós vamos continuar muitos e muitos anos levando a chama do Rio Grande aqui em Derrubadas. É um orgulho saber que vocês estão participando. Que orgulho de ser Rio-grandense, que orgulho ser gaúcho¹⁷.

Com aplausos e manifestações de alegria, os cavalarianos são recepcionados por toda a população derrubadense – inclusive os alunos das escolas que estão em

¹⁶ Passo mais rápido do cavalo; trote equivale a caminhar e galope caminhar rápido.

¹⁷ Discurso do Prefeito municipal, na abertura da Semana Farroupilha de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisa de campo, 2015.

horário de aula – que se desloca até o CTG para dar início às festividades na segunda-feira dia 14/09/2015(FIGURAS 30 e 31).

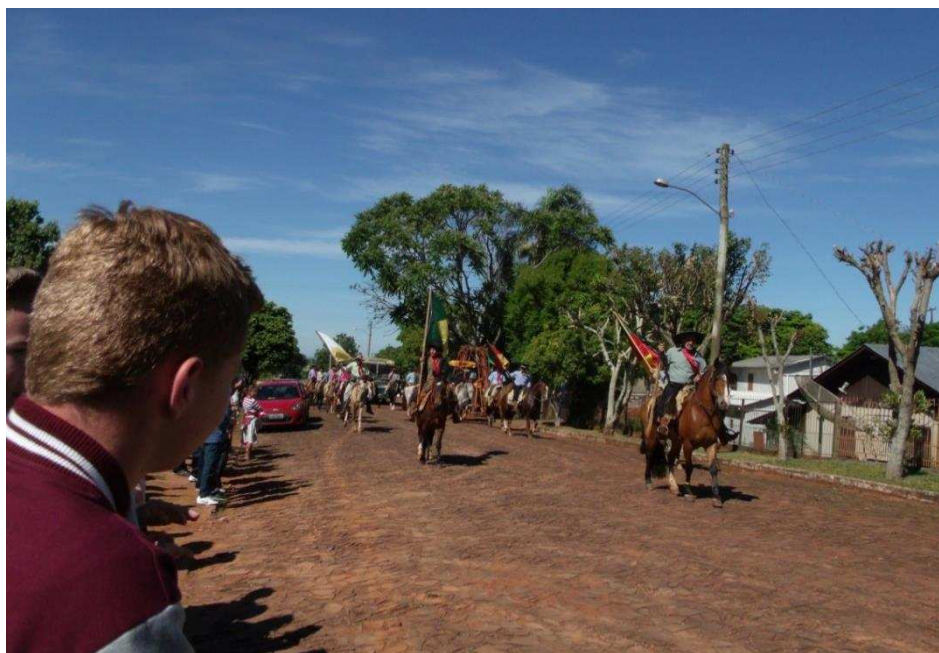


Figura 30 – Cavalheiros carregando a Chama Crioula e chegando ao município de Derrubadas, Rio Grande do Sul.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.



Figura 31 – Cavalheiros em frente ao CTG Veteranos da Tradição, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Em posição de respeito, a primeira atitude é cantar o Hino Nacional. Em seguida as autoridades locais, e ainda, os patrões¹⁸ do CTG discursam, no palanque de abertura (onde foram hasteadas as bandeiras, nacional, estadual, municipal e do CTG), sobre “O campeirismo gaúcho e sua importância social e cultural”, tema da Semana Farroupilha no município, em 2015. Abaixo, nas palavras do Patrão do CTG Veteranos da Tradição observa-se o orgulho de representar uma “nação”:

O nosso Território é 200 anos mais novo que o Brasil. Somos referência! Uma terra de muito conflito, por isso somos chamados de “povo”. Quando o resto do Brasil se dirige ao Rio Grande do Sul, aos gaúchos, usa-se o “povo gaúcho”! Porque somos diferentes, os nossos usos e os nossos costumes são diferentes. Nós somos diferenciados do restante do Brasil. Nós somos um povo ordeiro, hospitaleiro e trabalhador¹⁹.

Ainda, o Patrão em seu discursar, reforça a importância dos jovens para o movimento tradicionalista, principalmente por terem constatado a crescente participação juvenil nas atividades do CTG. Segundo ele, “o CTG não existe sem o apoio da juventude e cada vez mais eu vejo, gurizada, moças e guris, peões e prendas enfiando bombacha e vestido e isso é muito positivo. Vamos plantar cada vez mais a semente do tradicionalismo em nossos corações”²⁰.

A cultura gaúcha tem forte ligação com a música e a poesia, todas carregam a “essência” da tradição e indicam os valores atrelados à história e à cultura Sul-Riograndense. E ao finalizar a abertura oficial da semana, no estilo gaúcho, “uma poesia bem declamada de levantar o pêlo”, acompanhada em seguida do Hino do Rio Grande do Sul. Por fim, a manhã de abertura terminou em uma roda de música e chimarrão, enquanto se aguardava o churrasco sair do fogo (FIGURA 32).

¹⁸ Denominação dada aos presidentes dos Centros de Tradições Gaúchas, ou ainda, das cavalgadas.

¹⁹ Discurso do Patrão do CTG Veteranos da Tradição, na abertura da Semana Farroupilha de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisa de campo, 2015.

²⁰ Discurso do Patrão do CTG Veteranos da Tradição, na abertura da Semana Farroupilha de Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisa de campo, 2015.



**Figura 32 – Roda de Chimarrão, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.**

No decorrer da semana, em uma manhã de quinta-feira (17/09/2015), aconteceu a primeira integração cultural e recreativa das escolas municipal e estadual da sede do município com a “gurizada pilchada²¹” (FIGURA 33). Não só no dia da integração, mas durante toda a Semana Farroupilha, nas escolas os “alunos e alunas são incentivados a irem pilchados, e há toda uma mobilização em torno da data e do resgate do seu significado” (FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 274). O encontro ocorreu no CTG e iniciou após o ato cívico no palanque de abertura com um café de chaleira (café da manhã com cardápio típico: feijoada, torresmo, ovo cozido, melado, pão de milho, café com leite, entre outros quitutes da culinária gaúcha).

²¹ Pilcha é a indumentária/vestimenta tradicional da cultura gaúcha, utilizada por homens e mulheres de todas as idades.



Figura 33 – Ato cívico, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Na sequência, após o café de chaleira, houve o momento de recuperação histórica visando a temática da semana, onde um professor relatou o processo histórico do estado e, aproveitando o momento, realizou uma retrospectiva da Semana Farroupilha para todos os alunos. Para finalizar a manhã, foi aberto um espaço para apreciação dos talentos dos alunos; além de declamações de poesias, ocorreu também a apresentação de danças das invernadas artísticas (FIGURAS 34 e 35). A invernada corresponde a um grupo de danças tradicionais e cada grupo é dividido pela faixa etária, existindo assim as invernadas mirim, juvenil e adulta.



Figura 34 – Declamação de poesias pelos alunos, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.



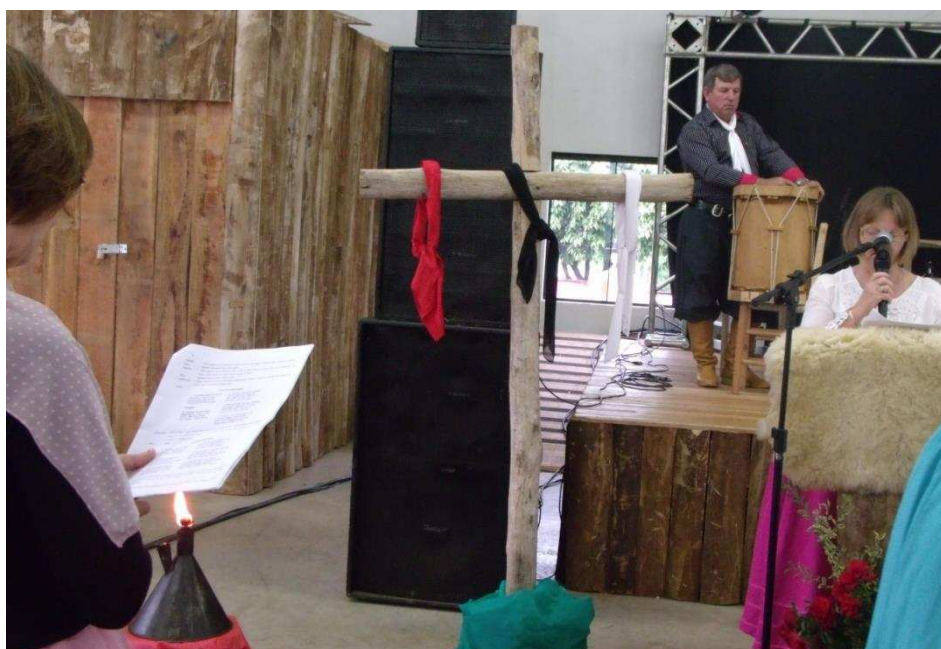
Figura 35 – Apresentação da invernada artística mirim, integração das escolas municipal e estadual, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Durante a semana, ainda outros almoços e jantares envolvendo o público idoso, associação comercial e a população geral ocorreram, mas o ponto alto das comemorações deu-se de fato no domingo dia 20 de setembro, oficialmente considerado o Dia do Gaúcho (simbolicamente representando a data de início da Revolução Farroupilha). Assim sendo, para encerrar a Semana Farroupilha no decorrer do dia, foi realizada a celebração religiosa conhecida como Missa Crioula (FIGURAS 36, 37, 38), o almoço com o “costelão” (FIGURA 39), as apresentações das invernadas artísticas (FIGURA 40) e por fim a domingueira dançante onde todos os gaúchos e gaúchas passaram a tarde no CTG divertindo-se ao som de músicas como o xote e a vanera.



**Figura 36 – Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.**



**Figura 37 – Três lenços que representam as divisões de lutas do passado, Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**



Figura 38 – Símbolos do Rio Grande do Sul ofertados na Missa Crioula, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.



Figura 39 – Costelão em fogo de chão, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.



**Figura 40 – Invernada artística juvenil, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.**

Até aqui, foi apresentado um panorama das festividades da Semana Farroupilha de Derrubadas. Este evento foi relevante para demonstrar a organização do município e o envolvimento da população nos festejos, bem como perceber como as festividades são vivenciadas pelos munícipes. Além disso, é perceptível não apenas em Derrubadas, mas em todo o estado, uma forte participação dos jovens, em especial os rurais, nas atividades realizadas nessa importante data comemorativa.

Vale mencionar a ligação intrínseca existente entre o apego e orgulho gaúcho com o meio rural, com a ruralidade, enfatizada pelos precursores e antecessores do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. Para quem visita o Rio Grande do Sul, sem mesmo estar próximo da data mencionada até aqui, é possível testemunhar que o gaúcho recorre à tradição no dia a dia, mesmo estando nas cidades ou ainda nos lugares mais longínquos. Tais valores são repassados de geração em geração, por meio de ritualizações, e continuam sendo sancionados pelos jovens do Rio Grande do Sul.

Por fim, identifica-se a festa como ritual onde as representações sociais (sobre o território, sobre a história e sobre a identidade) estão expressas nos vários discursos e imagens (oralidade, dança, músicas, poesias, etc.), permitindo que a cultura seja materializada, visualizada e articulada entre diferentes gerações. Nesse sentido, ao referenciar as discussões de Geertz (1978), a cultura se torna pública no ritual, ou

seja, nas festas, o que proporciona um caráter pedagógico de reforço das tradições e incorporação das novas gerações.

1.3 Que gurizada²² é esta?

A formulação desta seção tem o intuito de traçar o perfil dos jovens de Derrubadas participantes desta pesquisa. Para esse fim, são detalhadas as características gerais da gurizada, que darão suporte para as análises dos próximos capítulos. Isto posto, o universo amostral, como já apontado anteriormente na metodologia, foi composto por 12 jovens com idades entre 18 e 29 anos. Para melhor visualização, no Quadro 4 abaixo, está sintetizado o perfil geral de identificação dos entrevistados e na sequência, apresenta-se o mapa de localização das comunidades onde moram os guris e as gurias, bem como a distância de suas propriedades até a sede (Centro Urbano delimitado pela cor cinza) do município (FIGURA 41).

JOVEM	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	COMUNIDADE	RESIDE COM
1	Masculino	24 anos	Solteiro	Lajeado Librino	Pais e irmão
2	Masculino	26 anos	Solteiro	Lajeado Librino	Pais e irmão
3	Feminino	19 anos	Solteiro	Cedro Marcado	Pais e irmão
4	Masculino	29 anos	Casado	Esquina Colorada	Esposa
5	Feminino	26 anos	Casado	Três Marcos	Esposo e filho
6	Feminino	24 anos	Casado	Santa Fé	Esposo e filha
7	Feminino	22 anos	Casado	Sede do município	Esposo
8	Masculino	26 anos	Casado	Lajeado Librino	Esposa
9	Masculino	25 anos	Solteiro	Cedro Marcado	Pais
10	Feminino	24 anos	União Estável	Barra Grande	Esposo e filho
11	Feminino	20 anos	Solteiro	Três Marcos	Pais e namorado
12	Masculino	21 anos	Solteiro	Três Marcos	Pais e irmãos

Quadro 4 - – Perfil geral dos jovens entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Elaborado pela autora. Pesquisa de campo, 2015.

²² Termo usado culturalmente no Rio Grande do Sul para referir-se à juventude.

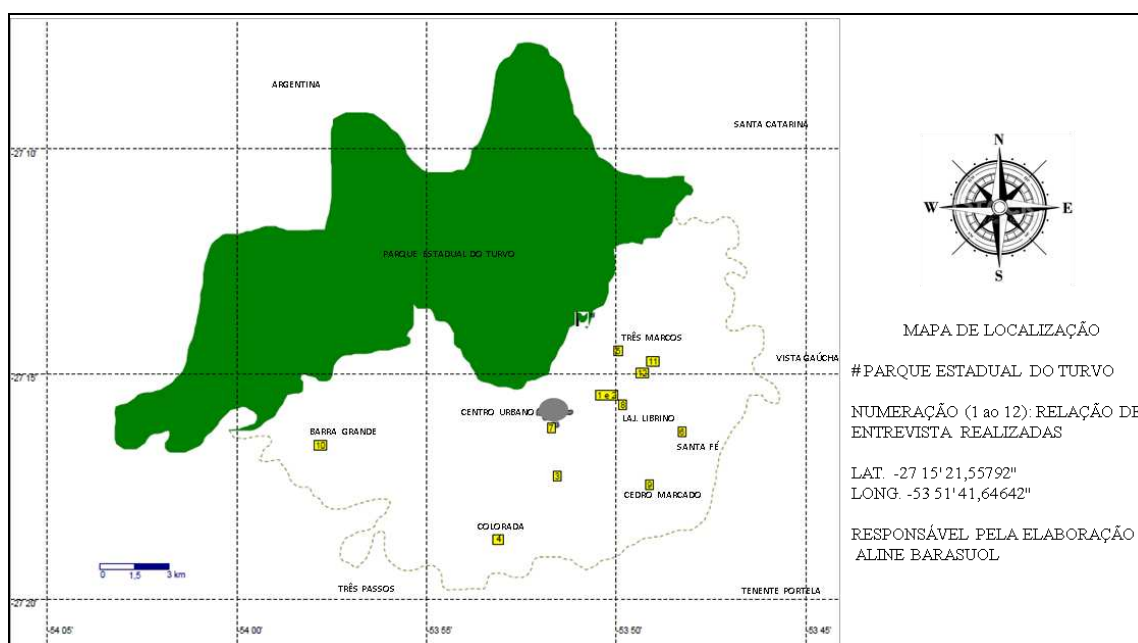


Figura 41 - – Localização de moradia dos entrevistados no município, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora. Pesquisa de campo, 2015.

Ao observar o Quadro 4 e verificar que metade dos jovens indicou ser solteiro no momento da pesquisa, é válido destacar que 5 desses namoram, sendo que quase totalidade dos(as) companheiros(as) é residente no próprio município; apenas uma namorada de um dos jovens entrevistados reside em um município vizinho. Quanto ao grupo familiar e ao número de pessoas que moram na residência, a maioria da gurizada apontou para o número de 2 a 4 pessoas (11 jovens), apenas um guri afirmou que 5 pessoas moram em sua residência (pais e irmãos). A respeito da descendência familiar a maior influência é da cultura italiana (6 jovens), seguida da descendência mista entre italianos e alemães (4 jovens) e só alemã (2 jovens). Em relação à religião, apenas a Jovem 10 apontou ser evangélica enquanto o restante mencionou ser praticante do catolicismo.

Ao indicarem sua escolaridade, é possível observar o elevado grau de instrução dos jovens entrevistados (Quadro 5). No momento da pesquisa, apenas duas jovens indicaram estar estudando, neste caso as duas estão cursando o ensino superior. Uma das gurias, a Jovem 3, cursa Ciências Contábeis em uma instituição particular na cidade de Itapiranga/SC, deslocando-se todas as noites com o transporte disponibilizado pela prefeitura; e a outra, Jovem 7, cursa Estética e Imagem Pessoal,

também em uma instituição privada, mas na cidade de Três Passos/RS e utiliza meio de locomoção próprio para se deslocar.

ESCOLARIDADE	Nº DE JOVENS
Pós-graduação	1
Superior completo	2
Superior incompleto	2
Técnico completo	3
Ensino médio completo	4

Quadro 5 - Escolaridade dos jovens entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Elaborado pela autora. Pesquisa de campo, 2015.

O Jovem 2, que possui pós-graduação, formou-se em agronomia e especializou-se em Produção vegetal. Toda a sua formação acadêmica se deu em Santa Catarina (Itapiranga), uma vez que a estrutura do curso proporcionou que o jovem permanecesse morando com os pais e só se deslocasse aos fins de semana para a faculdade, pois o curso era condensado às sextas-feiras e sábados. Enfatiza-se tal estrutura curricular do curso, uma vez que isso proporcionou um campo de possibilidades a um significativo número de jovens da região, inclusive os jovens rurais que poderiam cursar o ensino superior sem ter a exigência de sair da sua propriedade, podendo conciliar, assim, trabalho e estudo. Porém, o curso já não é mais oferecido nessa modalidade, por motivos que os jovens não souberam esclarecer.

Dos que afirmaram possuir ensino superior completo, o Jovem 1, da mesma forma que o Jovem 2, cursou agronomia em Itapiranga pelos mesmos motivos. Já o Jovem 4 indicou que é graduado em filosofia, porém este deslocou-se da sua propriedade para a cidade de Ijuí/RS, a 169 km de distância de Derrubadas. A respeito dos jovens que informaram possuir ensino técnico, todos cursaram agropecuária fora do município: dois deles, Jovem 11 e 12, se deslocaram a Bom Progresso na Escola Técnica Estadual Celeiro – ETEC, cerca de 15 km de distância da cidade de Três Passos; e um deles, o Jovem 8, residiu por dois anos e meio em Santa Maria/RS e concluiu na Universidade Federal (UFSM) dois cursos técnicos (agropecuária e eletromecânica).

Toda a gurizada entrevistada reside no meio rural desde que nasceu, embora alguns tenham saído para estudar ou trabalhar por um determinado tempo (6 jovens). A maioria dos jovens é de origem do próprio município estudado, apenas dois

entrevistados nasceram em uma cidade vizinha e atualmente moram com seus respectivos cônjuges.

Quanto aos vínculos laborais, todos trabalham na propriedade (com atividades ligadas à agricultura, pecuária e/ou trabalhos domésticos). Ainda, dois jovens, um guri e uma guria conciliam o trabalho do campo com o da cidade. Esses, coincidentemente, da mesma comunidade e formados em agropecuária, deslocam-se diariamente para a sede do município, onde um (Jovem 12) atua na assistência técnica da cooperativa de leite do município (CooperYucumã) e a outra (Jovem 11) é funcionária contratada do Sindicato de Trabalhadores Rurais local.

Ao questionar sobre as atividades desenvolvidas nas propriedades dos jovens, os principais cultivos indicados pelos entrevistados foram: soja, milho e trigo – correspondendo ao que já foi apresentado na seção 1.1 a respeito das atividades agrícolas no município. Ainda, 6 deles desenvolvem a produção leiteira, alguns conciliam esta atividade com outras práticas; apenas uma jovem trabalha na produção de hortifrutigranjeiros (tomate, cebola, repolho, uva, etc.) e também somente um dos jovens (Jovem 8) está iniciando no ramo do turismo rural.

No Quadro 6 é possível visualizar as atividades que proporcionam a maior renda familiar. Toda a produção é destinada ao comércio local ou então é comercializada no município vizinho. Neste mesmo quadro, podem-se observar outras informações a respeito das propriedades rurais da gurizada. Enfatiza-se o tamanho das propriedades, pois onde a principal atividade é a soja, tem-se uma maior extensão de terra. Em relação à satisfação com a quantidade de terra disponível, apenas a Jovem 10 indicou a necessidade de aumentar o patrimônio, uma vez que, para ela, a quantidade não é suficiente para se obter uma boa renda com a produção de hortifrutigranjeiros.

JOVENS	SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE	TAMANHO/ HECTARES	MÃO-DE-OBRA	ATIVIDADE DE MAIOR RENDA
1	Familiar	130	Exclusivamente Familiar	Soja
2	Familiar	130	Exclusivamente Familiar	Soja
3	Familiar	120	Predominantemente Familiar	Soja
4	Familiar	25	Exclusivamente Familiar	Leite
5	Familiar	100	Exclusivamente Familiar	Soja

6	Familiar	90	Exclusivamente Familiar	Soja
7	Familiar	30 (Possui + ao somar com o marido)	Exclusivamente Familiar	Soja
8	Familiar	33 (Possui em torno de 100 junto com o pai)	Exclusivamente Familiar	Soja
9	Familiar e Arrendada	140 Familiar + 100 Arrendada	Exclusivamente Familiar	Soja
10	Familiar	12	Predominantemente Familiar	Hortifrúti
11	Familiar	18	Exclusivamente Familiar	Leite
12	Familiar e Arrendada	15,5 Familiar + 18 Arrendada	Exclusivamente Familiar	Leite

Quadro 6 - Características gerais das propriedades e atividade produtiva principal dos entrevistados, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora. Pesquisa de campo, 2015.

De acordo com o Quadro 6 acima verifica-se que o trabalho desenvolvido nas propriedades dos entrevistados é familiar, seja ele exclusivo ou predominante. Nesse sentido, quando questionados a respeito do número de pessoas que trabalham no meio rural, em atividade agrícola ou agropecuária, 2 jovens mencionaram que 4 pessoas da família trabalham com alguma dessas atividades; 2 entrevistados disseram que em sua família são 3; a maioria (6 jovens) informou que 2 pessoas do grupo familiar desempenham atividades agrícolas ou agropecuárias e 2 jovens responderam que apenas 1 pessoa da residência trabalha com isso.

Por fim, os entrevistados ainda foram indagados se algum membro do núcleo familiar deixou o meio rural e a grande maioria (10 jovens) respondeu negativamente para tal questão. Dois afirmaram ter familiares que saíram do meio rural; o Jovem 8 informou que seus dois irmãos assim fizeram para qualificarem-se por meio dos estudos (ambos saíram com 17 anos e hoje um tem 19 e o outro 24 anos). Já a Jovem 11 informou que seus dois irmãos saíram do meio rural para trabalhar no comércio, com carteira assinada; deixaram Derrubadas com 17 e 20 anos, hoje estão com 26 e 35 anos e residem nos municípios vizinhos de Tenente Portela e Barra do Guarita.

CAPÍTULO 2

OS DIVERSOS OLHARES SOBRE O RURAL

Este capítulo está subdividido em quatro partes: a primeira discorre sobre a literatura científica acerca da Teoria das Representações Sociais, ‘fio condutor’ desta dissertação. A segunda parte do capítulo sintetiza alguns olhares a respeito do rural sob a ótica das mídias de massa, bem como da literatura brasileira enfatizando as diversas visões divulgadas por esses meios que contribuem na construção das representações sociais dos sujeitos. Já na terceira parte abordam-se as discussões científicas relacionadas ao meio rural entendendo este meio em um contexto pós-moderno. Por fim, a quarta parte do capítulo revela as representações positivas dos jovens investigados sobre o campo e o meio rural.

2.1 A perspectiva teórica das Representações Sociais

Os estudos de representação social têm destaque no meio acadêmico por sua relevância na vida social dos indivíduos. A grande contribuição para os estudos de Representações Sociais (RS) se dá a partir da obra de Serge Moscovici inicialmente na Psicologia Social, mas que atualmente transcende estas fronteiras e como instrumento teórico passou a ser incorporado por outros campos do conhecimento (ANJOS; CALDAS, 2014). O conceito de Representações Sociais foi introduzido por Moscovici, a partir de 1961, partindo dos pressupostos de Durkheim acerca do que o mesmo denominou de “representações coletivas”. Moscovici enfatizou o termo “social”, pois tinha a intenção de destacar a forma complexa e subjetiva que envolve as representações, contrariando o caráter estático e funcional apresentado na teoria construída por Durkheim (MOSCOVICI, 2007).

Segundo Moscovici (2007), existem várias ciências que estudam a forma com que os indivíduos reproduzem os saberes. Já a forma como estes constroem, partilham e o porquê o fazem, é objeto próprio da psicologia social. “Uma psicologia social do conhecimento está interessada nos processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social” (MOSCOVICI, 2007, p. 9). Assim, a representação social tem o intuito de interpretar de acordo com

a realidade contextual em que certos grupos estão inseridos, um determinado conhecimento socialmente construído. Como exposto por Farr (1999, p. 44):

Moscovici afirma que a noção de representação coletiva de Durkheim descreve, ou identifica, uma categoria coletiva que deve ser explicada a um nível inferior, isto é, em nível da PSICOLOGIA SOCIAL. É aqui que surge a noção de representação social de Moscovici. Ele também julga mais adequado, num contexto moderno, estudar representações sociais do que estudar representações coletivas. O segundo conceito era um objeto de estudo mais apropriado num contexto de sociedades menos complexas, que eram do interesse de Durkheim. As sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há, nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas (FARR, 1999, p. 44).

Dessa forma, Moscovici pretendia estender a aplicabilidade do conceito, com o intuito de explicar a dinamicidade das realidades, diferentemente da teoria anterior que tinha uma visão mais harmônica da realidade e que não dava conta de explicar o processo de transformações das representações. “A realidade entrevista por Moscovici, e da qual o conceito de RS deveria dar conta, era uma realidade que compreendesse as dimensões físicas, sociais e culturais. E o conceito deveria abranger a dimensão cultural e cognitiva; [...] a dimensão objetiva e subjetiva” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1999, p. 193).

De acordo com Farr (1999), as representações estão presentes tanto “no mundo” quanto “na mente”, os indivíduos assim como são um produto da sociedade são também agentes que geram mudanças na mesma. Neste sentido, Spink (1999) situa as representações sociais entre correntes que discutem o conhecimento popular, o senso comum. “Tal privilegiamento pressupõe uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento anunciando importantes mudanças no posicionamento quanto ao estatuto da objetividade e da busca da verdade” (SPINK, 1995, p. 118).

Conforme Pesavento (1995, p. 24), o “imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” onde o “verdadeiro” e o “aparente” se misturam. Nesse sentido, de acordo com Chartier (1991, p. 184), a noção de representação social relaciona dois sentidos aparentemente contraditórios, “por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a

apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. Assim,

no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente (PESAVENTO, 1995, p. 15).

Esse processo de estabelecer relações entre os objetos e seus significados envolve mais do que o aparente. “Logo, o real, é ao mesmo tempo, concretude e representação. Nesta medida, a sociedade é instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de ideias-imagens que constituem a representação do real” (PESAVENTO, 1995, p. 16).

Segundo Baczko (1985), os sistemas simbólicos são produtos das experiências vivenciadas pelos indivíduos ao longo da história e é por isso que cada indivíduo e cada geração tem uma definição própria acerca dos objetos e das relações. De acordo com o autor, “todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar” (BACZKO, 1985, p. 309).

Nessa perspectiva, Vasconcellos (2013) traz o ponto de vista das memórias como representação social. De acordo com a autora a memória é constituída com base nas representações sociais vigentes, pois se trata de “uma reconstrução e reinterpretação dos acontecimentos individuais e coletivos a partir das ideias e valores atuais” (VASCONCELLOS, 2013, p. 49). Segundo sua compreensão e baseada nos estudos de Bossi (1994), Vasconcellos (2013) realça que:

muitas de nossas lembranças mais individuais não são originais, possuem um forte lastro comunitário, pois se fundamentam em trocas sociais. Especialmente nossas primeiras lembranças, que não são realmente nossas, mas fazem parte do acervo familiar. A convivência social nos diversos meios como o familiar, escolar e profissional propicia o desenvolvimento de uma memória coletiva que acrescenta, unifica e diferencia a memória do indivíduo a partir das vicissitudes do grupo. O desejo de explicação, de dar sentido à própria biografia, integra as experiências do passado e do presente gerando os esquemas que norteiam a vida das pessoas (BOSI, 1994 apud VASCONCELLOS, 2013, p. 49).

Jovchelovitch (1999, p. 81) apresenta as representações sociais como estratégia desenvolvida pelos atores sociais “para enfrentar a diversidade e a

mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente”, ou seja, cada sujeito vai além da própria individualidade, embora esteja fundamentalmente ligado a um espaço potencial de fabricação comum. Para Jodelet (2001) a representação social é uma forma de conhecimento, construída e participada socialmente e que auxilia no processo de construção em um conjunto social de uma realidade comum. A autora pensa ser necessário manter-se sempre esclarecido acerca do mundo onde se está inserido, pois é essencial para que se saiba como agir. De acordo com a autora:

frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo (JODELET, 2001, p. 17).

Como observado por Franco, Munhoz e Andrade (2012, p. 56) em seu estudo, o qual analisou as RS dos jovens a respeito da família em São Paulo, as “representações são absorvidas, elaboradas e reelaboradas pelos indivíduos constituindo-se em elementos simbólicos personificados, a partir de um conjunto interativo de pensamentos, vivências, sentimentos e emoções”. Os autores ainda justificam a importância da escolha desta teoria como forma de análise, pois esta dá conta de compor as interpretações dos “elementos simbólicos que os indivíduos expressam, mediante o uso de palavras, figuras, sons e gestos” (FRANCO, MUNHOZ e ANDRADE, 2012, p. 45).

Em consonância, na ótica de Minayo (1999, p. 108), “as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”. A forma como isso acontece, de acordo com a autora, é por meio da linguagem, entendida como conhecimento e interação social, mesmo que a linguagem possua múltiplos graus de clareza em relação ao real e ainda que represente os pensamentos de forma fragmentada e limitada. Assim, “tanto o “senso comum” como o “bom senso”, para usar as expressões gramscianas²³, são sistemas de representações sociais empíricos e observáveis, capazes de revelar a natureza

²³ A expressão refere-se ao filósofo italiano Antonio Gramsci, reconhecido principalmente pela sua teoria da hegemonia cultural.

contraditória da organização em que os atores sociais estão inseridos” (MINAYO, 1999, p. 109).

Conforme Jodelet (2001), a transmissão da linguagem é o fio condutor para a comunicação dos fenômenos das representações; a comunicação soma para o processo de entendimento das representações que, baseadas nas relações sociais, são importantes nas dinâmicas da vida prática e afetiva dos grupos. Dessa forma, o entendimento das representações sociais necessita não apenas a interpretação do discurso mais amplo, mas também do particular, do individual. Destaca-se que Vasconcellos (2013) atenta, especificamente, para o processo de comunicação, uma vez que este é responsável pela criação e expressão dessas representações, por meio da linguagem. Referindo-se especificamente às mídias como processos comunicativos, a autora considera que elas

produzem, conservam e fazem circular informações, repercutindo na significação dada pelas pessoas à realidade social. Elas produzem e reproduzem esta realidade absorvendo o imaginário social e dando-lhe uma formatação específica para atingir variados segmentos sociais e guiar a atenção do receptor para determinados aspectos do texto. Os meios de comunicação se tornaram constitutivos da vida social, influenciando seus modos de interação e o consumo de bens simbólicos (VASCONCELLOS, 2013, p. 52).

Na visão de Santos, apresentada por Vasconcellos (2013, p. 42), “uma representação social é construída e reconstruída a partir de informações recebidas do ou sobre o objeto, filtradas e memorizadas, formando uma matriz cognitiva que permite compreender e agir sobre ele”. Com isso, a partir das diversas significações partilhadas pelos indivíduos de um mesmo grupo, constrói-se uma visão consensual da realidade para esse grupo específico. Porém, essa visão particular pode entrar em conflito com a de outros grupos sociais e isso acaba por configurar as dinâmicas sociais das representações, pois envolve ações e trocas cotidianas dos sujeitos (JODELET, 2001). Portanto, consoante com Jodelet (2001):

a noção de representação social apresenta, como os fenômenos que ela permite abordar, uma certa complexidade em sua definição e em seu tratamento. [...] Mas é preciso dizer: as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir (JODELET, 2001, p. 26).

Ademais, Froelich (2002) ao entender um conjunto de representações específicas como um sinalizador das marcas identitárias, chama a atenção para o fato de que as identidades estão em constante (re)elaboração, apresentando um caráter fluído, híbrido e com referências variadas. Sendo assim, em um contexto contemporâneo, o autor torna lúcida a percepção e a relevância da mobilidade simbólica. Por tais características, os grupos sociais por vezes se deparam com ambiguidades nas situações vividas. Além disso, por meio das trocas culturais, que pressupõem rejeições, reinterpretações, adoções e novas acomodações simbólicas, reforçam o caráter dinâmico do campo das representações.

Com base na ótica de Jodelet (2001), a representação social é uma forma de conhecimento, produzido e partilhado socialmente, que conduz o processo de construção de uma realidade comum em um conjunto social. “Eis porque as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana” (JODELET, 2001, p. 17), pois as mesmas guiam os indivíduos em seu modo de nomear e definir os aspectos da realidade diária, bem como no modo de interpretar esses aspectos e decidir frente a eles.

A partir dessas considerações e remetendo-se ao espaço rural, enfatizado nesta investigação, é relevante destacar que na dinâmica de entrelaçamento do rural com o urbano, bem como frente aos diversos discursos acerca desse meio – os quais serão apresentados a seguir neste capítulo –, os sujeitos estão interligados e recebem constantemente informações externas, sendo que cada qual está permeado por suas construções sociais, pautadas em suas relações cotidianas, o que contribui para a legitimação das suas atuais representações. Dessa forma, torna-se relevante e fundamental a compreensão das emoções e dos sentimentos como componentes e produtos das representações sociais, uma vez que estes fatores subjetivos norteiam as práticas sociais, pois a eles são atribuídos sentidos específicos de cada indivíduo e contexto.

2.2 O rural sob as lentes midiáticas e literárias

A língua não é o espelho da realidade, mas sua representação. Todo texto apresenta uma carga de significação implícita a ser recuperada pelo leitor/ouvinte, por ocasião da atividade de

produção de sentido diretamente vinculada a seu contexto e historicidade (GONÇALVES, 2005, p. 6).

Esta pertinente colocação de Gonçalves, a respeito dos diversos significados que carregam os discursos (explícita ou implicitamente) veiculados nas grandes mídias de massa, revela o pressuposto desta seção. A todo tempo, os sujeitos captam elementos que compõem seu universo simbólico; nessa lógica, objetiva-se apresentar um breve panorama dos repertórios (programas de televisão, literatura, poesia, música, jornais, entre outros) que estão disponíveis nos veículos midiáticos e que constroem e consolidam as representações, os valores e ainda a relação do homem com o meio em que vive, aqui, em especial, com foco no rural, universo empírico da investigação.

Para tanto é válido situar as discussões de Geertz (1978) a respeito da tentativa de compreender uma determinada cultura e suas particularidades. O autor, em suas reflexões, evidencia que as descrições das culturas “devem ser encaradas em termos de interpretações às quais pessoas de uma denominação particular submetem sua experiência, uma vez que isso é o que elas professam como descrições” (GEERTZ, 1978, p. 25). Nesse sentido, a cultura é uma teia de interpretações e significados e os textos culturais são tais quais as representações sociais. “Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” - o sentido de fictio - não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento” (GEERTZ, 1978, p. 26). Assim sendo, tanto as veiculações midiáticas quanto as literárias, e ainda as científicas, são leituras tomadas em dimensões simbólicas entendidas dentro de uma teia de relações culturais.

À vista disso, inquestionável é a histórica construção do imaginário acerca do rural, que por vezes carrega a desvalorização sociocultural, e por outras, imprime uma expressão romantizada desse espaço e estilo de vida. A respeito desse imaginário, Gonçalves (2005) analisa a imagem do homem do campo construída a partir do programa televisivo Globo Rural (da Rede Globo) que documenta, além da atividade agropecuária, “o agricultor, sua cultura, suas tradições, sua paisagem e suas aspirações” (GONÇALVES, 2005 p. 4).

Segundo Gonçalves (2005), os discursos exprimem, explícita ou implicitamente, determinados posicionamentos. Dessa forma, ao entender o discurso como “revelador da subjetividade”, assim como ao procurar conhecer a linguagem da

comunicação, isto “propicia uma leitura mais crítica e desvela elementos implícitos na organização da mensagem” (GONÇALVES, 2005 p. 17). Nesse sentido, a autora reflete sobre o poder da mídia em criar imagens por meio dos seus discursos, especificamente analisando o caso do Programa Globo Rural que está no ar há 25 anos. De acordo com suas análises, o programa cria e reforça duas faces do homem do campo:

por um lado, a tecnologia aplicada às atividades do campo, juntamente com os avanços científicos, das pesquisas realizadas, deram origem a um novo produtor rural, ligado ao agronegócio. Por outro lado, mantém-se a imagem do “caipira” desprotegido, caracterizado por um saber de tradição, uma imagem arraigada ao imaginário coletivo (GONÇALVES, 2005, p. 16).

Este estereótipo caipira, citado por Gonçalves (2005), retrata a histórica representação vinculada à população que vive no meio rural. Como já apontado, anteriormente, um sujeito “atrasado”, “ignorante”, “matuto” e “sujo” (PAULO, 2013, s.p). Ainda, nas reflexões de Gonçalves (2005), é possível visualizar características bem pontuais do homem do campo. Abaixo seguem trechos que fazem referência à imagem passada pelo programa analisado:

O médio e o grande produtor, já envolvido pelo Agronegócio em que se transformaram as atividades do campo, apresentam-se sempre bem trajados, quase em um estilo country, conforme a moda determina, mas o pequeno agricultor, aquele da atividade de subsistência ainda conserva o estereótipo “caipira” (GONÇALVES, 2005, p. 9).

Na visão do Globo Rural o homem do campo é aquele que precisa aprender com o cientista, com a Universidade, com o especialista; sua vivência não o credencia e não o leva ao sucesso esperado. O agronegócio, a cada dia vai tomando conta do cenário do campo e vai transformando o agricultor ou pecuarista em um homem de negócio, ficando ao pequeno agricultor o estereótipo do caipira, daquele que fala errado, que se veste mal, mas que tem uma sapiência natural, resultado da sua vivência no campo, e, por isso deve ser protegido (GONÇALVES, 2005, p. 11).

Recentemente, Redin e Costa (2013) procuraram compreender as informações e imagens sobre o rural transmitidas por um jornal (mídia impressa) da Região Centro Serra, no Estado do Rio Grande do Sul. Da mesma forma que Gonçalves (2005), Redin e Costa (2013, p. 9) encontram nas reportagens a figura do homem do

campo “com chapéu, roupas depreciadas e expressões caricaturais do trabalho pesado ou de sua exposição solar”. Além disso, os autores evidenciam que:

algumas indicações ainda remetem a imagens, símbolos e caricaturas de um tempo em que a atividade agrícola era considerada atrasada, que as famílias rurais tinham menos acesso a informações, [e eram] menos desenvolvidas economicamente e intelectualmente (REDIN; COSTA, 2013, p. 9).

Tais características de desvalorização com o tempo foram caricaturadas em figuras humanas, como é o caso do Jeca Tatu no Brasil. Um personagem literário da década de 1910, morador do meio rural, que representa uma imagem do brasileiro, originária da crítica de um proprietário de terras. Assim sendo, a figura do Jeca diz respeito a “um caboclo preguiçoso, apático, atrasado e responsável pelo atraso do país, uma criação estereotipada de grande força simbólica que busca realçar os contrastes entre o interior e o litoral, entre o Brasil moderno e o arcaico, temas recorrentes no pensamento social brasileiro à época” (NUNES; PINTO, 2009, s.p.).

É interessante perceber que a literatura também sinaliza as representações atreladas ao modo de vida rural. Ao analisar a caricatura do Jeca Tatu, Nunes e Pinto (2009) expõem a observação de Lima (1997), com relação à influência nas tendências literárias, pois “os escritores ora tendiam para uma visão do caipira como figura idealizada do ser humano em harmonia com a natureza, ora inclinavam-se para uma representação do caipira como obstáculo ao progresso, como símbolo de um Brasil passado” (LIMA, 1997 apud NUNES; PINTO, 2009, s.p.).

Nesse sentido, remete-se o pensamento ao livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, uma clássica obra da literatura brasileira que retrata a história da família de Fabiano vivendo em péssimas condições no sertão nordestino. A história do livro passou por uma adaptação cinematográfica, outra forma de propagação dos discursos e elementos simbólicos. Além deste clássico, inúmeras obras literárias e filmes costumam tratar do rural e de suas especificidades. Por retratarem o cenário até aqui vislumbrado, se discutirá a seguir acerca dos enredos de dois filmes brasileiros, *Abril Despedaçado* e *Árido Movie*.

O filme *Abril Despedaçado*, de Walter Salles, expressa as formas de pensar e ver o mundo, as ideologias, os desejos e preconceitos, os valores sociais, culturais e históricos, que definem e particularizam o rural brasileiro em 1910. A história desvela intensas reflexões, uma vez que o cenário é o sertão brasileiro, um lugar

marcado pelo atraso, pela miséria, e ainda, pela disputa de terras entre as famílias (Breves x Ferreira).

Ressalta-se que a rotina diária de uma das famílias (Breves) resume-se ao trabalho no moinho de cana do sítio, indicando as poucas alternativas restantes ao sertanejo. Durante todo o filme, é nítida a pobreza e a desilusão no cotidiano da família, a cultura e a realidade em que vivem, onde tudo é limitado e somente o pai insiste neste modelo ultrapassado. A pobreza desta família não permite que ela contrate empregados, e desse modo, o trabalho é dividido por funções sendo toda mão de obra familiar.

Além de retratar a vida e o trabalho na roça da família de sertanejos, o filme também mostra a exploração que sofrem pelos comerciantes, quando o comerciante local recusa-se a pagar o preço combinado. É possível perceber no filme a ausência do Estado perante a sociedade, já que esta se ordena a partir da estrutura familiar. A rígida estrutura familiar indica também a ausência de atores sociais e categorias capazes de reorganizar a sociedade, o que se torna visível na falta de autonomia das mulheres e dos jovens. Por ser um lugar atrasado e isolado, percebe-se a ausência de outras instituições como igreja, escolas e até mesmo a ausência de leis, sendo o único modo de regulação social a própria força e tradição das famílias.

A tradição de vinganças é o elemento de garantia das terras da família; esse, por caracterizar um problema fundiário, não permite a transformação social e principalmente a dificuldade para que o lugar se modernize. As vinganças realizadas cotidianamente no sertão sistematizam e estruturam a organização da sociedade, um rural brasileiro em um lento, mas gradual processo de transformação.

Os eventos sobre os quais se desenrola o filme indicam uma estrutura que se transforma. Pode-se perceber essa transformação no momento em que o protagonista deslumbrado com o novo, parte com dois artistas. Na viagem ele descobre novos modos de viver, sai da rotina desgastante do sítio e percebe que existe dentro de si uma felicidade e uma vontade maior de viver. Essa tomada de consciência, agindo por vontade própria, podendo optar e decidir quais valores ele queria vivenciar e perpetuar, possibilita ao protagonista ser sujeito de sua história.

Nesse cenário, observa-se uma visão dos jovens como atores políticos e sociais. O que por sua vez, vem motivando os pesquisadores da sociologia da juventude, no sentido de entender o segmento juvenil em interação com os demais segmentos sociais, reconhecendo sua importância como categoria analítica.

Diferentemente de *Abril Despedaçado*, o filme *Árido Movie* de Lírio Ferreira, narra o retorno de um jovem (Jonas) à sua cidade de origem, Valedo Rocha, localizada também no sertão nordestino, de onde saiu ainda muito pequeno, levado pela mãe para São Paulo. O jovem não sabe o real motivo de sua volta, a qual foi solicitada pela sua avó. Ao chegar a Valedo Rocha se depara com o enterro de seu pai e então descobre o que o aguardava: vingar a morte do pai e honrar a família. Nota-se um clima de vingança, do mesmo modo em que foi apresentado no filme *Abril Despedaçado*. Novamente é pela disputa de terras que se percebe essa rivalidade entre as famílias no sertão nordestino; a história e a tradição é que impõem o destino dos próximos descendentes, responsabilizando-os por lavarem a honra do nome de suas famílias.

O filme que tem como cenário um sertão contemporâneo, porém atrasado comparado à capital e às metrópoles, apresenta um grande conflito entre aquele que saiu quando pequeno daquela realidade e todos aqueles que ainda permanecem naquela localidade. Com isso, observam-se as diferenças e os conflitos existentes entre os dois espaços: a cidade de São Paulo como um centro urbano e moderno e o Sertão Nordestino como um espaço rural e atrasado. E é por meio da televisão que esses dois mundos se aproximam.

Assim como no filme *Abril Despedaçado*, o protagonista deste último apresenta uma imagem de um indivíduo sem identidade definida, com muitas dúvidas sobre quem de fato é, tentando se encontrar nesse contexto de rivalidade e tradição, onde não pode nem mesmo traçar o seu próprio destino. O dilema destes jovens é o mesmo que muitos jovens do meio rural enfrentam ao contrastarem seus valores herdados de sua família com diferentes elementos simbólicos.

Referindo-se aos valores absorvidos pela juventude, em especial ao relacionar o embate que se forma quando estes se chocam pelas diferenças culturais dos grandes centros em contraste com as de seu local de origem, Redin e Costa (2013, p. 9) inferem que os valores demonstrados pelas mídias são “vinculados a um passado recente imbuídos em sua trajetória, mas que as ações da última metade de século têm tratado desmistificar essa visão depreciativa e descompassada das famílias rurais”.

Apesar dessa desvalorizada visão, há também a constatação de prosperidade e revigoração do rural. Assim, a literatura e as mídias de massa também apresentam o meio rural como um espaço rico, atraente, moderno e confortável, reforçando a sua relação com a natureza, o que evidencia o caráter “tranquilo” desse meio, sendo

procurado assim, por cidadãos para momentos de lazer. A respeito disso, Gonçalves (2005), em sua análise, aponta que:

a relação campo/cidade tem sido muito discutida nos últimos tempos, de tal forma que o cidadão urbano, estressado com a vida tumultuada que leva, tem buscado no campo, na relação com a terra e com o povo, momentos de tranquilidade. Muitos têm optado por transferir-se para as zonas rurais, para cidades próximas à capital, outros têm procurado, na própria cidade, locais mais tranquilos, onde, em pequenos espaços de jardins ou hortas, podem relaxar. Este cidadão encontra, também no programa Globo Rural, em especial na sua edição de domingo, este contato com o campo (GONÇALVES, 2005, p. 5).

Desse modo, o rural passa a ser visto também por um ângulo romantizado e mágico. Exemplificando tal indício, apoia-se nas telenovelas e séries animadas, que assim como nos filmes e livros, retratam o mundo rural em seus amplos aspectos. Recentemente, a nova versão de *Meu Pedacinho de Chão* (telenovela transmitida pela Rede Globo em 2014 e originalmente na década de 1970 pela mesma emissora), embora tenha trazido aspectos tradicionais, ilustra um rural mágico, colorido, puro e ideal. Da mesma forma, a clássica obra infantil de Monteiro Lobato, *Sítio do Picapau Amarelo*, adaptada para a televisão, ilustra o mundo rural de modo mais livre e próximo da natureza, sendo que além de misturar a fantasia com a realidade, traz o encantamento que é viver nesse espaço²⁴.

Com relação a essa série animada de Monteiro Lobato, Sousa (2013) analisa a obra sob a ótica de valorização das manifestações tradicionais culturais e folclóricas. Para o autor, Monteiro Lobato transfere para o *Sítio do Picapau Amarelo* sua idealização de um país que culturalmente preza por seus costumes e tradições. Segundo Sousa (2013, p. 4) “esses assuntos relacionados às histórias e aos elementos campestres parecem antigos quanto ao interesse [do escritor]”. Ainda, de acordo com o autor,

para Lobato a valorização da nacionalidade na cultura partia do conhecimento dos saberes do povo, das histórias e da valorização dos personagens do folclore nacional. O afloramento dessa concepção de cultura popular e seu resgate e conseqüentemente sua valorização, talvez tenha surgido a partir de desenraizamento

²⁴ Embora nesta parte se enfatize o encantamento pelo rural especificamente, chama-se atenção aqui, para as duas representações contraditórias de Monteiro Lobato sobre o rural, pois uma está relacionada à sua interpretação de atraso vinculado a este meio, e a outra, se refere à sua interpretação mágica quando este se dirige a um público infanto-juvenil.

cultural, trazendo para o povo citadino a forma de viver e o conhecimento do homem da roça (SOUSA, 2013, p. 4).

Já especificamente na cultura gaúcha, lócus empírico desta pesquisa, o rural sempre teve um lugar de destaque, pois é nas músicas, poesias e livros que se enfatiza a relação de pertencimento do homem com a terra e com a natureza, uma vez que sua história carrega a identidade de um povo de “campanha”, homens que vivem no campo e dependem dele para sua sobrevivência. Abaixo, é possível identificar na música *Eu Sou do Sul*, de Elton Saldanha, significativos elementos característicos do meio rural e que são representados como riquezas do lugar.

Eu Sou do Sul²⁵

//Eu sou do sul, sou do sul
É só olhar pra ver que eu sou do sul,
A minha terra tem um céu azul,
É só olhar e ver//

Nascido entre a poesia e o arado
A gente lida com gado e cuida da plantação
A minha gente que veio da guerra
Cuida dessa terra
Como quem cuida do coração

Eu sou do sul
É só olhar pra ver que eu sou do sul
A minha terra tem um céu azul
É só olhar e ver

Você, que não conhece meu estado
Está convidado a ser feliz neste lugar
A serra te dá o vinho
O litoral te dá carinho
E o guaíba te dá um pôr do sol lá na capital

Na fronteira los hermanos
É prenda cavalo e canha
Viver lá na campanha é bom demais
Que o santo missioneiro
Te acompanhe companheiro
E se puder venha lavar a alma no Rio Uruguai

Na música, tanto as paisagens (azul do céu, terra, serra, litoral, pôr do sol, campanha) como o trabalho (arado, gado, plantação, vinho, cavalo) evocam representações e emoções positivas, e criam uma identidade rural e regional gaúcha que, inclusive, ultrapassa as fronteiras geopolíticas (los hermanos).

²⁵ Composição Elton Saldanha. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/elton-saldanha/159131/>>.

Além das músicas, a poesia gaúcha também traz a representação do campo e de seus aspectos positivos. Jayme Caetano Braun é um dos poetas gaúchos mais conhecidos regionalmente, pois expõe em sua poesia as particularidades do homem rural. Sua personalidade é tão conhecida que suas poesias se tornaram objeto de investigação e análise literária. Hernandez (2014), mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, instigado por compreender a abundância de significados intrínsecos nas poesias, estudou “O mito do herói gaúcho e a realidade da formação agrária do Rio Grande do Sul na poesia de Jaime Caetano Braun”. Sobre isso, Hernandez (2014, p. 86) evidencia que, para “Jayme Caetano Braun, a terra aparece sendo tratada metaforicamente como se possuísse atributos humanos, o que denota o sentimento íntimo que liga o rio-grandense à pátria”. Essa íntima relação com o lugar de origem (querência, pago, terra natal) pode ser observada no trecho que segue, de Jayme Caetano Braun:

Querência²⁶

Querência, rincão querido
Do bochincho e do fandango,
Da boleadeira e do mango,
Da coxilha e da canhada,
Querência verde, orvalhada
Dos ventos que se adelçam,
Repetindo quando passam:
- Já fui tudo e não sou nada!

Rincão da flor colorada
No topete das morenas,
Do tilintar das chilenas
E do umbu, triste e sozinho
De onde o ben-te-vi, do ninho
Nas alvoradas serenas
Desfia um sem fim de penas
Na evocação de um carinho!

Querência do cusco amigo,
Nobre e guapo companheiro,
Do balcão do bolicheiro,
Da china linda e do trago,
Do paisano que anda vago
Sem parador nem querência
E vai curtindo na ausência
Recuerdos de algum afago!

²⁶ Disponível em: <http://www.guapos.com.br/2014/poesia.php?cdpoesia=1296>.

Diante do exposto, constata-se que tais discursos, por vezes antagônicos, sobre o mundo rural estão sendo difundidos na sociedade brasileira. Nessa lógica, Gonçalves (2005, p. 3) evidencia que “o homem vê o mundo e recorta o universo a partir de determinada perspectiva, influenciado pela sociedade, pela sua experiência, [e] pela sua história de vida”; logo, os diversos repertórios culturais, de representações e valores a respeito do meio rural, comunicados por meio das diversas instituições, da literatura e ainda, da mídia para a população (seja ela, rural ou urbana), encontram expressão a partir de sentimentos e emoções particulares que conseqüentemente serão partilhados nas interações sociais.

2.3 E no mundo científico? O rural cotidiano no contexto Pós-moderno

Na contemporaneidade, um destaque especial se dá à sociedade pós-moderna, que congrega uma estrutura carregada de descontinuidades e conflitos, em um mundo de continuidade ilusória criada pela modernidade. É interessante também olhar para a ampliação dos contextos, e embora haja a geração de contradições em função dessa pluralidade, há em consequência, a reflexão sobre as interações dos sujeitos nesses contextos – interações consigo mesmo, com os outros, com as instituições e com o ambiente²⁷. Giddens (1991), ao refletir sobre a modernidade, elucida as “descontinuidades” desse período. De acordo com o autor,

os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p.10).

É preciso compreender que as relações pós-modernas só se dão e acontecem na vida cotidiana, pois é no cotidiano que os sujeitos têm a possibilidade de experimentar e interagir com eles mesmos, com os outros e com o ambiente. A noção

²⁷ Reflexões baseadas nas discussões da disciplina “Comunicação e Práticas Sociais” (MAFRA, Rennan. ERU635-Comunicação e Práticas Sociais. Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, ago. - dez. de 2014. Notas de Aula).

de cotidiano, aqui fundamental para as reflexões propostas, está vinculada à perspectiva de vitalidade, que orientada pelas discussões de De Certeau (1994), questiona o viver moderno do homem em movimento²⁸. Em sintonia, Martins (2008) ao refletir sociologicamente sobre a vida cotidiana²⁹ e ao basear-se na interpretação fenomenológica apresenta a intensa e permanente instabilidade da vida cotidiana, já que esta sofre e está sujeita a inúmeros choques que estabelecem descontinuidades em maior ou menor grau nas múltiplas realidades vivenciadas pelos sujeitos³⁰. A partir dessa reflexão, torna-se relevante compreender as múltiplas realidades da sociedade moderna brasileira, produto de um processo histórico que sempre esteve atrelado ao conhecido dualismo “rural-urbano”. O processo histórico ao qual o Brasil está imerso convive com a Herança Colonial, ou seja, tem-se ainda hoje, no mundo rural brasileiro, resquícios da escravidão, a presença dos latifúndios, da monocultura, da pecuária em larga escala, a ausência do Estado, a permanência do paternalismo e das relações clientelistas. Algumas dessas heranças estão presentes nas obras literárias e também cinematográficas, como visto anteriormente.

Ao passar do tempo, com as mudanças que trouxeram novidades como os sindicatos, o Código Florestal e as leis trabalhistas, ocorreu também um esvaziamento populacional no meio rural ocasionado pela modernização da agricultura concomitante com a Revolução Verde. Após os anos 1950, os movimentos sociais se fortificam e debates que abarcam a sustentabilidade, as mulheres na ruralidade e a emergência de políticas públicas para um desenvolvimento pautado em uma “modernização conservadora” ganham espaço.

Somente a partir do séc. XXI é que os povos tradicionais, as ORNA’S – Ocupações Rurais não Agrícolas –, a pluriatividade, novas identidades, novas religiosidades, fluxos da população rural, entre inúmeros atores e movimentos

²⁸ De Certeau (1994), centrado nas formas de dominação, debate acerca das resistências subvertidas dentro da rede de poder e afirma que por mais que a modernidade imponha sistemas totalizantes com a tentativa de se enraizar na vida individual, o indivíduo vê, negocia e coproduz resistindo dentro do próprio sistema de dominação imposto.

²⁹ Martins (2008), pautado na perspectiva de Lefebvre, ao refletir sobre a noção de cotidiano, aponta que a vida cotidiana perpassa tanto a vida pública quanto a privada, por isso vida privada e vida cotidiana não são sinônimas, nem mesmo conceitos.

³⁰ “Múltiplas, justamente, porque cada mundo (como a vida cotidiana, o sonho, a loucura, etc.) tem o seu próprio estilo cognitivo, definidor dos limites de suas significações. Embora a vida cotidiana seja o mundo que dá sentido aos demais, enquanto referência, aparece subvertida e alterada nesses outros mundos. O que nos mostra as descontinuidades que atravessam a vida cotidiana todos os dias” (MARTINS, 2008, p. 56).

contemporâneos rurais, bem como a juventude neste contexto, são inseridos na agenda social e política³¹.

Como visto, o Brasil passou por intensas transformações, gerando mudanças tanto econômicas quanto sociais, resultado das sucessivas políticas de desenvolvimento econômico e modernizante da agricultura. Esse processo de modernização da agricultura brasileira (no período pós 1964) é influenciado diretamente pela ação do Estado, pois é consequência da contínua implementação de políticas – política financeira, política tecnológica e política fundiária – voltadas à consolidação do Complexo Agroindustrial. O complexo, por sua vez envolve uma dinâmica de matrizes em sinergia, ou seja, a partir do momento em que se investe na agricultura, conseqüentemente desenvolve-se, tanto a montante quanto a jusante, o setor industrial, já que há uma ligação e “dependência” direta desses dois setores (DELGADO, 1985).

Ao meio rural é consagrado o sinônimo “agrícola” (VEIGA, 2003; GRAZIANO DA SILVA, 2001), da mesma forma, historicamente, ao relacionar “rural” e “urbano” tem-se a famosa “ideia de rural como lugar do atraso, em oposição ao urbano como o lugar do desenvolvimento, do conhecimento, do que é tido como “moderno”” (PAULO, 2013, s.p).

Ferrão (2000), ao reconstituir sinteticamente as relações entre rural - urbano e seus principais aspectos ao longo do tempo, expõe que o “mundo rural”, historicamente, organiza-se por uma tetralogia de aspectos: (i) a produção de alimentos é a função principal; (ii) a agricultura é a atividade econômica dominante; (iii) a família camponesa – com modos de vida, valores e comportamentos próprios – é o grupo social de referência e; (iv) a paisagem reflete a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de atividades humanas desenvolvidas.

Por conseguinte, como observado por Gediél e Froehlich (2007), referindo-se ao rural imerso em um contexto que está constantemente se modernizando:

o espaço rural torna-se um local diversificado de interesses, tendo como propósito atender à demanda gerada pela modernização da sociedade atual, possibilitando uma nova rede de estruturas e oportunidades, onde os ambientes rurais tornam-se também, uma alternativa de descanso e lazer (GEDIEL; FROEHLICH, 2007, s.p.).

³¹ Reflexões baseadas nas discussões da disciplina “Antropologia Rural” (DOULA, Sheila Maria. CIS232 – Antropologia Rural. Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, mar. - jun. de 2011. Notas de Aula).

Nesse sentido, como visto em alguns autores, quanto à representação do rural como um espaço estritamente agrícola, evidencia-se que alguns estudiosos atentam para o equívoco em relacionar o rural exclusivamente às atividades primárias, uma vez que os estudos acerca deste indicam um aumento significativo de pessoas residentes em áreas rurais que se ocupam de atividades não-agrícolas (VEIGA, 2003; GRAZIANO DA SILVA, 2001). De acordo com Buainain, Romeiro e Guanziroli (2003, p. 312) os estudos sobre a temática “evidenciam a expansão de novas formas de ocupação no meio rural, vinculadas direta ou indiretamente às atividades essencialmente urbanas”.

Igualmente, Carmo (2009, p. 263) realça que “o espaço rural tem sofrido um conjunto de mudanças estruturais resultantes fundamentalmente do processo de urbanização”³². Em decorrência disso, ocorrem modificações tanto nos modos de vida rural quanto nos modos de vida urbano, sendo que essas transformações são resultado de diversos processos que “compreendem uma série de modalidades advindas de diferentes relações estabelecidas entre a tradição e a modernização” (CARMO, 2009, p. 263).

No cerne de uma visão mais atual sobre o “rural”, o sociólogo brasileiro José se Souza Martins expõe que:

o conhecimento referencial de senso comum relativo ao mundo rural e agrícola está em crise no Brasil. Seu sistema de noções populares vem perdendo a solidez, disputado ideologicamente, questionado pela ciência. Há alguns anos começou-se a falar, em textos acadêmicos, em “o rural”, o adjetivo havia se transformado em substantivo. Mas um substantivo indefinido, residual, dotado de vida própria, embora abstrato. De geográfico, o conceito passava a ser sociológico, para se referir não mais, propriamente, ao espaço até então definido como rural, mas sim a um sujeito político, um sujeito territorial, dotado, como alguns preferem, de territorialidade. No plano político surgiram as organizações e os movimentos sociais que falam em nome do rural. Os sujeitos de demanda social e política já não são categorias propriamente sociais, mas sujeitos abrangentes porque dotados de territorialidade. Rural é categoria que chegou até nós através dos geógrafos e a partir deles se difundiu para outros campos de conhecimento (MARTINS, 2014, p. 14).

Embora o rural seja consequência de um processo histórico que carrega processos e relações baseadas na tradição, não se pode deixar de lado a diversidade

³² Iniciada no século XVIII com a Revolução Industrial, com o processo de urbanização surge a emergência da sociedade urbano-industrial.

do rural e a multifuncionalidade dos espaços que o compõe. Diante desse contexto, Wanderley (2009) enfatiza o rural como um local de ressignificações e de intensas transformações sociais, onde está presente uma nova forma de vivê-lo e pensá-lo. Sendo assim, a autora baseia-se no conceito de continuum rural-urbano, onde um não seria mais a ruptura do outro, mas sim, espaços interligados e sobrepostos.

De acordo com Rosa e Ferreira (2010) na contemporaneidade, campo e cidade só podem ser concebidos em suas relações, a partir de diferentes eixos: legal, espacial, paisagístico, demográfico, sócio-cultural, econômico, histórico, entre outros. Com base nisso, tem-se a ideia de continuum, que salienta a perspectiva de que campo e cidade – população rural e urbana são parte de uma mesma sociedade.

Já o Dicionário de Ciências Sociais (1986, p. 1090) ao conceituar o termo rural, por um lado, caracteriza-o como o antônimo do urbano, por outro e em concordância com os autores supracitados, diz que:

uma sociedade ou comunidade pode ser classificada como rural, e não urbana, pelos seguintes critérios, que indicam áreas de um continuum: menor densidade demográfica; menor diferenciação social; menor mobilidade social e espacial; índices mais baixos de mudança social; agricultura como ocupação principal; posse de terra como o centro convergente do sistema político-econômico (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 1090).

Ao enfatizar esta relação de dualidade e de continuidade, destaca-se que para Paulo (2013, s.p.), como também para Wanderley, “o rural e o urbano não são universos opostos, mas que se complementam”. Seguindo esta recente perspectiva, em que os dois universos não se opõem, diversos cientistas brasileiros – como Maria Nazareth Baudel Wanderley, José Graziano da Silva, Maria José Carneiro, Valmir Luiz Stropasolas, José Eli da Veiga, Arilson Favareto, entre outros – contribuem para as discussões a respeito das transformações do “mundo rural” evidenciando a multifuncionalidade do campo, bem como a emergência de uma “nova ruralidade”.

Com essa compreensão, Favareto (2007) norteia a percepção de um rural dinâmico e de espaços cada vez mais integrados. Nesse sentido, Froelich (2003) percebe diferentes rurais, ou seja, um rural plural. Da mesma forma, para Carmo (2009) o espaço rural deve ser interpretado de forma dinâmica e pluridimensional,

isto é, o espaço rural sofre, sem dúvida, um conjunto profundo de alterações que resultam da penetração dos factores de urbanização. No entanto, estes não se generalizam uniformemente pelas diversas zonas rurais, por dois motivos essenciais: primeiro, porque o

processo de urbanização não é em si homogêneo [...], segundo, porque as comunidades rurais empreendem diferentes formas de apropriação das componentes urbanas, em função de um conjunto de especificidades locais, sejam elas de carácter socioeconómico, cultural, ambiental [...]. Deste modo, deixou de ser possível construir uma visão uniforme (um tipo ideal) da vida rural, na medida em que esta tende a integrar lógicas complexas e contraditórias, cuja leitura deverá considerar os contextos locais e regionais (CARMO, 2009, p. 274).

Nesta perspectiva, atualmente, “está em curso uma visão do rural que propõe uma nova concepção das atividades produtivas, especialmente daquelas ligadas à agropecuária, e uma igualmente percepção do “rural” como patrimônio a ser usufruído e a ser preservado” (WANDERLEY, 2009, p. 250). Nessa lógica, é definido por Graziano (1996) que, na contemporaneidade, o homem rural apresenta como característica fundamental, não ser mais:

[...]somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano-industriais, como nas novas atividades que vêm se desenvolvendo no meio rural (GRAZIANO, 1996, p. 5).

De acordo com Medeiros (2011, p. 61), as discussões contemporâneas inferem que a nova ruralidade está ligada ao modo de vida e ainda é entendida “como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano”. Segundo a autora, o mundo rural tem uma grande capacidade de se adaptar às transformações da modernidade, indicando que o rural não se “perde” nesse processo de mudanças, “ao contrário, reafirma sua importância e particularidade” (MEDEIROS, 2011, p. 61). Ainda, para a autora,

a ruralidade sugere uma gama considerável de imagens quando é pensada, quando é discutida. Ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam através de ações a sua condição sócio-cultural presente reflexo daquela herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições das influências externas [...] E ao assumir esta ruralidade como uma construção social é que devem ser enfatizadas e compartilhadas abordagens que percebem ser este um modo de ser, um modo de viver mediado pelo território e pela cultura. A ruralidade deve ter referência em si mesma e não a partir da cidade, como se ela fosse um apêndice com dependência política e econômica (MEDEIROS, 2011, p. 61).

Contudo, diante dessa conjuntura é relevante destacar que na dinâmica de entrelaçamento do rural com o urbano os sujeitos estão interligados, porém cada qual permeado de suas construções sociais que são pautadas nas relações cotidianas. “Neste sentido, nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenômenos urbanos. Existe uma interrelação constante que depende dos contextos sociais” (CARMO, 2009, p. 263). Nesse sentido, como bem exposto por Rosa e Ferreira (2010) torna-se fundamental levar em consideração a história, as raízes, a trajetória dos grupos, uma vez que tais elementos determinam, em muitos casos, a reprodução cotidiana dos sujeitos.

Sendo assim, de acordo com esses pressupostos, enfatiza-se o posicionamento de Stropasolas (2013), quando o mesmo direciona o olhar em especial para a juventude inserida nesse contexto – uma vez que esse segmento é o foco desta pesquisa. Na ótica do autor as discussões baseadas no dualismo reducionista rural-urbano, “não dão mais conta ou não conseguem mais explicar as complexidades vivenciadas pelos diversos segmentos de jovens rurais, que se mobilizam de forma interativa nos diferentes espaços sociais, não sem experimentar renovados conflitos de valores e de visão de mundo” (STROPASOLAS, 2013, p. 2). Com isso, imersos nesse contexto plural e contemporâneo, os diversos espaços permeados (campo-cidade/rural-urbano), não só pelos jovens, mas por toda e qualquer população, propiciam ao indivíduo o contato com múltiplos campos simbólicos que orientarão as representações, bem como subjetividades desses.

À vista disso, problematizam-se nesta pesquisa as representações e os vínculos emocionais dos jovens em contextos rurais, pois como apontado por Barduni Filho (2012), em sua pesquisa a respeito de aspectos subjetivos emocionais que envolvem as afetividades e sexualidades nas escolas rurais, essas temáticas (considerando as que envolvem fatores subjetivos) “não costumam” ser abordadas em estudos de mestrado, essencialmente quando se consideram as pesquisas acerca do “mundo rural”, por isso da importância em estudá-las (BARDUNI FILHO, 2012, p. 4). Apropriando-se das palavras de Rodrigo Kummer, o intuito da pesquisa concentra-se na problematização, “não é o conhecimento pelo conhecimento, mas o conhecimento pela necessidade de não tornar natural àquilo que possui relações ainda ignoradas e mal compreendidas” (KUMMER, 2013, p. 14).

2.4 “Olha... se eu tivesse que optar de novo por ficar no campo, eu ficaria”: o rural na concepção juvenil

O intuito desta seção compreende a exploração das representações sociais positivas dos jovens rurais entrevistados sobre o meio rural, uma vez que, como já exposto neste capítulo, essas percepções norteiam as práticas sociais, pois a elas são atribuídos sentidos e significados específicos de cada indivíduo em cada contexto. Os dados aqui apresentados resultam das diversas atividades realizadas com os entrevistados (entrevista individual, construção do mapa do projeto de vida, grupo focal e ainda as conversas informais quando a pesquisadora acompanhava-os nos momentos de trabalho e lazer). As representações foram categorizadas e podem ser visualizadas esquematicamente na Figura 42.

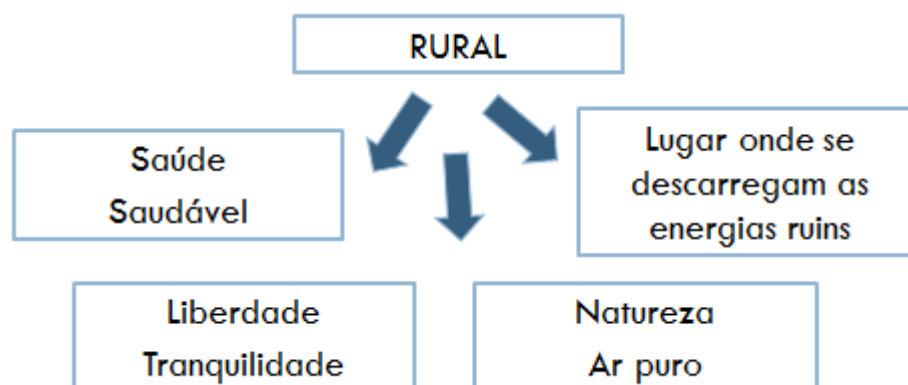


Figura 42 - Representações Sociais dos jovens da pesquisa sobre o meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Diferentes indagações foram direcionadas aos jovens, para que assim se atingisse mais profundamente as percepções, visões e valores dos entrevistados e ainda, para que fosse possível permear os diversos fatores percebidos e associados pela gurizada ao campo e ao meio rural. Nessa lógica, questões como: ‘Quais as vantagens de viver no meio rural?’; ‘Você gosta de morar aqui no município de Derrubadas? Por quê?’; ‘Do que você mais gosta da vida, aqui no meio rural?’; entre outras perguntas, foram as formas encontradas pela pesquisadora para instigar a exposição dos aspectos positivos que envolvem as representações dos jovens, especificamente os significados que o “rural” tem para eles (elas).

A respeito das vantagens mencionadas pela gurizada, o que mais sobressaiu foram os significados de liberdade e tranquilidade, sob diversas leituras. A liberdade

está relacionada a “não dependência”, ora pelo fato do ambiente proporcionar aos jovens e às suas famílias a produção do seu próprio alimento, ora por estar de certa forma “distante” de outros moradores da vizinhança (aqui há a comparação com a proximidade das moradias nas cidades). Ao observar as falas da gurizada, abaixo, chama-se a atenção para a ênfase na alimentação, a maioria expõe como fator positivo “produzir o próprio alimento” e, em consequência, isso gera saúde, pois na perspectiva dos entrevistados a alimentação torna-se mais natural e algo um pouco mais puro do que os produtos industrializados encontrados nos supermercados.

Ah aqui você tá livre. Aqui você pode criar teu próprio animal, produzir teu próprio alimento. Você tá livre (JOVEM 2).

Liberdade, não tem ninguém por perto (JOVEM 3).

É mais calmo. É mais tranquila a questão de horário. A gente pode alternar mais. Claro que tem as épocas de safra, plantio e colheita que a gente não tem muita escolha; senão é **bem tranquilo** (JOVEM 6).

Conseguir produzir o próprio alimento, **tranquilidade** sempre (JOVEM 8).

Mais **saudável** eu acho, menos estressante. E tu não precisa comprar o teu próprio alimento, porque tu consegue ter na propriedade (JOVEM 9).

Custo de vida é menor, produzimos mais do que a gente consome (JOVEM 10).

Além da qualidade de vida é **sossegado**, é bom (JOVEM 11).

Liberdade, a alimentação é algo um pouco mais puro, não depende de horário (JOVEM 12).

Sobre a sensação de tranquilidade, é possível visualizar que esta está vinculada tanto à flexibilidade de horários, quanto à agradabilidade do ambiente, pois este se trata de um lugar sossegado, sem a movimentação encontrada nas cidades. Ainda, vinculada à tranquilidade, observa-se na fala do Jovem 9 a associação com a palavra saudável. Nesse caso, o termo não se refere à alimentação, mas ao fato de não viver sobrecargas pesadas de estresse. De acordo com a visão do jovem, em comparação com o meio urbano, a tranquilidade alcançada por quem vive no campo proporciona bem-estar e qualidade de vida, consequentemente, saúde.

É interessante destacar que todos os jovens afirmaram que gostam de morar no município de Derrubadas. Tal pergunta foi essencial para verificar que, além das características demográficas que permitem classificar o município como “cidade rural”, como visto no Capítulo 1, os próprios jovens enfatizam essa ruralidade, pois muitos, ao justificarem sua resposta, voltaram a relacionar os aspectos pelos quais eles preferem a vida no campo; seguem algumas falas da gurizada:

Sim! Acho bom, lugar calmo e tranquilo (JOVEM 1).

Sim! Porque cidade de interior é bom de viver né! Não chegou ainda assalto. Droga já chegou, mas ainda aqui não (JOVEM 2).

Derrubadas é uma cidade calma, um lugar bom de se morar. Eu digo assim, não rodei muitas cidades, mas já vivi umas quantas experiências né! E quando eu morava em Frederico às vezes eu tava estudando, não que eu não gostava de estudar eu gostava de estudar também, mas muitas vezes eu tava lendo uma coisa, tava lendo um livro, lendo alguma coisa da faculdade, mas minha cabeça não tava ali. Meus olhos tavam ali, mas minha cabeça não tava ali, minha cabeça tava em casa sabe, tava nos meus pais, sei lá. **Eu me criei na lavoura e sempre gostei disso, então não adianta eu ficar na cidade, trabalhando lá e pensando no campo né.** O trabalho no campo é um pouco mais braçal, mais forçado, mas chega de noite, às vezes quando eu tava estudando eu não conseguia dormir, porque a minha cabeça tava cansada, aí se teu corpo ta cansado você dorme, mas se a tua cabeça ta cansada você não dorme (vamos dizer uma preocupação ou alguma coisa assim) e essa é uma das vantagens da gente morar no interior né (JOVEM 4).

Gosto, porque eu nasci aqui (JOVEM 5).

Gosto. Ah porque é um lugar tranquilo, conhece todo mundo. E como a gente sai bastante (passear) não tem problema, não tem do que reclamar (JOVEM 6).

Sim. Pela tranquilidade (JOVEM 7).

Gosto, pela tranquilidade. **Da natureza, do ar puro**, estar perto da propriedade onde eu trabalho (JOVEM 8).

Gosto. Porque eu me sinto bem (ar de satisfação com um leve sorriso), porque eu acho bom. Tem a convivência com todo mundo. Me sinto bem! (JOVEM 9).

Sim. Porque é um lugar bom de viver, um lugar calmo. Tudo o que produzimos conseguimos comercializar (JOVEM 10).

Ah eu adoro (suspiro). É bom, é tranquilo, principalmente morar no interior. Tu tem aquele sossego, não é que nem na cidade que tem aquele barulho de carro, é outra coisa (JOVEM 11).

As respostas da gurizada expressam, visivelmente, diversos fatores subjetivos envolvidos e também como as experiências de cada um interferem no modo de ver o lugar em que vivem. Todos indicam um ou mais fatores de valorização em relação ao município, e ainda, alguns não tem “palavras” para descrever o porquê gostam, simplesmente se sentem bem. Em paralelo a tais respostas, vale comparar o que os jovens explicitaram ao falar do que mais gostam da vida no meio rural:

Acho que na hora da colheita. Quando tá rendendo o produto. Você vê que tá dando certo, que o trabalho tá dando lucro (JOVEM 1).

Tá trabalhando. Visitar a sogra (risos). Ah dos amigos, o povo aqui é muito prestativo, precisa de uma ajuda o pessoal vem. Ser calmo (JOVEM 2).

Liberdade do meio rural. Lá na cidade se eu ligar o som alto o vizinho já chama a polícia, aqui se eu quiser escancarar o som eu posso (risos). Por exemplo, de manhã quando eu vou tocar as vacas, se eu tô com as mãos limpas, eu já vou catando umas pitangas ou fruta que tem, aqui tem cenoura na horta, essa questão de ser livre. Não é que você não siga horários; mas eu sei, lá onde eu estudei no seminário, se você não quiser fazer você tem que fazer, se você for empregado é pior ainda e em casa não. Não é que eu não tenha que trabalhar todo dia. Todo dia eu tenho que levantar, tratar os animais, tirar o leite, buscar as vacas, fazer o pasto, mas se eu quiser levantar as 6:30 eu levanto, se eu quiser levantar as 5:30 eu levanto, não é que 6:00 eu tenho que levantar; a gente faz o horário da gente. Você não tem vontade você não faz. **Olha... se eu tivesse que optar de novo por ficar no campo, eu ficaria** (JOVEM 4).

De plantar (risos), ajudar a plantar na roça (JOVEM 5).

Ah... a liberdade! Me sinto livre aqui (com entusiasmo) (JOVEM 6).

Liberdade, do tipo de tá ali na tua casa, na tua propriedade e fazer o que tu quiser, não dá satisfação? (JOVEM 7)

Ah, da paisagem que todo dia muda. Todo mês tu trabalha em uma coisa, tu consegue produzir o próprio alimento (JOVEM 8).

Gosto da tranquilidade. Tipo não tem aquele horário marcado, o que você acha que tem que fazer tem que fazer, você mesmo que se manda né (JOVEM 9).

O que eu mais gosto é lidar na agricultura, com o hortifrutigranjeiro (JOVEM 10).

(A jovem fala com empolgação) Ah, sabe, a gente que trabalha aqui (no sindicato, na sede do município) a semana toda eu não vejo a hora de chegar no final de semana e poder lidar com terneiro, com os bichinhos que a gente tem em casa, parece que você tira aquele peso, aquela coisa. **Te abre, te limpa as coisas ruins que tem** (JOVEM 11).

Aqui, além de evidenciar ainda mais as representações de liberdade e tranquilidade, destaca-se a forte relação de satisfação e realização com o trabalho exercido no meio rural (visivelmente nas falas dos Jovens 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10 e 11). A gurizada aprecia não só a forma de viver, mas também profissionalmente o que o meio rural oferece, pois como indica o Jovem 1, dá gosto de ver o resultado do trabalho (tá rendendo o produto e tá dando lucro) e isso torna-se para ele uma conquista pessoal.

Ao observar as respostas, os vínculos afetivos tornam-se explícitos em meio às colocações dos jovens. E tais falas demonstram a relação de pertencimento com o lugar (incluindo a paisagem, a natureza e o ar puro) e com aquilo que se gosta de fazer (lidar na agricultura, plantar na roça, tocar as vacas e já catar umas pitangas). Esse sentimento é tão presente e gratificante que se materializa na fala do Jovem 4: “Olha... se eu tivesse que optar de novo por ficar no campo, eu ficaria”. Ainda, em relação às representações positivas e subjetividades que surgiram, um novo fator chama a atenção quando a Jovem 11 se expressa: o rural como sinônimo de um lugar “onde se descarregam as energias ruins” do dia-a-dia. Esse aspecto está ligado à proximidade com a natureza, com o ar puro, e por ter a possibilidade de “colocar o pé na terra”. Dessa forma, identificam-se aqui subjetividades novas e positivas referentes ao rural que até então não tinham sido exploradas em outras pesquisas acadêmicas.

E como reafirmação destes aspectos positivos apresentados até agora, é relevante observar as respostas proferidas pelos jovens quando estes foram questionados a respeito do que cada um menos gosta (da vida no meio rural). Ao contrário dos fatores de valorização expressos com facilidade, ao indagá-los sobre um ponto de vista negativo do meio rural, os mesmos encontraram dificuldades em enumerar tais aspectos:

Sei lá! Não tem nada. Nunca parei pra pensar. De não gostar, acho que não tem não gostar de uma coisa específica. Acho que não! (JOVEM 1).

Ah vai saber agora! Ah tem às vezes as pessoas não se darem entre elas, o egoísmo digamos assim. Tem gente que se acha demais pra pouca coisa. *Eu já não, sou mais 'light'*. A F.(namorada) diz que eu me acho, mas eu acho que não. Sei lá também (JOVEM 2).

Ai, ai (silêncio). Assim, o que me deixa às vezes meio triste é se no final do mês não sobra muito, questão de renda ou então se resolve dar doença nos animais (JOVEM 4).

Ai ai, não sei. (Silêncio) Não tem. (Silêncio) Quando chove demais (risos) (JOVEM 5).

(Silêncio e demora em responder) É, não tem nada que eu não gosto. Não tem nada que me levaria a sair pra morar em outro lugar. E ficar sozinha não é minha preocupação. Não tem nada que venha na minha cabeça agora que me chame a atenção pra ser ruim (JOVEM 6).

Da distância dos grandes centros das cidades. Até mesmo o centro de Derrubadas, porque dava uns 10 km lá onde eu morava antes e tipo não tinha uma linha de transporte. Era o micro quando tinha aula, porque quando não tinha, por exemplo em época de férias, era horrível, tinha que caminhar 4 km até lá em cima pra pegar o ônibus. E festa, coisas assim, era tudo longe pra ir, dependia de carona. E o que eu mais gosto de morar aqui no centro da cidade é o acesso que antes não tinha, se preciso de qualquer coisinha vou ali no mercado, por outro lado tem a invasão dos vizinhos que não tem no interior (JOVEM 7).

Ai, quando o tempo (clima) não ajuda. E às vezes a tecnologia, tu tem que ir buscar muito longe pra trazer, mesmo na parte da produção (JOVEM 8).

Do que eu menos gosto? Assim, não teria. Deixa eu ver... (silêncio) Trabalhar no mais pesado (risos) (JOVEM 9).

A única parte ruim é que as coisas tão ficando tão caras né, pra comprar e fazer, mas no mais é bom de lidar nisso (hortifrutigranjeiro) e às vezes falta incentivo pra isso, tem e ao mesmo tempo não (JOVEM 10).

Sei lá não me vem nada na cabeça agora (JOVEM 11).

Ainda, observa-se nas falas dos jovens que algumas características negativas (como: chover demais e trabalho pesado) são acompanhadas de risos, indicando que alguns problemas cotidianos são encarados com humor e não como aborrecimentos. Diante deste cenário, observou-se uma forte e positiva relação dos jovens com o meio rural e com o lugar onde vivem, sendo evidenciados fatores subjetivos de

valorização do campo. Ao mapear as representações da gurizada sobre o rural, não houve empecilhos por parte dos entrevistados em listar suas visões, percepções e subjetividades positivas envolvidas, porém o mesmo não ocorre ao destacarem aos aspectos negativos.

A forma como os participantes da pesquisa se expressam (o modo de falar, os suspiros, o olhar, os silêncios e os ruídos) quando se referem ao campo, ao meio rural e ao município onde vivem demonstra o gostar e o apreço da gurizada pelo seu modo de vida. Assim sendo, para a gurizada entrevistada há, claramente, uma forte relação com a terra, com a paisagem, com a cultura, as relações de confiança e interconhecimento e com as próprias relações de trabalho, constatando deste modo, a existência do sentimento de pertencimento dos jovens com o “*seu lugar*”.

Salienta-se que os jovens integram uma cultura que enaltece a positividade do campo, como verificado na festa, nas poesias e nas músicas gaúchas, manifestações culturais estas que os jovens participam e consomem diariamente (isso pode ser visualizado nitidamente no Capítulo 1, bem como na seção 2.2). Logo, como visto anteriormente, paisagem e trabalho definem o ser gaúcho como culturalmente diferenciado, daí a ênfase juvenil nos aspectos ligados ao tempo mais lento, ao ritmo das colheitas, aos espaços abertos e à ausência da vigilância (invasão) muito próxima dos vizinhos.

Finalmente, é igualmente relevante destacar que a gurizada participante da pesquisa, em comparação com outros contextos rurais, possui alto grau de escolaridade e que também tem a oportunidade de contato diário com a própria sede do município e com outros municípios maiores, o que permite relativizar suas representações sobre o rural e o urbano, bem como comparar os aspectos positivos e negativos tanto da cidade como do campo.

CAPÍTULO 3

JUVENTUDE(S) RURAL(IS) E SEUS PROJETOS FUTUROS

Este capítulo divide-se em duas partes: a primeira refere-se à juventude e a juventude rural abordando paralelamente, nesta seção, as discussões científicas sobre a temática com a perspectiva da gurizada sobre ser jovem e ainda ser jovem rural. Em seguida, aprofunda-se o debate sobre os projetos de vida e ainda, são apresentados os mapas construídos pelos jovens da pesquisa, evidenciando as subjetividades envolvidas.

3.1 Juventude(s) e Juventude(s) Rural(is)? *“Meu Deus do céu! O que responder?”*

O debate em torno da temática juvenil tem início quando este segmento passa a ser reconhecido, nos centros urbanos, como um “problema social”, ou seja, quando os jovens são vistos como a parcela da sociedade vinculada às rebeldias em relação à normatização social. Autores como Karl Mannheim, Marialice Foracchi e Pierre Bourdieu deram início às discussões acerca da juventude como categoria conceitual, caracterizando-a não apenas como uma faixa etária ou ligada a fatores biológicos. Atualmente, o jovem é visto como um novo ator político e social nos diversos contextos onde está inserido, o que vem instigando pesquisadores, em especial ligados às ciências sociais, a entender o segmento juvenil em interação com os demais segmentos sociais, reconhecendo sua importância como categoria analítica a partir, dentre outros campos do saber, de uma sociologia da juventude.

Conforme o Dicionário de Ciências Sociais (1986, p. 661), Juventude sociologicamente “tem um sentido coletivo”, “uma parte da população total de cada país ou grupo de países”, mas também se refere a uma só pessoa e “expressa o período de tempo compreendido entre o fim da infância e o início da idade madura”. Dessa forma “a juventude aparece como uma transição entre infância e adolescência e a idade adulta, sendo acompanhada pelos chamados ritos de transição” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 662). De acordo com a UNESCO

o conceito de juventude, estipulado na Conferência Internacional sobre a Juventude em 1964,

designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade; o final da juventude varia segundo os critérios e os pontos de vista que se adote para determinar se as pessoas são “jovens”. Por juventude entende-se não só uma fase da vida, mas também os indivíduos que pertencem aos grupos de idade definidos como jovens (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 661).

No campo investigativo desta pesquisa, questionou-se a gurizada entrevistada sobre o que para cada um era ser jovem. Nesse sentido, é interessante observar que apenas uma guriazinha apontou objetivamente para uma faixa etária, afirmando que jovem é “*ter menos de 30*” (Jovem 7); os demais indicaram algumas subjetividades e revelaram a complexidade que envolve a juventude, bem como a dificuldade em definir esta fase da vida. Principalmente, a gurizada aponta que ser jovem é viver a vida com mais intensidade e energia, mas com certa leveza; ainda, ser jovem é buscar por coisas novas, por novos aprendizados. Tais evidências podem ser observadas nas falas a seguir:

É viver uma fase diferente da vida. Viver um momento a vida diferente eu acho (JOVEM 1).

Pergunta difícil. Quem fez essas perguntas aí? (risos) Podia facilitar né. Ah ser jovem é você ir atrás de coisas novas, algo novo (JOVEM 2).

Continuar sonhando, tentar sempre melhorar, crescer na vida, não só financeiramente, mas ser uma pessoa boa. E quando você deixa de querer aprender acredito que você deixa de ser jovem (JOVEM 4).

É ter força de vontade de trabalhar, ânimo (JOVEM 5).

Ah, acho que juventude tá na cabeça, não é tanto na idade. Tá com o pensamento mais a mil vamos dizer assim (JOVEM 6).

Ter vontade de trabalhar e se divertir (JOVEM 8).

É ser mais livre. Hoje eu vou sair, aí você pega e sai. Ter a sua independência e se encontrar com os amigos (JOVEM 9).

Ser jovem é a fase que a gente tem pra conquistar o que a gente planeja na adolescência, é a fase que temos pra nos realizar na vida, realizar os nossos projetos (JOVEM 10).

As representações dos entrevistados remetem ao debate de Bourdieu (1983) a respeito da juventude, pois ele já atentava para o fato de que “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos” (BOURDIEU, 1983, p. 113). E isso implica em relações muito complexas entre as idades (social e biológica) já que para Bourdieu (1983, p. 113) “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”, ou seja, sempre em relação à outrem. De acordo com o autor,

a representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. [...] As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar (BOURDIEU, 1983, p. 112).

Ao transpor uma linha do tempo utilizando as pesquisas baseadas em estados da Arte e do Conhecimento que envolve a juventude brasileira, é possível ter um panorama geral do que se têm estudado até o presente momento. Nessa lógica, Cardoso e Sampaio (1995), nos anos 1990, publicaram uma bibliografia comentada pioneira sobre a juventude, onde realizaram um levantamento de livros, teses e artigos com a temática. Nesse trabalho, as autoras apresentam os primeiros estudos dentro da já denominada sociologia da juventude e ainda destacaram o início desses estudos a partir de Mannheim, nos anos 1920, quando este observa a juventude por uma perspectiva geracional e a percebe como um conjunto de “recursos latentes”, indicando que “a função específica da mocidade é um agente revitalizante; é uma espécie de reserva que só se põe em evidência quando essa revitalização for necessária para o ajustamento para circunstâncias em rápida mudança ou completamente novas” (MANNHEIM, 1968, p. 72).

Logo em seguida, nos anos 1930, ganham destaque na chamada Escola de Chicago os estudos sobre as gangs urbanas, com forte demarcação racial e a territorialidade como fator fundamental na construção da identidade dos jovens negros pertencentes aos guetos, destacando-se aqui Thraster com a obra “The Gang”. A partir desse momento é que o tema da delinquência juvenil ganha força na Escola de Chicago; as autoras destacam nesse período Martza, autor que propôs uma interpretação dessa delinquência por meio das condições das classes sociais baixas,

entendendo-a como uma contracultura que rejeita os valores impostos pela classe média.

Dando continuidade, as autoras destacam, nas décadas de 1960 e 1970, o protagonismo juvenil em diversos movimentos sociais – surgimento dos hippies –, e aqui é salientado por elas que se retoma uma percepção genérica de juventude, como no surgimento dos estudos sobre a temática. Ao final da década de 1960 destaca-se o chamado grupo de Birmingham, que orienta os estudos sobre juventude pelo prisma dos consumos de massa, discutindo a posição meramente passiva do jovem. Cabe mencionar que os estudos comentados por Cardoso e Sampaio (1995) foram divididos em cinco grandes temas: Juventude e Educação; Juventude e Trabalho; Cultura Jovem: Atitudes; Comportamentos e valores, e por fim, Juventude: Participação Social, Política e Situação da Juventude no Brasil e no Mundo.

Já em 2002, foi publicado por Sposito um balanço da produção científica sobre a juventude brasileira entre 1980 até 1998 – Juventude e Escolarização – que abrangeu apenas estudos ligados à área da educação. Em outra publicação de um estado da arte, no ano de 2009, a autora analisou a produção científica sobre a juventude na pós-graduação brasileira nas áreas de educação, ciências sociais e serviço social, no período de 1999 até 2006. Esta última pesquisa resultou em dois livros “O Estado da Arte sobre Juventude na Pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social” – Volumes 1 e 2, onde em conjunto, analisou um total de 1.293 teses e dissertações sobre juventude. O intuito desse estudo pela equipe de pesquisadores que o viabilizou segue no sentido de contribuir para que as discussões sobre o tema da juventude se estruturem e se consolidem, deixando de ser apenas emergente (SPOSITO, 2009). Cabe expor a sistematização por eixos temáticos, realizada pela autora: Juventude e Escola; Adolescentes em processos de exclusão social; Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional; Jovens, sexualidade e gênero; Jovens e trabalho; Juventude, Mídias e TIC; Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências; Estudos sobre jovens na interface com a política; e Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte.

Em outra contribuição, Hayashi, Hayashi e Martinez (2008), ao traçarem um panorama do estado da arte sobre jovens e juventude no período entre 1989 a 2006, destacam “que as produções científicas sobre juventude se enriquecem a partir de fertilizações cruzadas e do diálogo entre a sociologia, a antropologia, a ciência política, a demografia, o direito, o serviço social, a economia, a saúde e a educação”.

Para os autores, por esse entrelaçamento é que se podem localizar as metamorfoses “que afetam os jovens no campo educacional, do trabalho e desemprego, da sexualidade, da estrutura familiar, das questões éticas e de gênero” (HAYASHI; HAYASHI; MARTINEZ, 2008, p. 135). Esses autores mapearam 84 trabalhos considerando os termos “jovens e juventude”, e perceberam que houve, a partir de 2000, um crescimento expressivo no número de publicações. No entanto, especificamente, em relação à juventude rural, foram encontrados somente 3 trabalhos, sendo eles dos seguintes autores: Rosani Marisa Spanevello no ano de 2003, Elisa Guaraná Castro em 2005 e Sirle Brum Oliveira no ano de 2006.

É interessante destacar que apenas em 2005 é que Wheisheimer publica um mapeamento acerca dos jovens em contextos rurais, exclusivamente. Para realizar o mapeamento, o autor baseou-se na análise de resumos de teses, dissertações, livros e artigos publicados em revistas e anais de congressos científicos de diferentes áreas. Foram encontradas 2 teses de doutorado, 3 livros, 18 dissertações de mestrado e 27 artigos publicados em periódicos e anais de congressos científicos. Segundo as análises, os anos de 2000 até 2003 foram o auge nas produções científicas encontradas pelo autor.

Ao balizar o debate acadêmico sobre a juventude rural no Brasil no período entre 1990 a 2004, Wheisheimer (2005, p. 7), alerta que o segmento juvenil em zonas rurais está em uma situação de invisibilidade, o que se configura em uma cruel expressão de exclusão social, pois como exposto pelo autor “esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão” (WHEISHEIMER, 2005, p. 8). Além disso, o autor afirma que “enquanto eles permanecerem invisíveis ao meio acadêmico e ao sistema político, não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental”.

Além de Wheisheimer, Castro et al. (2009) analisaram materiais bibliográficos (livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias de cursos de especialização, artigos e resumos em revistas e congressos acadêmico-científicos, capítulos de livros e relatórios de pesquisas nacionais) a respeito da juventude rural e suas variações de expressão (juventude rural, jovem rural, jovens agricultores, jovens filhos de agricultores, jovens do MST, juventude do MST, jovem camponês, juventude camponesa, jovem trabalhador rural, jovem empreendedor

rural, jovem empresário rural, juventude sem-terra, jovem sem-terra, jovem do interior), delimitando o recorte temporal dessa produção entre 1985 até 2007.

Foi identificado pelas autoras que a partir de 2000 houve um rápido crescimento da produção bibliográfica com esta temática, com uma média de 22 trabalhos por ano, concentrando no ano de 2006 um total de 40 trabalhos. Assim como nos achados de Wheisheimer (2005), Castro et al. (2009) salientam que as regiões que concentram o maior número de produção acadêmica sobre o tema da juventude rural (Sudeste, Sul e Nordeste) são também aquelas que proporcionalmente têm o maior número de artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, o que pode ser atribuído pelo grande número de universidades com nível de Pós-graduação.

Quanto à principal temática abordada nas produções, Castro et al. (2009) observaram que os estudos de juventude rural são abordados especialmente pelo campo da Educação. De acordo com as autoras, “a área da Educação, na qual se localiza a maior quantidade de trabalhos sobre a juventude rural e programas distintos, foi a pioneira em produzir dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Nela, o tema tem estado sempre presente ao longo dos anos” (CASTRO et al., 2009, p. 54). Diante do panorama acima exposto, observa-se que a categoria juventude rural no país vem ganhando expressividade nas discussões acadêmicas. Porém, o hiato existente entre juventude urbana e juventude rural explicita que embora haja um aumento dos estudos e ações, ainda é notória a fragilidade do conhecimento acerca da juventude rural brasileira (CASTRO, 2009).

A respeito das definições categóricas apresentadas nestas pesquisas que envolvem o segmento juvenil rural, Stropasolas (2013, p. 3), ao problematizar o campo teórico da noção de diversidade social na abordagem das crianças e jovens rurais, evidencia os diversos estudos que “abordam a juventude como categoria auto-evidente ou auto-explicativa, passível de uma definição universalizante, tanto no campo acadêmico quanto nas políticas sociais”. Porém, este não é foco desta investigação, ao contrário, apoia-se fundamentalmente como bem coloca o autor, no entendimento da juventude como conceito em construção. Em suas próprias palavras, enfatizam-se aqui, “as abordagens que vêm a juventude e o rural como conceitos em construção e não como noções cristalizadas e com “virtudes” essencialistas” (STROPASOLAS, 2013, p. 3).

Em concordância, Wanderley (2007, p. 31), ao estudar os jovens rurais de pequenos municípios pernambucanos, atenta para as diversas pesquisas que acabam por diluir a juventude rural em uma “pretensa homogeneidade”, acabando por desconhecer “as formas particulares de viver a juventude, quando se é jovem nas áreas rurais brasileiras”. Segundo a própria autora,

mesmo nestas [áreas rurais] – e é esta a nossa questão – é muito grande a diversidade. Em consequência, o nosso objeto de pesquisa só pode ser entendido, em profundidade, se situado num quadro mais geral, que inclua as muitas situações concretas, correspondentes à diversidade das experiências de vida dos jovens rurais (WANDERLEY, 2007, p. 31)³³.

Weisheimer (2005), em seu mapeamento das produções científicas acerca da juventude rural brasileira (1990 a 2004), identificou entre as pesquisas encontradas cinco principais definições conceituais sobre esse segmento, sendo elas: faixa etária; ciclo da vida; geração; cultura ou modo de vida e ainda representação social. De acordo com o autor, “alguns pesquisadores enfatizam uma dessas abordagens, outros procuram fazer diferentes combinações entre elas. Há ainda, aqueles que não se preocupam em estabelecer alguma definição [...] e a tratam como um pressuposto, como se o termo fosse auto-explicativo” (WEISHEIMER, 2005, p. 20).

Corroborando com o autor supracitado, Castro (2005; 2009), ao estudar a categoria “jovem rural” em contexto de assentamento rural, na Baixada Fluminense (Rio de Janeiro), tem o esforço de sumariar as fundamentais abordagens teóricas acerca do conceito “juventude rural”. Segundo a autora, a categoria juventude tende a ser compreendida e definida por meio de definições universalizantes,

tais como: as definições da categoria a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais; as definições substancializadas/adjetivadas da categoria; e as definições que associam juventude e jovem a determinados problemas sociológicos e/ou como agentes privilegiados de transformação social (CASTRO, 2009, p. 184).

Ainda de acordo com Castro (2009), as discussões no Brasil – após as décadas de 1980 e 1990 – envolvendo juventude, voltam o olhar para além dos cortes

³³ A construção do Capítulo 1 desta dissertação procurou seguir essa perspectiva de situar uma determinada juventude rural, a de Derrubadas, em seu contexto cultural, social, histórico e econômico. Algumas das especificidades ali observadas certamente não são encontradas em outros contextos de vivência juvenil rural, mas isso não significa que as juventudes rurais não apresentem pontos de convergência quanto às suas representações sobre a ruralidade contemporânea e sobre a própria juventude.

etários, ou seja, voltam os esforços para entender a categoria juventude em conjunto da diversidade e em constante construção, definido assim tal categoria pelo termo juventudes ao invés de juventude. Cabe mencionar o exposto por Paulo (2011) em sua pesquisa com jovens do agreste pernambucano, que para entender e definir o jovem há que se apoiar em fatores além de objetivos, subjetivos, pois estes são um conjunto de suas interações, construções sociais e culturais, vinculadas ao processo histórico vivenciado.

Em vista disso, dando foco aos jovens gaúchos desta pesquisa, apresenta-se aqui, o que para eles é ser um jovem rural. Embora tenham surgido respostas neutras caracterizando “*a pessoa que está no meio rural*” ou “*aquele jovem que está na agricultura*” (Jovem 6 e Jovem 11), surpreendentemente, significativas diferenças apareceram quando contrastadas com as representações de ser apenas um jovem. De acordo com as colocações da gurizada, o termo “rural”, que sucede a palavra jovem, carrega um peso de responsabilidade e indica uma “adulter precoce” daqueles que vivem no campo, pois este meio exige deles um compromisso maior com o trabalho. Ora, há também a comparação com os jovens que moram na cidade, bem como com o trabalho desempenhado por eles. Essas representações podem ser visualizadas claramente nas falas a seguir:

Ah é trabalhar! (risos). Ter compromissos! Acho que é isso aí (JOVEM 1).

Ah, tem outra ideia eu acho. Ô pergunta difícil. Tinha que deixar aí a folha pra gente pesquisar na internet (risos). Tem uma ideia totalmente diferente de uma pessoa que tá na cidade, pensamento diferente, trabalho diferente. Pega um cara da cidade, ele nem sabe o que é soja, milho, trigo ou “inço” (*erva daninha*) (JOVEM 2).

Tipo tem final de semana que o jovem rural tem que trabalhar né, não é que nem o jovem da cidade que chega de sexta de noite, ou sábado de meio dia e não precisa trabalhar. Mas também que às vezes folga na segunda (JOVEM 9).

Meu Deus do céu (risos)! O que responder? Barbaridade, um jovem rural... (silêncio seguido de risos). Tá! É aquela pessoa que ainda tá no interior, lutando pra melhorar a oportunidade que ele tem, pra continuar insistindo (JOVEM 10).

Ser um coloninho, um minicolono (risos). É alguém que ainda vê futuro no meio rural, alguém que vê uma oportunidade de crescer ali e se sustentar (JOVEM 7).

Além da forte relação com o trabalho, percebe-se o senso de humor com que os jovens se referem ao assunto; eles se divertem e em meio a risos expõem suas percepções sobre si mesmos, já que a maioria afirma sem hesitação considerar-se um jovem rural (apenas uma jovem diz não se considerar). Ainda, aparece claramente a relação com a subjetividade “gostar”; para a gurizada ser jovem rural implica não só trabalhar no campo, mas também gostar do trabalho do campo, indicando esse também como um fator para a permanência no meio rural:

Gostar da lida do campo, porque se não você corre (risos) (JOVEM 4).

Gostar de trabalhar no campo. Tanto como proprietário, quanto como um funcionário (JOVEM 8).

Juntamente com a definição de juventude rural, os entrevistados indicaram em suas representações pontos positivos de ser um jovem rural. Essencialmente, os jovens atrelam fatores que dizem respeito ao modo de vida e ao lugar onde se vive. Os principais aspectos indicados remetem à qualidade de vida e à proximidade com a natureza, além da liberdade e da tranquilidade que os mesmos sentem por morar no meio rural:

Acho que o meio em que o cara tá vivendo, mais na natureza, não tanto no meio das drogas. Mais no sossego. Tranquilidade. Não ter hora pra cumprir, digamos assim, faz na hora que quiser, ou quando tem necessidade (JOVEM 1).

Tu pode sair pra fora, caminhar. Se tu mora na cidade tem aquela tua casinha, se tu saiu pra fora é a rua né e na rua não tem muita coisa boa (JOVEM 5).

A vida tranquila que temos. Aah, e também de produzir o próprio alimento. Ter uma alimentação mais saudável, a gente produz quase tudo que consome, carnes, frutas, verduras (JOVEM 7).

Trabalhar perto da natureza e a tranquilidade (JOVEM 8).

Destaca-se a fala da Jovem 7, remetendo ao que foi exposto anteriormente na seção 2.4, o rural visto como um sinônimo de saudável. Ainda enfatiza-se a forma como a jovem se expressa, demonstrando seu apreço pelo lugar onde vive. Salienta-se que esta foi a única entrevistada a afirmar que não se considera uma jovem rural, pois segundo ela “*não serve para ser agricultora*”. É interessante, já que a mesma não se identifica também como uma jovem urbana, porque para ela, “*jovem urbano é*

aquele jovem ligado à cidade e que não se adapta *ao meio rural*”, por isso há uma relação de “funcionalidade” com o meio em que se vive e isso produz sentimentos de realização e satisfação (novamente aparece o fator subjetivo gostar como aspecto essencial para as escolhas futuras); em suas próprias palavras é possível visualizar seu “dilema” de identificação³⁴:

Eu me considero mais urbana porque eu, totalmente, prefiro a cidade que o interior, tanto é que se eu pudesse moraria em uma cidade um pouco maior, mas não que eu não goste daqui, eu gosto, tanto que eu prefiro aqui pra ter os filhos e tal. Mas eu acho que é uma questão de adaptação sabe. Eu acho que se tu **não se sente bem** em um lugar, tipo eu **não tinha função** no interior, no rural. Agora pra quem gosta e trabalha é uma vantagem, é gostoso. Porque eu acho que se tu vai ficar no meio rural tu tem que gostar do que tu vai fazer ali (profissionalmente). Assim como quem tá na cidade, se o meu marido fosse pra uma cidade grande, não ía se adaptar muito né, não ía gostar do que ía fazer. Então a gente fica no meio termo (JOVEM 7).

As relações identificadas pela jovem revelam as contradições da modernidade e a dificuldade de definição conceitual uma vez que os jovens estão imersos em diversos contextos. Nesse sentido, a Jovem 11, apesar de se considerar uma jovem rural aponta não ser “só jovem rural”, isso porque ela também está em contato com a cidade, pois a mesma trabalha no sindicato que se encontra no centro do município. Isto posto, percebe-se, assim como Paulo (2011), que os jovens rurais têm suas identidades vinculadas basicamente por seus modos de vida, que atualmente estão permeados no “ir e vir” urbano-rural.

Nessa lógica, como exposto por Stropasolas (2004, p. 256) “ao lado dos valores propriamente rurais, aparecem valores incorporados do mundo urbano”. Com isso, salienta-se aqui a relevância desta investigação, uma vez que se entende a juventude rural imersa em uma conjuntura pós-moderna, compreendendo também a sua mobilidade espacial e simbólica dentro dos diversos espaços (campo-cidade/rural-urbano), sendo que estes são formados por inúmeras e múltiplas “matrizes” das quais os sujeitos se apropriam e partilham suas experiências.

Dessa forma, o jovem “moderno” acaba por mesclar valores e modos de pensar de diferentes espaços e complexos contextos, construindo assim uma “matriz” cultural plural, mas também e em especial, particular a cada indivíduo que

³⁴ Outras relações podem ser visualizadas no mapa de projeto de vida da jovem na próxima seção (3.2).

posteriormente será compartilhada nas demais relações sociais. Assim, embora a modernidade influencie nos objetivos de vida futuros, a partir da indicação de caminhos universais e de padrões sociais, a tomada de decisão em relação aos seus objetivos depende do seu horizonte de percepções e de possibilidades sociais partilhadas.

Diante deste contexto, os projetos de vida dos jovens estão em constante mudança, construção e (re)configuração. E, explorar os projetos de vida dos jovens rurais, bem como suas perspectivas para o futuro (principalmente percebendo as subjetividades envolvidas), evidencia os fatores intrínsecos que estão influenciando no modo de vida. Esta compreensão propicia também o conhecimento e entendimento da importância que os indivíduos do meio rural atribuem aos vínculos emocionais para que os mesmos permaneçam neste espaço.

3.2 Os projetos de vida juvenis: desenhando o futuro com a gurizada

Que em lugar de procurar responder à questão 'por que os jovens saem do meio rural' busque-se responder à questão 'por que os jovens permanecem no meio rural' (BRUMER, 2007, p. 50).

Ao balizar o debate acadêmico sobre a juventude rural no Brasil no período entre 1990 a 2004, Wheisheimer (2005, p. 7), alerta que “de 1991 a 2000 houve uma redução de 26% da população jovem no meio rural”. Recentemente, Stropasolas (2013, p. 4) baseado nos dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indica que cerca de 2 milhões de pessoas saíram do meio rural nos últimos 10 anos, sendo que deste total metade são jovens. Ao observar tais dados, sabe-se que não é novidade no campo científico debater acerca dos processos migratórios da população rural em especial a juvenil, tornando-se repetitivo tratar dos “processos de envelhecimento e masculinização da população que permanece no campo, embora hajam especificidades em relação a essas tendências em determinados territórios do país” (STROPASOLAS, 2013, p. 4).

Diante desse contexto, pesquisadores como Elisa Guaraná de Castro, Anita Brumer, Maria de Assunção Lima de Paulo, Maria José Carneiro, Valmir Luiz Stropasolas, Nilson Weisheimer, Rodrigo Kummer, entre outros, direcionam esforços para compreender esse processo migratório, apontando assim um conjunto de fatores influenciadores nos projetos futuros dos jovens. De acordo com suas

pesquisas, os estudiosos da sociologia da juventude revelam que os fatores motivadores para a “saída” dos jovens do meio rural estão atrelados à pretensão de novos projetos pessoais, profissionais e/ou educacionais que proporcionem melhorias econômicas ou a satisfação pessoal, isto é, as demandas econômicas, educacionais, de direitos e igualdade, entre outras oportunidades visualizadas nos contextos urbanos influenciam nas escolhas futuras dos jovens rurais (BRUMER, 2007, p. 36).

Além disso, ante as pesquisas já realizadas, embora os motivos para a migração sejam pertinentes a todo o segmento, as discussões acerca do assunto também apontam para a diferença de gênero entre os jovens dentro dos múltiplos espaços de sociabilidade no meio rural, sendo unânime a tendência de maior migração feminina. Ao retratar os papéis dentro do contexto tradicional da família rural, observa-se que ao homem sempre coube o papel de provedor, enquanto a mulher culturalmente ocupava uma posição “desvalorizada” e de “invisibilidade”, pois estas apenas ajudam na produção e são responsáveis pelos afazeres domésticos, sendo assim com a maior mobilidade simbólica e espacial, a mulher passa a questionar o seu lugar nesse processo priorizando a mudança de papel nesse contexto (BRUMER, 2007; WEISHEIMER, 2005; STROPASSOLAS, 2004).

Isto posto, e, compreendendo que por diversos motivos os jovens preferem abandonar o meio rural, salienta-se aqui o exposto por Silva (2007), quando esta afirma que é necessário discutir a realidade em que a juventude rural se encontra, ou seja, direcionar o olhar para que se permeie suas lutas, angústias e sonhos considerando ainda o seu lugar juntamente da família. A autora explica que esse olhar “significa pensar nos problemas e nas perspectivas possíveis para essa parcela de jovens que se vê na fronteira entre manter-se no campo ou migrar para os centros urbanos à procura de melhores condições de vida” (SILVA, 2007, p. 11). Entretanto, Silva (2007) aponta que:

se ficar no campo significa encarar uma dura realidade de privações e de falta de perspectivas, migrar para as cidades traz outras sérias consequências como enfrentar o crescente desemprego, a pobreza e a violência. Há ainda que se levar em conta o despreparo das jovens e dos jovens rurais, em termos profissionais, para competir no restrito mercado de trabalho urbano. No processo de intensificação entre universos culturais distintos, as fronteiras entre o “rural” e o “urbano” tornam-se cada vez mais imprecisas no que concerne as diferentes idealizações e projetos dos jovens. Contudo é certo que o resultado não aponta para a conformação de um todo homogêneo (SILVA, 2007, p. 11).

Klikskerg (2005), considerando a juventude da América Latina e do Caribe, compara a situação juvenil à expressão: “becos sem saída”, pois os jovens rurais estariam expostos às condições economicamente inferiores aos jovens urbanos, ainda começando a trabalhar muito antes destes últimos. O autor considera esse um fator preponderante nas possibilidades educacionais do segmento juvenil do campo, pois tende a reduzir os níveis de escolaridade, salientando que as taxas de desocupação nesse sentido são maiores no meio rural. Para tanto o autor enfatiza que é necessário que se reconheça a real importância dos jovens, pois estes devem ser considerados como protagonistas do desenvolvimento local; “parcerias bem organizadas podem transformar os jovens em agentes primordiais desse processo, com capacidade para organizar, intervir e atuar em diversos níveis: na família, no sistema educacional, nos seus pares, nas comunidades e na sociedade como um todo” (KLIKSKERG, 2005, p. 46). Nesse sentido, é importante considerar a contribuição de Krauskopf (2005, p. 151) para o debate, ao afirmar que “a construção da juventude na América Latina e no Caribe ocorre em meio a transições históricas e políticas, a contextos de desigualdade econômica e a um forte influxo da globalização”.

Compreendendo este cenário, Paulo (2013), referindo-se aos jovens filhos de agricultores familiares, afirma que estes além de terem o sentimento de incerteza, natural na juventude como um todo, especificamente no meio rural, “se defrontam com uma série de decisões e dúvidas que envolverão suas escolhas para o futuro, de acordo com o que é possibilitado pelo meio em que estão inseridos” (PAULO, 2013, s.p). Nessa acepção, torna-se relevante desvelar os projetos de vida dos jovens, uma vez que as pesquisas até então desenvolvidas esclarecem alguns fatores motivacionais e apontam para a tendência de correlacionar projetos de vida e ou profissionais dos jovens rurais aos interesses estritamente econômicos. No entanto, há também que se relacionar as escolhas futuras com as representações que os mesmos constroem, pois elas influenciam no momento de “negociar” as vantagens e desvantagens da permanência ou da saída do meio rural em uma escala de valores.

Brumer (2014, p. 116) constata que “embora algumas pesquisas enfatizem o interesse dos jovens pela vida e pelo trabalho no meio urbano, a maior parte delas procurou apontar as causas de desinteresse dos jovens de ambos os sexos em permanecer na atividade agrícola”, ou então, “as formas da transferência patrimonial dos estabelecimentos e oportunidades oferecidas aos jovens” diferenciando-os pelo

sexo (BRUMER, 2014, p. 116). E, é por isso, que nesta pesquisa enfatizam-se os fatores de permanência; assim como Brumer (2007, p. 50), questiona-se nesta investigação “por que os jovens permanecem no meio rural”, destacando desse modo os fatores positivos em relação ao campo e ao meio rural e ainda, direcionando o olhar também às subjetividades (às escalas valorativas e às emoções) com o intuito de aprofundar esses aspectos envolvidos na construção dos projetos de vida juvenis.

Deggerone (2014), ao analisar o processo social de permanência dos jovens rurais na região Alto Uruguai, no estado do Rio Grande do Sul, visualiza alguns dos principais fatores para que os mesmos permaneçam no meio rural, sendo eles:

[i] a autonomia e poder de decisão dos jovens de ambos os sexos, bem como a retribuição monetária pelas atividades desenvolvidas nas unidades de produção familiares; [ii] as responsabilidades assumidas pelos jovens nos trabalhos e na gestão da unidade produtiva familiar; [iii] a uma educação diferenciada que valorize o ambiente rural, e uma formação e qualificação técnica, que possibilite integrar os jovens no comprometimento e especialização das atividades produtivas; [iv] ao empoderamento social e comunitário dos jovens junto às entidades locais; [v] a diversificação dos sistemas produtivos, que geram maior retorno econômico; [vi] a obtenção de rendas complementares às atividades agropecuárias; [vii] e a políticas públicas que possibilitem e assegurem a construção de um projeto de vida, que prime pelo desenvolvimento rural e pela continuidade da agricultura familiar (DEGGERONE, 2014, p. 6).

Nesse sentido, para compreender os motivos que levam os jovens a permanecer no campo, indagou-se a cada entrevistado de forma geral “por que os jovens decidem ficar no meio rural”. Como encontrado por Deggerone (2014), alguns fatores se repetem, esse é o caso do viés econômico, pois é preciso se manter financeiramente no meio rural, ou minimamente “tirar o seu sustento” (JOVENS 2, 6, 7). Ainda, igualmente a Deggerone (2014), aspectos ligados ao primeiro e quarto itens apresentados acima foram mencionados e ficam claros na fala da Jovem 11: “*Além de ter espaço, eles têm apoio (família, entidades municipais...)*”. O termo apoio, da mesma forma que o termo incentivo, citados em outras respostas, refere-se ao poder de decisão e à autonomia que os jovens almejam dentro do ambiente familiar e social para desenvolver os projetos e sonhos. Muitas vezes, a transmissão da propriedade acontece com “naturalidade”, porém com certa tensão familiar, pois como é a ordem natural os pais envelhecerem, torna-se um projeto concreto

permanecer e assumir os negócios da família, já que esta também incentiva para isso (Jovens 1, 3, 4, 6, 8, 10).

Embora tais discussões tenham sido pauta das respostas dos entrevistados, fatores subjetivos ganham destaque pela gurizada como fator essencial de permanência no meio rural. Como já visualizado, anteriormente nas seções 2.4 e 3.1, há uma forte relação com os sentimentos gostar e vontade. De acordo com os jovens entrevistados, o projeto de vida deve estar vinculado a algo que traga realização pessoal e que envolva profissionalmente o “gosto pelo trabalho”, pois só assim o jovem terá vontade e projetará seu futuro no meio rural. Seguem abaixo algumas falas da gurizada e que evidenciam os fatores de permanência no meio rural:

Mais é **vontade!** (risos). E também tu vai seguir, continuar o que o pai tem e está fazendo. Agora se o cara não tem, ele vai em busca do seu sustento. Tipo aqui o pai tá ficando velho e alguém tem que tocar né, tem que seguir né. Largar na mão de funcionário é complicado (JOVEM 1).

Pra quem tem onde trabalhar fica porque tem, mas se não. E você tem que **gostar** do meio rural, **porque se você não tiver essa vontade, não gostar, não fica**. E tem que ter uma área de terra que você consiga, pelo menos uma mínima de terra, que você consiga se manter, se não você não se mantém (JOVEM 2).

Vem da família, do incentivo (JOVEM 3).

Foram criados dessa forma e **gostam** do que fazem (JOVEM 4).

Por **gostar**, porque a gente vê pelo L.(filho), ele é doente pra ir pra roça, já vai pegando gosto (JOVEM 5).

Criação, influência dos pais e a questão econômica, não adianta você querer ficar se você não tem condição (JOVEM 6).

Primeiro é porque tem a oportunidade, tem uma terra boa, onde consegue tirar o seu sustento, ou tem as vacas esse, é o principal motivo é ter o seu sustento (JOVEM 7).

Família incentiva a ficar, ou **gostam** de trabalhar no meio rural (JOVEM 8).

Vai da **vontade**. Se não tem vontade não fica (JOVEM 9).

Porque **gostam**, né! E também uns pra continuar o que os pais começaram (JOVEM 10).

À vista disso, é relevante explorar os projetos de vida dos jovens rurais, bem como suas perspectivas para o futuro – principalmente ao perceber as ligações com

as emoções –, pois evidencia os fatores intrínsecos que estão influenciando no modo de vida e nas decisões dos jovens em permanecer no meio rural. Para isso, portanto, faz-se necessário compreender aqui a noção de “projeto de vida”. No Brasil, Gilberto Velho é o grande pesquisador da temática e seus conceitos fundamentais envolvem projeto e campo de possibilidades. Para o autor, que segue as análises de Alfred Shutz, o projeto está atrelado a uma conduta organizada que tem o intuito de atingir finalidades específicas (VELHO, 1999). Mauro Guilherme Pinheiro Koury ao referir-se à obra de Velho, pois ele também é considerado um importante pesquisador que relaciona a subjetividade e a sociabilidade, infere que:

a noção de projeto individual para Velho não é um fenômeno puramente interno e subjetivo, mas, formulado e elaborado dentro de um campo de possibilidades, e circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo, quanto das temáticas, prioridades e paradigmas culturais existentes (KOURY, 2009, 71).

Segundo Velho (1999, p. 103) “o projeto é um instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos”, o que o caracteriza enquanto meio de comunicação possibilitando ao sujeito expressar-se, bem como “articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo” (Velho, 1999, p. 103). Assim, embora o projeto refira-se a um indivíduo-sujeito, ele só existe em interação, seja com outros atores ou ainda na intersubjetividade.

Tais aspectos da conceituação de projeto, discutidas por Velho, são visualizadas a seguir quando apresentados os mapas dos projetos de vida da gurizada entrevistada, construídos individualmente e sob orientação da pesquisadora, como exposto detalhadamente no percurso metodológico. Entretanto, vale recapitular, de forma sucinta, esse processo de construção com a gurizada, pois é a partir de cada trajetória desenhada que será possível analisar o que os jovens almejam alcançar em relação ao ponto de partida e o que envolve esse caminhar.

Inicialmente, o(a) jovem desenhou o “ponto de partida”, o seu momento presente (como está hoje, como se vê agora, o que e quem estão envolvidos); após, idealizou o “ponto de chegada”, o seu sonho, ou seja, o seu projeto de vida para daqui a dez anos. Em um terceiro momento, cada um identificou a trajetória para alcançar o sonho desejado e tudo de mais significativo que ele/ela visualizava encontrar no caminho (por onde vai passar, o que e quem vão estar envolvidos, quais os problemas vai encontrar, quais as soluções vai encontrar, quem irá ajudar, o que

há de bom e positivo no caminho e como se sente percorrendo o caminho). Isto posto, a seguir são narradas as trajetórias individuais explorando assim, descritivamente, os aspectos desenhados em cada mapa, para que então, a posteriori, sejam analisados os pontos em comum apresentados pela gurizada.

No mapa do Jovem 1 (Figura 43) identifica-se no ponto de partida: as palavras família e amor (dentro de um coração), agricultura, diversão e amizade (representadas pelo campo de futebol); no ponto de chegada: novamente família, porém esta diz respeito à constituição de um novo lar (expressos no desenho da casa própria, do casal formado por este jovem e a futura esposa); há ainda o desejo de aquisição de um carro próprio, a plantação gerando lucros (produção agrícola), amizades, e a intenção de conhecer lugares diferentes.

O jovem visualiza encontrar em sua trajetória problemas ligados às condições adversas climáticas, discussões entre a família e preocupações. Mas também indica o seu crescimento na vida (financeira e familiar) por meio do diálogo e da parte técnica sobre a agricultura. Subjetividades envolvidas na trajetória: Alegria, paz, solidariedade, companheirismo e preocupação.

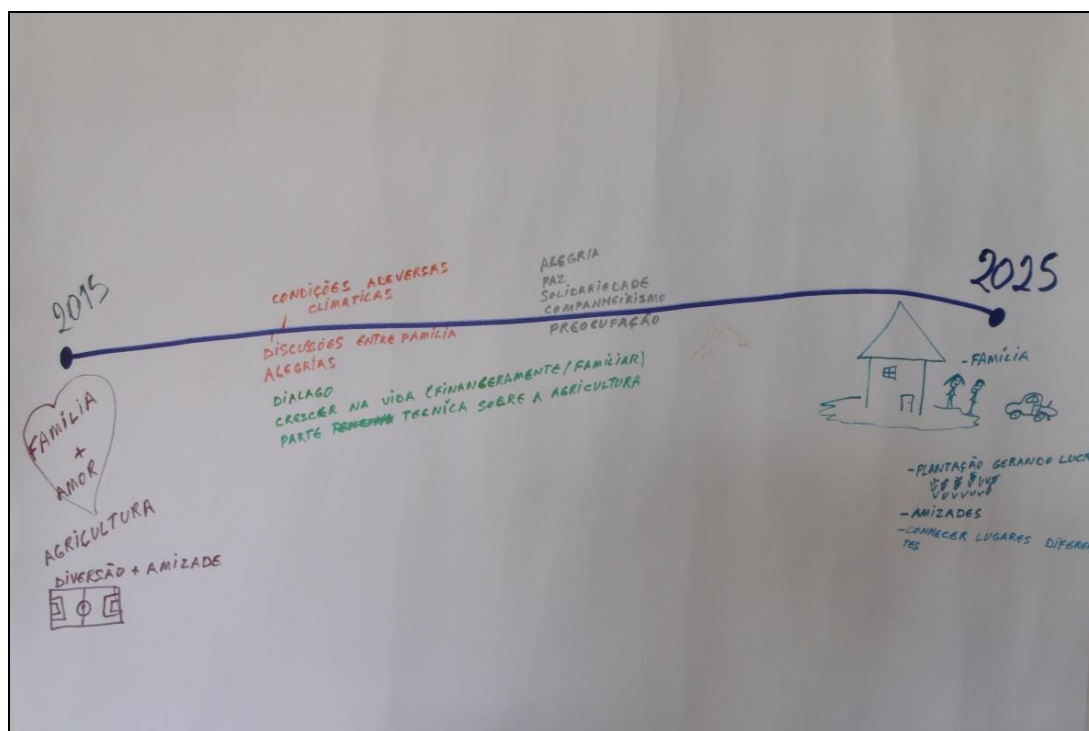


Figura 43 - Mapa do projeto de vida do Jovem 1, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O Jovem 2 ilustra em seu mapa (Figura 44) no ponto de partida a família composta pelos pais e irmão, juntamente com a namorada e os amigos ao lado (relacionado a este último ainda escreve jogos diversos = entretenimento com os amigos). Ainda, são representadas as plantações, o caminhão utilizado no trabalho agrícola, o sol e a chuva (clima que influencia diretamente na produção) e o cifrão (indicando a satisfação financeira com a produção). Em seu ponto de chegada, o jovem visualiza a sua própria família, reproduzindo a de seus pais, portanto o desenho diz respeito a sua esposa e dois filhos. Almeja viajar (avião), ter a sua casa própria (lugar onde morar) pensando em crescer sempre (continuar e melhorar a atividade agrícola).

A trajetória do Jovem 2 envolve dificuldades tanto econômicas quanto familiares, mas principalmente com as intempéries climáticas, alta dos impostos e juros abusivos. Para superar tais dilemas o jovem utilizará do diálogo entre as pessoas, da ajuda familiar para se chegar ao ponto desejado. O que encontrará de bom e positivo na caminhada será: família, amigos, boa renda (mensal/anual). Subjetividades envolvidas: alegrias, tristezas e preocupações adversas (preocupações com infortúnios e fatalidades).

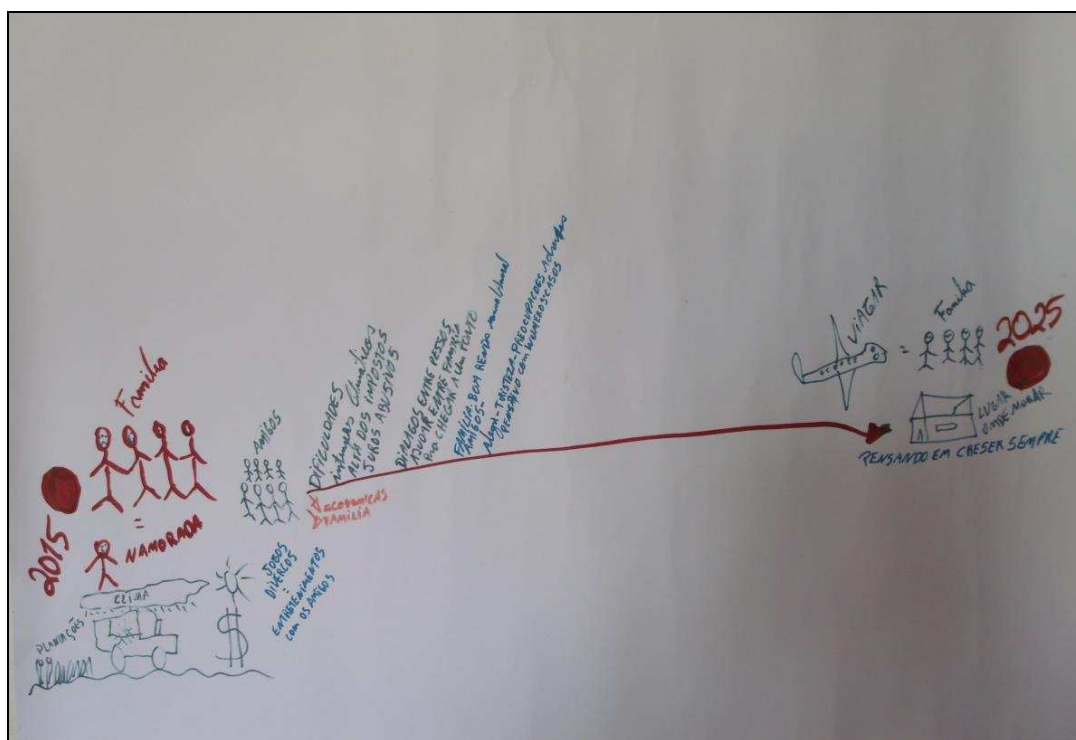


Figura 44 - Mapa do projeto de vida do Jovem 2, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Já a Jovem 3 desenha seu momento atual (2015) partindo dos estudos (prédio da faculdade); a casa e a árvore representam, em suas próprias palavras (minha casa na agricultura), ainda aparecem a família (pais e irmão), os amigos e namorado (Figura 45). O sonho da jovem (ponto de chegada) ainda é cursar outra faculdade (dois prédios menores), para constituir um negócio próprio (representado pelo prédio maior) e constituir a própria família (a própria jovem, o marido e um filho), mas sem se desvincular da família de origem e dos amigos.

Principais problemas visualizados na trajetória: tempo (clima), situação econômica, paciência. De acordo com a jovem quem ajudará a solucionar os problemas serão a família, os amigos, e outras instituições (faculdade, sindicatos...). Além disso, outras subjetividades estão envolvidas como: Aprender a lidar com desafios, me conhecer melhor, se tornar mais forte; Sentimentos: Sofrimento (passando por desafios), determinação, força de vontade.

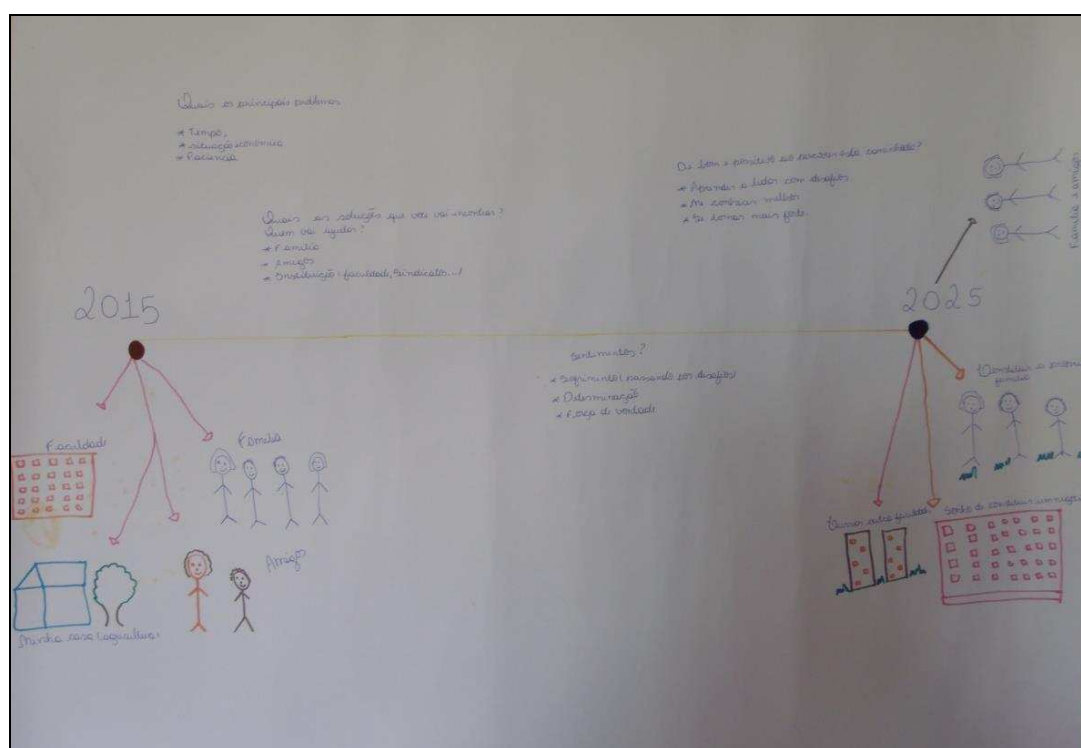


Figura 45 - Mapa do projeto de vida da Jovem 3, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

No mapa do Jovem 4 (Figura 46) visualiza-se nitidamente aspectos do modo de vida rural e a intenção de melhora entre os dois pontos desenhados. No ponto de partida identificam-se o desenho da propriedade e aspectos ligados à produção

leiteira (*casa, carro, árvores, açude, cachorros, vacas, pastagem e “estrebria”*³⁵), também aparecem dois casais, um representando o jovem e a mulher e o outro a família dos pais dos jovens. No ponto de chegada visualiza-se o investimento que o jovem pretende fazer em sua propriedade. Aparecem novamente, mas em maior quantidade, as vacas leiteiras; destaca-se que a ideia é aumentar também o gado confinado e ainda investir na produção de peixes para a venda (três açudes). Outros aspectos aparecem, como o aumento dos cachorros, a relação com a natureza (árvores, rio), a troca do carro e o aumento da casa, a família que se expande agora com um casal de filhos e ainda a vizinhança e outros familiares.

Em sua trajetória o Jovem 4 espera ter o dinheiro (nota com cifrão) suficiente para seus investimentos, além de ter que buscar por novos conhecimentos (nuvem de pensamento). Ele aponta que precisará de organização, planejamento e persistência para alcançar o que deseja, mas que contará também com o apoio de instituições (Emater, Sindicato, Prefeitura e a própria família). Ainda, o jovem indica que no percurso sentirá satisfação, pois ele gosta do que faz.



Figura 46 - Mapa do projeto de vida do Jovem 4, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil. Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

³⁵ Lugar onde se abrigam animais, neste caso especificamente, refere-se ao local onde é feita a ordenha do leite (tirar o leite).

A Jovem 5 ilustra em seu mapa (Figura 47), no ponto de partida: a casa própria, a família (composta pela jovem, marido e filho), a plantação (de soja e milho), a igreja e outros bens materiais como o carro, o trator e a “ceifa” (colheitadeira). Em sua projeção (ponto de chegada) visualiza-se a melhora e o aumento dos bens descritos no momento atual: o desejo de um filho a mais, a casa ampliada, a compra de mais terra para aumentar a produção, trocar de carro, trocar de trator e uma ceifa maior. Ainda, desenha a continuidade da presença da religião (igreja), pois a jovem sonha que haja mais união entre as pessoas.

A trajetória da jovem envolve dificuldades com o clima e empresas que vendem e compram a produção agrícola, porém a mesma encontrará apoio, na Cooperativa, no Sindicato, na Emater e na Prefeitura. Subjetividades envolvidas: lutar, dificuldades e momentos bons.



Figura 47 - Mapa do projeto de vida da Jovem 5, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Em seu mapa, a Jovem 6 ilustra no ponto de partida, sua família (composta por ela, pelo marido e pela filha) e descreve os outros aspectos envolvidos: família extensa (demais familiares tanto da própria jovem quanto do marido); economia razoável; felicidade; saúde; sonhos e casa (Figura 48). Já, no ponto de chegada,

almeja a família constituída (com mais um filho); estabilidade econômica; saúde e sonhos realizados.

Em sua trajetória sabe que enfrentará a crise econômica do país, o desvio de verba por parte dos políticos, mas que nesse contexto terá que ter o “*pé no chão*” e força de vontade para seguir; encontrará apoio e solidariedade dos amigos. Além disso, acredita que, de forma geral, no caminhar sentirá mais alegrias e poucas tristezas.

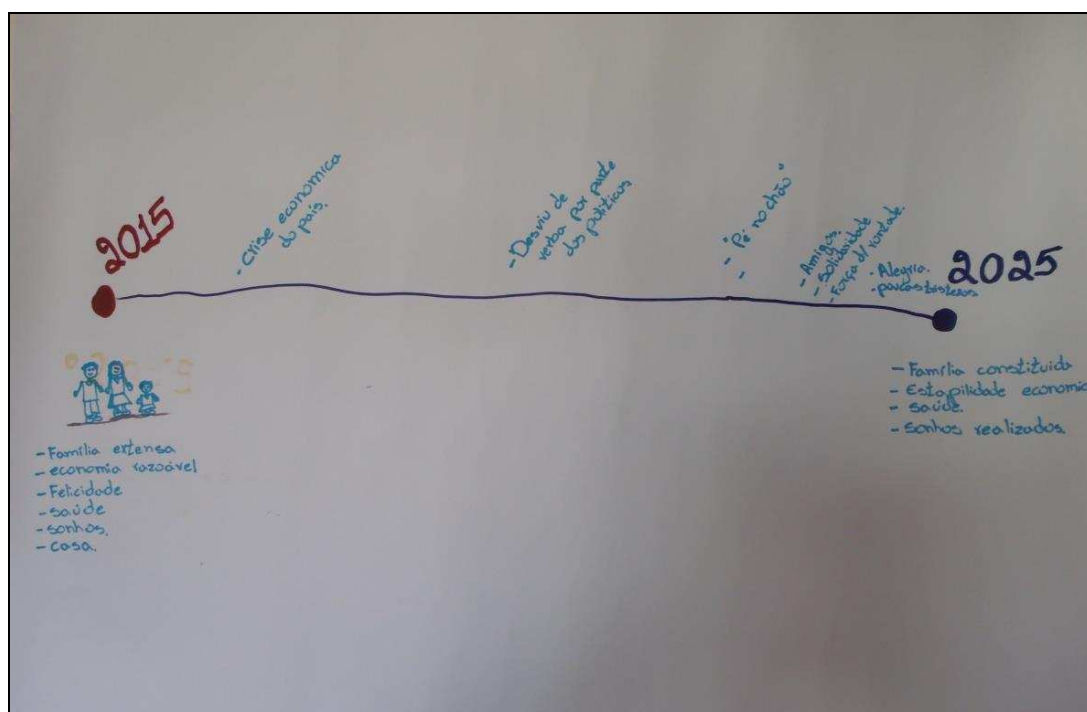


Figura 48 - Mapa do projeto de vida da Jovem 6, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Na Figura 49, visualiza-se o mapa da Jovem 7. Destaca-se que a mesma reside na sede de Derrubadas com o marido (que se desloca diariamente para a propriedade onde trabalha). Ela morou boa parte da infância e toda adolescência na zona rural do município (à 10 km da sede), e como já mencionado anteriormente, nas seções 2.4 e 3.1, não se identifica como jovem rural em função das afinidades profissionais (não serve para ser agricultora). Embora a jovem não trabalhe diretamente com atividades agrícolas ou agropecuárias, em seu ponto de partida verifica-se a sua relação com o rural na palavra natureza ao redor do coração (além disso, sua família e a de seu marido ainda residem na zona rural do município). Outras palavras vinculadas ao coração são: família, cachorros, Deus, projetos,

estudos, sonhos, alegria e amigos. Ainda desenhado no ano de 2015 estão: o carro próprio, a casa de aluguel onde reside, uma nota de dinheiro, os amigos (pessoas em azul), o casal com seus dois cachorros, e a cruz representando a religião.

Observa-se no mapa da Jovem 7 que a sua projeção futura é uma ‘ampliação’ e ‘expansão’ do momento atual: novamente aparece a religião (cruz); a família do casal, porém agora com quatro filhos e os dois cachorros; maior número de amigos (pessoas em azul); a casa própria (grande e de dois andares) em meio à natureza (árvores ao lado); três carros e cinco notas de dinheiro (duas com valores altos na nota simbolizando uma grande soma - R\$ 1.000; R\$ 10.000). Ao redor do coração encontram-se as palavras: filhos, família, amigos, Deus, realização, natureza, alegria, cães e mais sonhos.

Em meio a sua caminhada a jovem imagina que encontrará dificuldades financeiras e então, pedirá ajuda para os amigos e familiares; irá desanimar, mas lembrará o porquê começou, buscando apoio das pessoas positivas; ficará também impaciente, mas para isso meditará e procurará Deus. Outras subjetividades e sentimentos descritos pela Jovem 6 em sua trajetória: esperança (alegria), ajuda (gratidão), Deus (agradecimento).

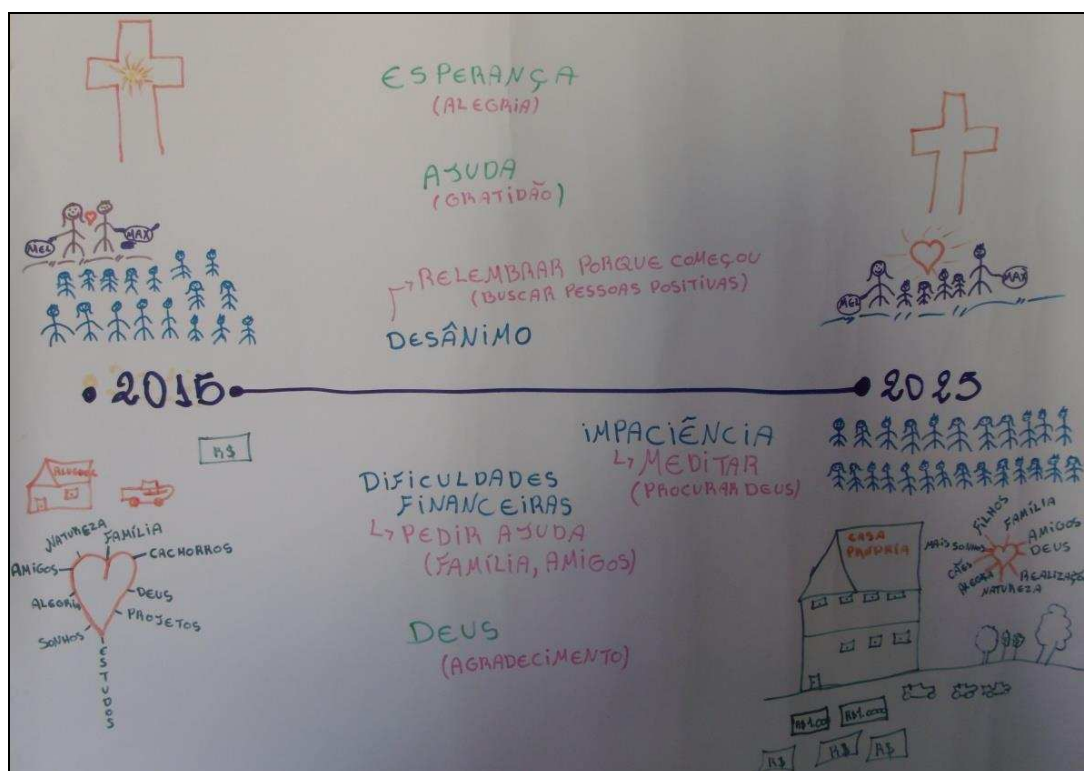


Figura 49 - Mapa do projeto de vida da Jovem 7, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O Jovem 8 ilustra em seu mapa (Figura 50) no ponto de partida: ele e a esposa (casal), a família de origem, os amigos, a produção agrícola, árvores e flor representando a paisagem da natureza, a cruz destacando a fidelidade religiosa, seus dois cachorros e seu carro próprio. Como subjetividades envolvidas o Jovem escreve: motivação, metas, saúde, paz, alegria e amor. Em seu ponto de chegada atribui a todos os aspectos do ano de 2015 o signo “+” (mais) na frente das palavras, ou então, acaba expandindo o primeiro desenho.

Tal signo e expansão representam a perspectiva de melhora de vida do jovem em todos os aspectos (aumento da família, agora com três filhos, aumento de cachorros, um carro maior, a natureza se amplia e produção agrícola também, assim como o tamanho da cruz), até mesmo quando relacionado aos fatores subjetivos (+motivação, +objetivos, +saúde, +família, +amigos, +paz, +alegria e +amor). Além de indicar a satisfação com o seu estilo de vida atual, ele quer, assim como qualquer indivíduo, melhorar pessoal e profissionalmente.

A trajetória do Jovem 8 envolve dificuldades relacionadas à inveja, à sociedade, ao dinheiro, ao cansaço e à frustração. Para superar tais dilemas, o jovem se apoiará em Deus e na família e buscará sempre por diálogo, amor, trabalho, organização, crescimento e ainda, atingir suas vitórias pessoais.

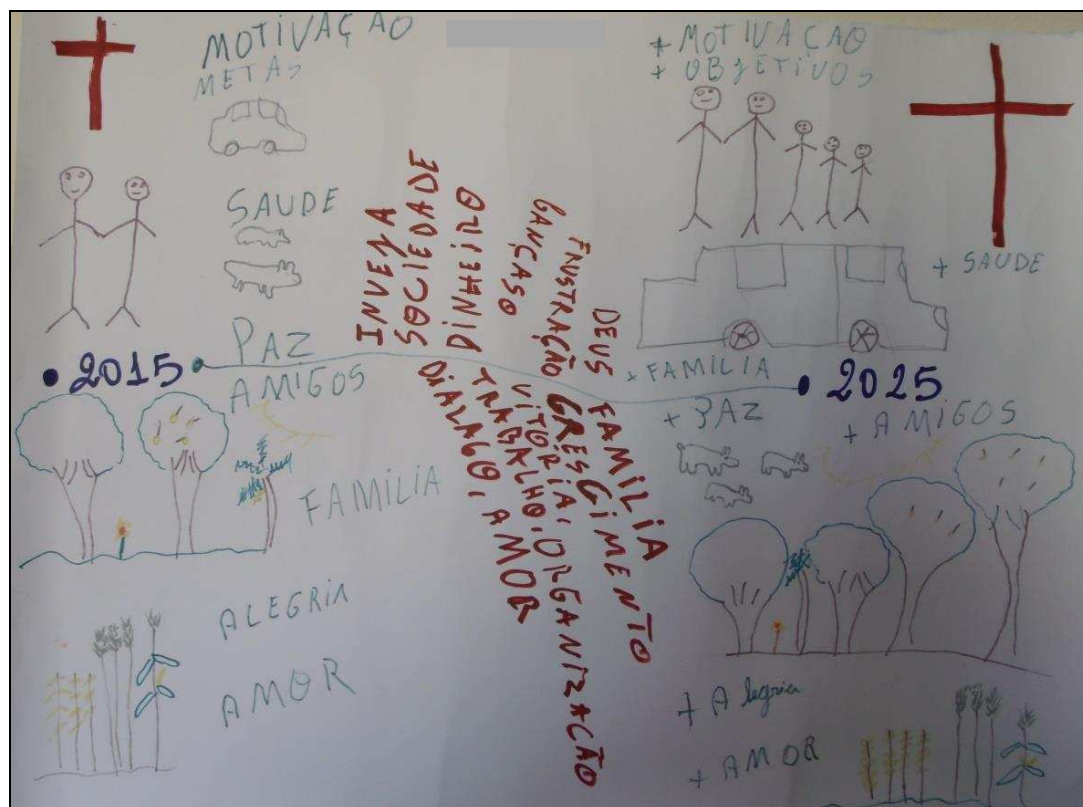


Figura 50 - Mapa do projeto de vida do Jovem 8, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

No mapa do Jovem 9 (Figura 51) visualizam-se os aspectos tanto do momento atual quanto da sua perspectiva futura, descritos dentro do seu coração. No ponto de partida está escrito: família, trabalho, amigos, diversão, boas safras, paz, dinheiro, saúde, alegria e amor. Já no ponto de chegada: minha casa, meus filhos, minha esposa, visitar meus pais com minha família, poder dar educação de qualidade para os meus filhos, continuar no meio rural e estar feliz.

Em sua trajetória o Jovem 9 indica que o clima pode interferir em seu planejamento, assim como podem surgir variedades novas de sementes, tecnologias novas (como técnicas de irrigação por exemplo) e isso exigirá planejamento do mesmo para adaptação nesse novo contexto. Nesse processo ele contará com o apoio dos familiares e também de outras instituições locais (cooperativas e outros comércios de produtos agropecuários como Braucks e Cotrijuí³⁶). Outras subjetividades envolvidas apontadas pelo jovem: realizações, metas alcançadas, confiança e vontade de superar as dificuldades.

³⁶ Pontos de vendas locais da produção agrícola: Comercial Braucks e Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. (COTRIJUÍ).

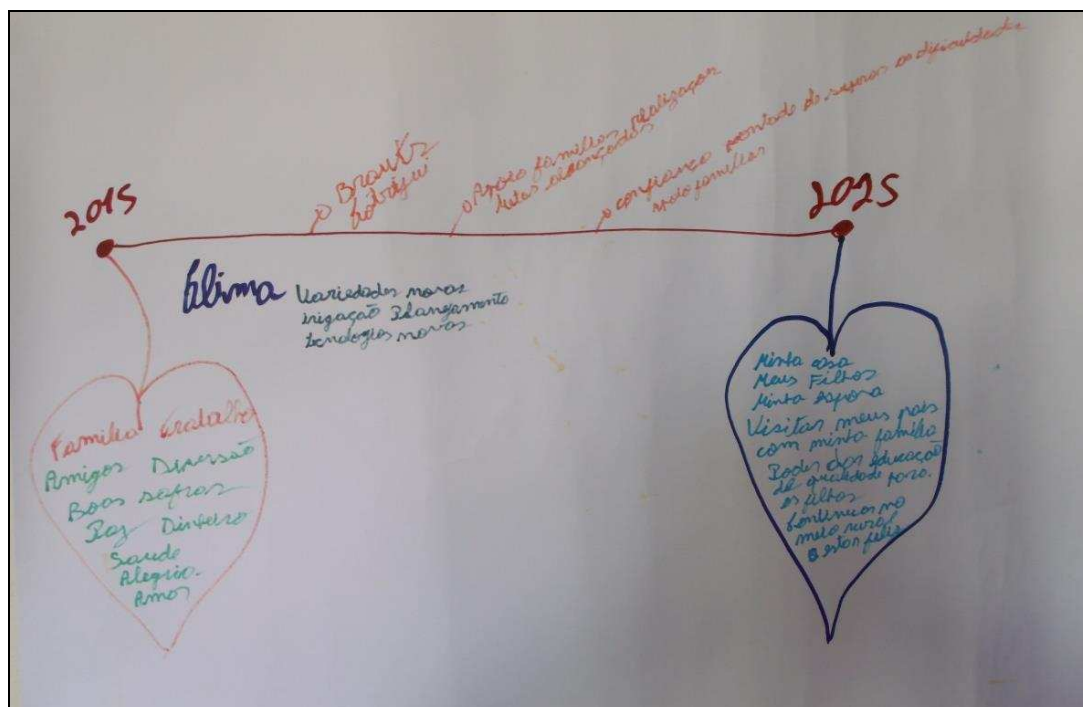


Figura 51 - Mapa do projeto de vida do Jovem 9, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Já a Jovem 10 desenha em seu momento atual (2015): a família (composta por ela, o marido e o filho), a produção de hortifrutigranjeiro em estufa, a aquisição da propriedade e a igreja à qual frequenta. A jovem também descreve os seus sentimentos ao olhar para o seu ponto de partida, sendo eles: realização, alegria, esperança, expectativa de melhorias e satisfação em viver no meio rural (Figura 45). O sonho da jovem (ponto de chegada) é aumentar a família, tendo mais um filho, bem como aumentar a produção da atividade de hortifrutigranjeiro permanecendo fiel à religião (igreja). Ainda a jovem aponta as subjetividades desse momento: conquista de novos projetos, felicidade, realização pessoal e melhoras no meio rural.

Principais problemas visualizados na trajetória: falta de mão de obra e aumento do custo da produção. De acordo com a jovem as formas encontradas para solucionar os problemas serão: diminuir a produção para não depender da mão de obra e buscar novas alternativas para diminuir o custo de produção. Quem ajudará a solucionar os problemas será a família, o sindicato, a EMATER e as cooperativas. A jovem espera ainda que no percurso haja o aumento do consumo de produtos da agricultura familiar, pois assim algumas dificuldades serão superadas. Ao refletir

sobre sua trajetória, a jovem visualiza boas expectativas para uma vida melhor no campo.

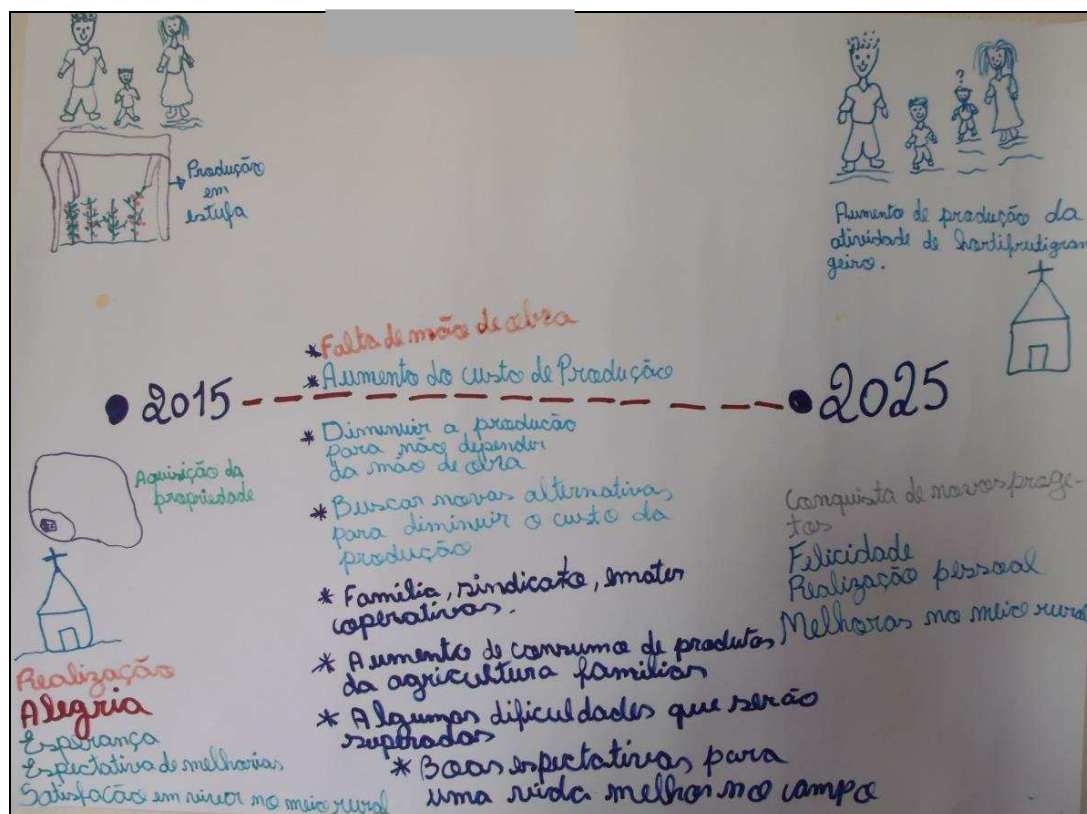


Figura 52 - Mapa do projeto de vida da Jovem 10, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A Jovem 11 ilustra em seu mapa (Figura 53), no ponto de partida: a casa, a família (composta pelos pais, ela e o namorado, pois todos residem juntos), a grana e o sol que representam o meio rural e um caminho que leva ao trabalho (na sede do município). Em sua projeção (ponto de chegada) visualiza-se a melhora do momento atual, a jovem sonha em trabalhar com produtos orgânicos e agroecológicos, por isso ela desenha uma estufa de moranguinhos e um espaço onde vende os seus produtos (a feira). De acordo com a sua perspectiva ela estará casada e com um filho, morando no meio rural em sua casa própria, mas sem perder o vínculo com sua família de origem (representada pelos pais).

A trajetória da jovem envolve três dificuldades principais: 1º) valorização dos produtos agrícolas; 2º) incentivos, no geral; 3º) meios biológicos para o controle das pragas e doenças. E ainda três soluções para os dilemas encontrados: 1º) ir em busca até o encontro (de alguma solução); 2º) as pessoas incentivarem; 3º) alguém

ter uma iniciativa, para melhorar esta questão (relacionado ao terceiro item das dificuldades). Além disso, a Jovem 11 expressa o que de bom e positivo encontrará no caminho: Qualidade de vida, aumento na renda familiar e a valorização dos produtos orgânicos.

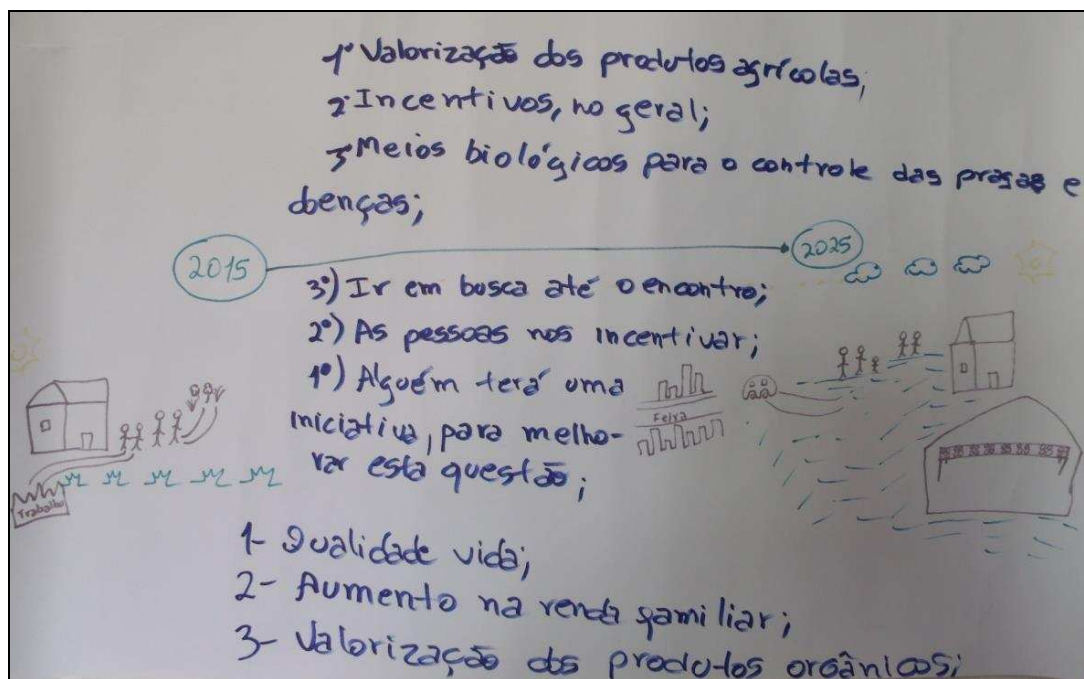


Figura 53 - Mapa do projeto de vida da Jovem 11, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Para finalizar as descrições individuais, em seu mapa o Jovem 12 ilustra no ponto de partida, sua família com quem residia no momento da pesquisa (composta por ele, pelos pais e irmãos), seu trabalho como técnico da cooperativa de leite do município (vaca e símbolo da cooperativa), seu carro e seu cavalo (símbolo da forte ligação com a cultura gaúcha, pois o mesmo participou na Semana Farroupilha da cavalgada na condução da chama crioula, como visto anteriormente na seção 1.2 “Troteando campo a fora: O costumeiro setembro gaúcho”) e ainda, a paisagem referente à natureza (Figura 54). No ponto de chegada, o jovem almeja a constituição da própria família (representada no casal) e o aumento dos bens materiais (a troca do carro, a compra de uma moto e a construção da casa própria). Por gostar do que faz, espera estar trabalhando na cooperativa e com produções agropecuárias paralelas a esse emprego. Percebe-se ainda no mapa do jovem que há a exaltação da natureza (paisagem com árvores e cachoeira) e a fidelidade com a cultura (cavalo), pois

devido a sua identificação o jovem pretende continuar a frequentar os eventos tradicionalistas, não só locais, mas regionais (como rodeios e festas típicas).

Em sua trajetória, o jovem sabe que enfrentará “altos e baixos” e por isso ele destaca que sua caminhada não será “em linha reta”, mas sim em formato de “curvas”, assim como desenhado por ele em seu mapa (Figura 53). O jovem visualiza problemas financeiros (cifrão), mas acredita que com muito trabalho e apoio da família isso será solucionado. Ainda, o jovem afirma que seu percurso será permeado de novos conhecimentos e conquistas não previstas.

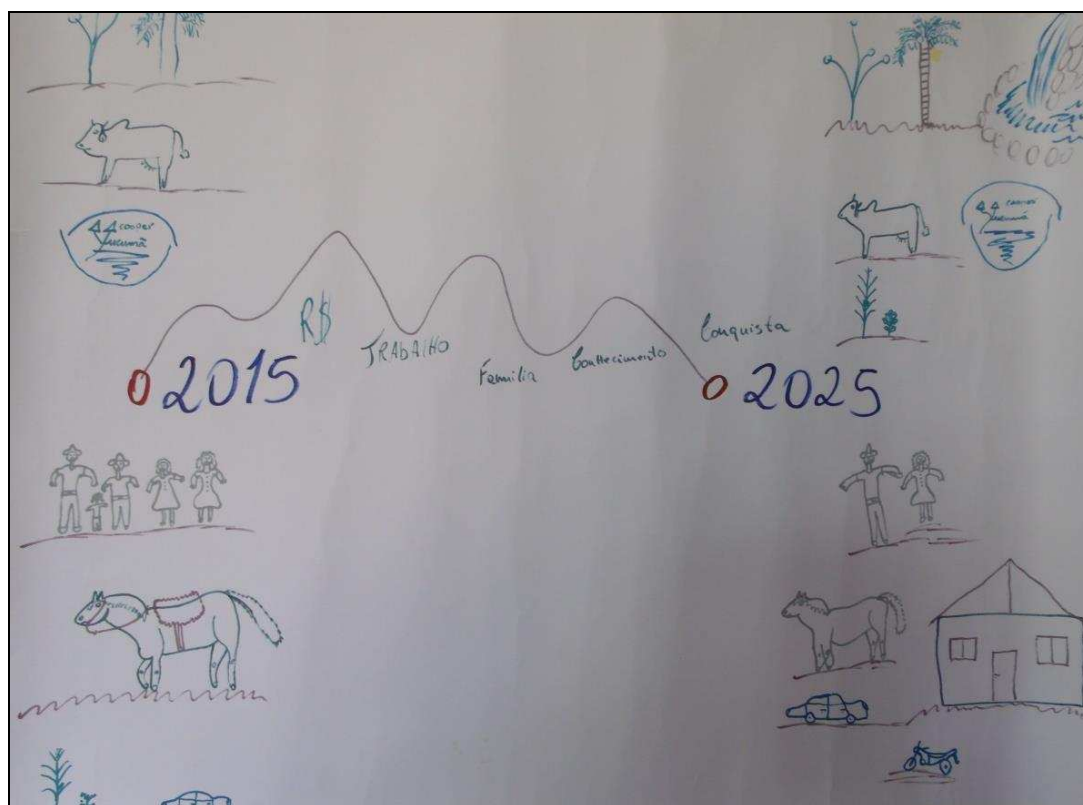


Figura 54 - Mapa do projeto de vida do Jovem 12, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A estratégia de construção dos mapas desta pesquisa foi inspirada no estudo de Elaine Juncken Teixeira a respeito da “Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida”. Com uma dinâmica muito próxima da qual foi empregada aqui, Teixeira (2005) utiliza um jogo de tabuleiros para captar os aspectos objetivos e subjetivos envolvidos na trajetória dos jovens. A dinâmica foi realizada em 5 comunidades pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro e atingiu um total de 78 jovens que foram divididos em 12 “grupos de reflexão”

(participantes do Projeto Jovem Total³⁷). No caso da metodologia da autora, os jovens que construíram seu projeto de vida além de serem protagonistas de sua história (participando do jogo e percorrendo sua trajetória), eram também espectadores das histórias de outros jovens. Assim como Teixeira (2005), visualizou-se nessa experiência que muitos jovens “não abriram mão da imaginação, da criatividade e da fantasia para construírem esse percurso recheado de objetivos e sonhos” (TEIXEIRA, 2005, p. 26).

A respeito do momento de construção dos mapas da gurizada especificamente, observou-se que o planejamento em longo prazo não é algo habitual para esses jovens, haja visto que os projetos são planejados geralmente para no máximo um ano, em função do período de “safra” na agricultura (ciclo de plantio e colheita de determinado produto). Além disso, alguns jovens mencionaram que a experiência trouxe à tona planejamentos e sonhos que nunca foram desenhados ou ainda, escritos no papel. Alguns jovens inclusive nunca haviam feito o exercício de projetar tanto tempo futuro, o que fez com que eles mesmos se perguntassem o que poderiam vislumbrar para esse tempo. Nesse sentido, verificou-se que o uso de certas metodologias em campo propicia momentos de reflexividade entre os próprios sujeitos da pesquisa.

Evidenciou-se também que não há mudanças drásticas nos projetos de vida da gurizada para os dez anos futuros projetados. Quase a totalidade quer melhorar o que já possui, confirmando assim a real intenção em continuar no meio rural na fase “adulta”, salvo duas exceções: Jovens 3 e 7 (Figuras 45 e 49) que buscam profissionalmente outras áreas de atuação, mas que ainda pretendem manter o vínculo com o rural, especialmente a Jovem 7, cuja história foi visualizada anteriormente na descrição do mapa e em falas indicadas na seção 2.4.

Sobre a representação de jovens rurais sobre o “rural”, Stropasolas (2006), ao estudar a juventude no sul do país, aponta que os jovens da sua pesquisa têm uma visão positiva em relação ao trabalho agrícola, pois além de estarem próximo ao grupo familiar e à vizinhança, o trabalho permite estar em “contato com a natureza”.

³⁷ Teixeira (2005) participou como estagiária neste projeto em 2002, justificativa pela qual escolheu trabalhar com a temática. Segundo a autora, o mesmo era “realizado pelo então Governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e a Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), vinculado ao Instituto de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, [e] teve como objetivo ensinar técnicas de trabalho a jovens de comunidades de baixa renda com a finalidade de proporcionar a geração de renda e a inserção social destes jovens” (TEIXEIRA, 2005, p. 12).

Comparando o trabalho realizado nos frigoríficos e na agricultura, os jovens da pesquisa de Stropasolas elucidam que os dois espaços “são ambientes diferentes” e isso propicia a valorização do “trabalho na agricultura, que é realizado em “ambiente aberto”, em “contato com a natureza”” (STROPASOLAS, 2006, p. 228).

Da mesma forma, como visto nitidamente na seção 2.4 e agora ilustrado nos mapas (especialmente pelos Jovens 4, 7, 8 e 12) identifica-se a valorização da paisagem. Assim como a própria cultura (expressa nas festas, nas músicas e na literatura visualizadas anteriormente nos Capítulos 1 e 2), os jovens enfatizam vigorosamente a relação com a natureza como aspecto positivo de se viver no meio rural.

Atrelado a esse aspecto, é válido destacar os fatores climáticos que aparecem nas trajetórias desenhadas pela gurizada. Nos mapas dos Jovens 1, 2, 3, 5 e 9 identifica-se visivelmente a condição climática como um aspecto que gera preocupação juvenil, bem como se torna um problema e um empecilho na concretização dos sonhos futuros. Embora a tecnologia auxilie (na irrigação, por exemplo), toda a produção agrícola, de hortifrutigranjeiro e até mesmo de leite – pois afeta o ambiente e os animais ocasionando um maior ou menor rendimento na produção – é dependente da condição climática (tempo, clima), uma vez que os jovens não conseguem controlá-la (tal fator aparece também na seção 2.4 quando a gurizada aponta para o que menos gosta na vida do meio rural: quando chove demais ou quando o tempo não ajuda).

Além disso, o mesmo apresentado por Stropasolas (2006) aparece aqui nesta investigação, pois há forte relação familiar e de vizinhança, ou ainda de amizade. Ao observar os mapas (em especial Jovens 2, 4, 5, 6, 7, 10 e 12) e ainda as falas dos jovens durante a pesquisa, os mesmos enfatizam a importância da troca de favores entre a comunidade em diversos momentos (seja no plantio e/ou colheita dos produtos agrícolas, na construção de uma casa, ou então de algum outro serviço necessário na localidade). A instituição familiar tem um papel importante nas decisões dos jovens e na construção do seu universo simbólico. É possível perceber em todos os mapas a presença de tal instituição, seja ela formada pelos pais e irmãos, ou as constituídas por maridos, esposas e filhos [isso é visível tanto na atual situação do jovem (2015), quanto na projeção futura desenhada (2025)].

Vale destacar também a história de vida da Jovem 10, que já saiu do município de Derrubadas para trabalhar também com o hortifrutigranjeiro em uma

região próxima à capital do estado (Porto Alegre). De acordo com a jovem, por mais que ela e o marido tivessem um maior retorno financeiro perto da capital (os clientes estavam mais próximos e não havia tanto gasto com combustível, pois o marido vai de casa em casa com o caminhão vendendo diretamente os seus produtos), a volta para o município se deu em função da família; ali eles estão mais perto de todo mundo.

Como afirma Castro (2010, p. 61), “a “juventude rural” reaparece nos diferentes contextos rurais da atualidade como uma categoria-chave para a própria reprodução social do campo e, em especial, da produção familiar”. Nessa perspectiva, de acordo com Castro et al. (2009, p. 23), a categoria “juventude rural é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. A decisão entre “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões mediante as quais a categoria jovem é construída e seus significados, disputados”. Assim, conforme observado por Brumer (2006, p. 5), em sua pesquisa no Rio Grande do Sul (realizada com jovens filhos de agricultores familiares), para que a juventude tenha a perspectiva de permanência duas questões são reivindicadas por essa categoria: [i] “acesso a uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir como utilizar” e [ii] “autonomia em relação aos pais”. Sobre esses aspectos a autora aponta que:

o primeiro é dificilmente equacionável dentro da economia familiar, cujos recursos geralmente são indivisíveis e ficam sob o controle do pai. Uma alternativa para os jovens é o assalariamento, principalmente no meio urbano, que marca uma ruptura temporária ou definitiva com a atividade agrícola. A solução do segundo requer a mudança nas relações familiares, através da participação maior de todos os trabalhadores familiares no processo de tomada de decisões e de um maior espaço para a atuação dos jovens (BRUMER, 2006, p. 5).

Sobre o primeiro aspecto, também se questionou à gurizada sobre como eram articuladas as demandas financeiras. Apesar dos jovens que ainda trabalham e moram com os pais dependerem financeiramente dos mesmos e não possuem uma renda fixa mensal (mesada, ou valor proporcional ao lucro obtido) não há, segundo eles, problemas em “pegar” dinheiro com os pais. Como afirma o Jovem 2: “*Sim, trabalhamos pra ele, aí quando precisa dinheiro pedimos a ele (risos). Sem problemas.*” A fala do jovem seguida dos risos (a forma como essa manifestação ocorreu) expressa que a relação entre pais e filhos não é opressiva, os jovens se

entendem também como “mão-de-obra” familiar e têm o direito de receber pelo seu trabalho, pois como também aponta o Jovem 1, se eles (filhos) não assumirem a propriedade, “sobra” para os empregados porque “alguém tem que tocar né, tem que seguir. E largar na mão de funcionário é complicado”.

Nesse sentido, é importante salientar a posição da Jovem 3, que também aponta não ter dificuldade em “conseguir” dinheiro com os pais, porém segundo ela a solicitação ocorre apenas para o essencial, para os gastos que ela julga necessários; “não gasto com bobagens” (Jovem 3). O termo bobagens mostra a responsabilidade, que de forma subjetiva, já é exigida dos jovens no controle financeiro; embora não haja problemas “em pedir dinheiro”, há um peso em relação “ao que se vai pedir”. Da mesma forma, a fala da jovem demonstra que o problema não existe se o dinheiro estiver sendo investido com coisas julgadas necessárias, mas que caso fosse para algo mais “desnecessário”, na visão dos pais, a relação não seria tão harmoniosa. Nessa lógica, Battestin e Costa (2007) apontam que dentre os principais aspectos contribuintes para a escolha de saída dos jovens do meio rural está:

o conflito com a família, no que diz respeito à liberdade e autonomia, pesando principalmente sobre as mulheres. O controle que os pais e irmãos exercem sobre as jovens as leva a vislumbrarem na cidade, através de um emprego, liberdade pessoal e autonomia financeira. Mas o peso da autoridade paterna não recai somente sobre as filhas. Os filhos se vêem logo cedo com responsabilidades na produção, porém não lhes é permitida participação nas decisões e gestão das atividades e, para agravar, muitas das vezes essa situação persiste inclusive depois do casamento até que se tenha a posse da terra de fato (BATESTIN; COSTA, 2007, p. 94).

A respeito dos conflitos familiares indicados por Battestin e Costa, Silva (2012, s.p.) também em conformidade com a discussão, evidencia que a juventude tem sido vista “pelos estudos como uma categoria que carrega a responsabilidade da reprodução social da agricultura familiar. As estratégias de reprodução perpassam a sucessão da terra e do trabalho agrícola, mas não acontecem sem conflitos intergeracionais”. Tais conflitos são identificados pelos jovens da pesquisa, na fala do Jovem 1, e na intervenção da mãe fica evidente o enfrentamento entre as gerações, bem como a diferença nas prioridades de investimento, tanto dos pais e dos filhos como também entre os gêneros:

Volta e meia dá uma “reineria” (discussão, conflito de ideias)! Mas é normal (risos). Às vezes um quer investir mais e o outro não quer investir. O pai e a mãe já não querem investir muito, já nós (filhos) queremos fazer (JOVEM 1). [Neste momento a mãe passa pela cozinha onde o jovem está sendo entrevistado e o mesmo olhando para ela comenta:] Por exemplo, a mãe quer pintar a casa e nós não queremos pintar agora (risos). [A mãe escutando a resposta do filho, diz:] Eles não querem pintar a casa, mas só querem coisa pra aquele galpão (risos). Não é que eu quero pintar, é que precisava pintar, porque a parte da madeira vai ficando ardida (MÃE DO JOVEM 1).

O diálogo aberto do filho para com a mãe e vice-versa, demonstra nas entrelinhas que ambos discordam das visões um do outro, mas que existe cordialidade e respeito nas decisões e na relação, sendo um clima de tensão quase inexistente (expresso pelos risos). As famosas “reinerias” indicadas pelo jovem como sinônimo de conflitos são vistas também nos mapas (especialmente descritos pelos Jovens 1, 2 e 11), quando os jovens indicam os problemas encontrados ao percorrer sua trajetória.

Sobre essa discussão e atrelando o debate às divergências de prioridades geracionais, a Jovem 11 expõe a importância em se chegar ao meio termo nas decisões familiares; “eu sempre falo tem que juntar as coisas novas dos jovens e a *experiência dos mais antigos, juntando essas duas coisas tem tudo pra dar certo*”. De acordo com a jovem, os pais já passaram por certas experiências que propiciam a orientação na hora de decidir o que é melhor para a família, para a propriedade ou para a produção, mas ao mesmo tempo em que isso se torna um fator positivo, este pode ser também um aspecto de bloqueio às novas ideias juvenis. Por isso, na visão da jovem, para que se tenha sucesso e se diminuam os conflitos familiares é necessário que os dois lados cedam, tanto os pais devem aceitar as novas tendências, quanto os filhos devem ouvir os conselhos de quem já passou por determinadas situações.

Para Stropasolas (2006, p. 173) “os jovens reclamam por mudanças na condição social dos agricultores na sociedade e nos valores que fundamentam as relações de gênero e geração na agricultura familiar; todavia, por não encontrarem espaço para as transformações, mudam-se para a cidade”. O autor conclui que os jovens “embora busquem “mudar de vida”, também mantêm uma forte identidade cultural com um ethos [...] expresso na procura regular, nos finais de semana, pela sociabilidade das comunidades rurais” (STROPASOLAS, 2006, p. 173). De acordo

com Boessio, ao referir-se à pesquisa de Carneiro (1999) em dois contextos rurais distintos, percebe-se que a juventude embora almeje “um padrão de vida melhor e interligado ao estilo moderno e urbano, [os jovens] também demonstram um sentimento de compromisso com a família e com o local, sendo essa uma das contradições presentes no desejo de ter “o melhor dos dois mundos”” (CARNEIRO, 1999 apud BOESSIO, 2015, p. 23). Nessa conjuntura, e, entendendo que os jovens rurais tencionam “o melhor dos dois mundos” (rural e urbano), Carneiro (2007) já apontava a importância de desvelar o universo simbólico desses sujeitos, uma vez que esse se amplia e possibilita a formulação de novas configurações (devido à mobilidade espacial e simbólica que os mesmos buscam e vivem).

Novamente aqui nos mapas, assim como na perspectiva juvenil sobre o rural (seção 2.4), aparece a mobilidade da gurizada por diversos espaços (com a saída e o regresso dos estudos e/ou trabalho, os jovens estão constantemente em contato com a sede do município, além de outros municípios e cidades maiores). Isso propicia a ressignificação dos seus valores e representações, bem como de suas identificações pessoais – caso da Jovem 11 que se identifica não “só jovem rural”, mas que carrega as características urbanas, pois diariamente permeia esse espaço (como visto na seção 3.1). Sobre essa discussão, Stropasolas (2004) aponta que:

Assim, as mudanças sociais e econômicas em curso no espaço rural, o questionamento dos padrões [...] na agricultura familiar e a troca de informações e experiências com os jovens que passam a residir na cidade introduzem novas representações, conceitos e expectativas no horizonte dos jovens, colocando para muitos deles, em primeiro plano, a vontade (e, para muitos, a necessidade) de realizar projetos de vida na cidade e o desejo de experimentar diferentes possibilidades [não só] nos relacionamentos afetivos, ficando para depois a concretização de outras dimensões que integram a sua vida pessoal, particularmente o casamento e a família. (STROPASOLAS, 2004, p. 259).

Em concordância com essa linha de pensamento, Castro (2005) ao estudar o assentamento rural de Eldorado no Rio de Janeiro, percebeu uma mudança no “mercado matrimonial”, que está associada a diversas lógicas contextuais, podendo envolver o desinteresse pela vida rural, a ampliação e consolidação das redes sociais em decorrência da proximidade e maior circulação entre espaço rural e urbano e ainda, a forma como está organizado o trabalho familiar. Sobre o casamento, Stropasolas (2004) informa a partir de sua pesquisa que “de maneira geral, os jovens

constatam e projetam um retardamento dos casamentos na medida em que se sucedem as gerações na agricultura familiar” (STROPASOLAS, 2004, p. 258).

Nessa lógica, ao analisar os dados da pesquisa, observa-se que não há o retardamento do casamento por parte das mulheres em Derrubadas. A partir da observação, a pesquisadora pode visualizar que é desejo das gurias ao finalizar o ensino médio constituir família. Pelo contato da mesma em campo, embora tenha existido certa dificuldade para mapear as meninas que poderiam participar da pesquisa, o mesmo não ocorreu ao observar o estado civil (havendo mais casadas do que solteiras, como pode ser visto no Quadro 4 a respeito do perfil geral dos jovens entrevistados). O fato está vinculado às jovens gostarem do meio rural e por isso ser uma escolha para o seu futuro. Como a pontado pelas Jovens 5 e 6, a preferência sempre foi trabalhar e não estudar, ou seguir outras profissões (embora isso fizesse parte do campo de possibilidades acessível às jovens). Porém, vale destacar também os casos das Jovens 3 e 11, que continuaram seus estudos e trabalho e embora tenham retardado o casamento, elas têm a perspectiva de casar; as duas namoram e como visto no Quadro 4 a Jovem 11 reside com o namorado na casa dos pais, um dado importante que relativiza o estereótipo da família tradicional encontrada no meio rural. Relacionado ainda a essa discussão, Valmir Stropasolas aponta que:

embora pouco explicitados nos relatórios oficiais ou mesmo nos estudos acadêmicos, os recorrentes depoimentos, dos próprios jovens ou mesmo de técnicos e pesquisadores, indicam o descontentamento das moças – mais explícito entre as filhas de agricultores empobrecidos, mas não menos importante entre as filhas de agricultores capitalizados – e sua recusa em casar e constituir família com filhos de agricultores, bem como a sua procura por estudo e trabalho na cidade para ‘mudar de vida’ (STROPASOLAS, 2004, p. 255).

Nesse sentido, percebe-se uma certa divergência ao observar os dados desta pesquisa e contrastá-los com o exposto por Stropasolas, uma vez que as jovens mulheres são casadas ou então, namoram com filhos de agricultores, não indicando o descontentamento dessas gurias; contribuindo, cabe destacar também a fala da Jovem 5 – já revelada na seção 2.4 –, a mesma ao indicar o que mais gosta a respeito da vida no meio rural enfatiza: “de plantar (risos), ajudar a plantar na roça” (JOVEM 5). A partir de todas as colocações até aqui expostas, é relevante destacar o que Wheisheimer (2005) infere ao tratar do “movimento dialético de produção–reprodução–transformação social”, pois segundo o autor as trajetórias pessoais são

construídas em consonância com o que lhes é transmitido, no entanto há a oportunidade de ressignificação e transformação, assim como visto acima no caso das meninas que não indicam o descontentamento por escolher o casamento e seguir no campo. Ainda de acordo com o autor:

as possibilidades de inserção social dos jovens estão condicionadas aos recursos materiais e simbólicos que lhes são disponibilizados ao longo do seu processo de socialização. Esses recursos, que as novas gerações herdam das anteriores e sobre os quais promovem avaliações, constituem as condições objetivas a partir das quais constroem suas trajetórias pessoais (WEISHEIMER, 2005, p. 26).

Um fator fundamental na construção dessas trajetórias pessoais é a inserção do jovem em ambientes de capacitação, como é o caso de cursos técnicos ou de nível superior, pois estes provêm espaços de sociabilidade e acesso a diferentes recursos simbólicos e materiais, como colocado por Wheisheimer (2005) acima. Ao observar por esse ângulo, e ao estudar os projetos de vida de jovens trabalhadores rurais, na Zona da Mata de Minas Gerais, Doula et al. (2014) constataram que há um número reduzido de cursos, seja de nível superior ou técnico, na região de origem dos jovens entrevistados. Dessa forma, por mais que os mesmos tenham interesse em exercer certas profissões ligadas ao setor agropecuário, não podem capacitar-se para tal. Ainda sobre isso, as autoras mencionam que ao observar os dados da pesquisa é preciso:

tomar com cautela os planos de permanência dos jovens no meio rural, na medida em que as oportunidades de continuar os estudos, de ter opções variadas de formação profissional, de ter acesso às novas tecnologias, a atividades de cultura e lazer ou a direitos trabalhistas não estão disponíveis a eles, fazendo-nos questionar sobre a privação das suas capacidades e liberdades e sobre a qualidade de vida e desenvolvimento na qual essa permanência se dará (DOULA et al., 2014, s.p.).

Nessa ótica, ao direcionar o olhar para as possibilidades de ingresso na educação superior, Redin (2012) destaca a respeito juventude rural do sul do Brasil, a importância da conciliação entre permanecer no campo e continuar os estudos. De acordo com o autor, tal fator é fundamental para “assegurar condições que possibilitem, ao jovem rural, munir qualidade de vida aliada aos projetos individuais ou aos coletivos, no rural” (REDIN, 2012, p. 124). Assim, Redin (2012) indica que:

Contracenar com a valorização do jovem no campo é, antes de tudo, fornecer condições materiais, espaços de sociabilidade, possibilidade de continuar os estudos sem necessitar migrar para grandes centros urbanos, dar subsídios ao produto do trabalho na agricultura familiar, proporcionar formas de amenizar o isolamento cultural, político e social, bem como aumentar o leque de alternativas de desenvolvimento (REDIN, 2012, p. 124).

Sobre a temática, Stropasolas (2006), ao observar os jovens no Oeste Catarinense, destaca que muitos desses acabam inserindo-se no mercado de trabalho com vistas a continuar os estudos, sendo que dessa forma os jovens obtém recurso financeiro. Nas próprias palavras do autor os jovens “depositam no trabalho a esperança de sustentar a continuidade dos seus estudos, residindo na busca da realização do desejo de fazer uma faculdade a maior das aventuras” (STROPASOLAS, 2006, p. 232). No entanto, o sonho de continuar os estudos nem sempre se concretiza, pois segundo o autor, o salário de muitos é destinado apenas para os custos básicos de vida, impedindo assim o investimento em capacitações. Por esse ponto de vista, Redin (2012, p. 130) destaca que “famílias consolidadas economicamente podem proporcionar uma estrutura educacional que, talvez, induza o jovem a migrar parcialmente, com intuito de qualificação superior”. Igualmente colocado pelo autor, há uma tendência maior de que o jovem retorne ao meio rural e, dessa forma, essa estimativa ainda aumenta quando o jovem opta por um curso vinculado à esfera agrícola.

Diferentemente do exposto pelos autores supracitados e como visto anteriormente na seção 1.3, “Que gurizada é esta?”, os jovens entrevistados, além de terem alta escolaridade, têm condições de continuar os estudos sem sair do meio rural (como visto também nos mapas das Jovens 3 e 7, Figuras 45 e 49, em que a faculdade/estudos estão presentes em seu ponto de partida). Logo, como indicado na seção 2.4, o alto grau de escolaridade influencia no olhar crítico e na relativização das representações a respeito do rural e do urbano, influenciando assim em seus sentimentos em relação a estes espaços.

Nesse sentido, é interessante relatar a trajetória do Jovem 4 a respeito dos seus estudos. Natural da zona rural de outro município, os pais do jovem trabalhavam com a produção de fumo e por esse motivo ele sempre foi estimulado e incentivado a sair do meio rural para seguir estudando e “*ganhar a vida*” de outra forma. O jovem, foi então cursar filosofia em uma cidade maior e distante de sua família. A experiência foi importante para a reafirmação da sua escolha, voltar e viver no

campo. Hoje, casado e residindo no meio rural, afirma que essa é uma escolha acertada, como mencionado pelo jovem, e ainda destacado no título da seção 2.4, “Olha... se eu tivesse que optar de novo por ficar no campo, eu ficaria” (JOVEM 4).

Desconstruindo o que algumas pesquisas mostram e como exposto por Redin (2012) anteriormente, a história do jovem indica que não necessariamente é preciso cursar algo vinculado às atividades agrícolas e agropecuárias no ensino superior para que posterior ao término do curso o jovem possa retornar ao meio rural. Aqui se identifica novamente o fator subjetivo gostar (do campo e do modo de vida rural) e a forte relação com a terra (discussão apresentada na seção 2.4).

Torna-se importante mencionar que, ainda relacionado ao acesso aos estudos, existem outras capacitações disponíveis para o acesso dos jovens de Derrubadas, como por exemplo: cursos proporcionados pelo Sindicato rural do município e pela EMATER em parceria com o SENAR, e que estão estimulando o desenvolvimento local por meio do turismo. Isso pode ser observado no caso do Jovem 8, que já vem desempenhando atividades nesse sentido, tanto é que faz parte do Conselho e do Comitê Municipal de Turismo, bem como na propriedade familiar tem se envolvido com o resgate histórico da família e valorização do local para promover visitas. O jovem tem muito interesse em investir no turismo e acredita que a propriedade da família, assim como todo o espaço rural de Derrubadas, tenham grande potencial turístico, o que pode auxiliar na geração de renda e permanência dos jovens.

Esse fator demonstra o que outros pesquisadores – como Wanderley, Graziano da Silva, Carneiro, Favareto, Veiga, entre outros – apontam sobre as recorrentes mudanças no meio rural e o indicativo de que esse contexto não é mais exclusivamente agrícola (discussão visualizada no Capítulo 2, especialmente na seção 2.3), o que possibilita diferentes oportunidades e perspectivas para a juventude e seus projetos futuros. Sobre essa perspectiva, e como evidenciado por José Graziano da Silva, atualmente o homem rural não é mais apenas um agricultor ou então um pecuarista, “ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano-industriais, como nas novas atividades que vêm se desenvolvendo no meio rural” (GRAZIANO, 1996, p. 5).

Boessio (2015, p. 157), ao estudar a juventude rural e os processos sucessórios no Triângulo Mineiro, percebeu que os filhos “que desejam permanecer nas unidades produtivas são aqueles que os pais investiram em melhorias na

propriedade, principalmente com tecnologia”. Mendonça et al. (2013) apontam em seu estudo realizado no Alto Jequitinhonha, em Minas Gerais, que a baixa rentabilidade na propriedade é um aspecto fundamental para que os jovens escolham sair do meio rural. Essas, assim como a de Abramovay et al. (2007) no oeste Catarinense e tantas outras pesquisas já realizadas acerca da juventude, bem como da migração juvenil, indicam que a precariedade da propriedade, a falta de lucratividade e ainda a necessidade de apoio de instituições representativas não proporcionam um ambiente favorável para que os jovens continuem no campo, por mais que os mesmos tenham a intenção e a vontade de ali permanecer. Nesse sentido, os jovens rurais entrevistados compactuam de tal visão, e ao reportar-se à estrutura comunitária de Derrubadas, os mesmos indicam que possuem apoio das entidades e organizações municipais e representativas. Isso se identifica na fala do Jovem 4: “Se não tivesse apoio do município, prefeitura, EMATER, sindicato eu até estaria tocando a *propriedade, mas falido*” (JOVEM 4).

Aqui se visualiza a vontade por parte da gurizada em permanecer no meio rural e na atividade agrícola, no caso do Jovem 4 na produção leiteira, pois independente de estar “*falido*” o jovem continuaria na propriedade. Os aspectos econômicos aparecem nos mapas individuais desenhados como: carros, motos, máquinas agrícolas, a casa, o aumento da propriedade e de outros bens, entre outros (claramente visualizados nas Figuras 45, 46, 48, 49, 52 e 53) e como qualquer outro indivíduo, de qualquer contexto, os jovens almejam melhorar suas condições de vida e isso inclui um aumento financeiro. Porém, a respeito desse debate ressalta-se o exposto anteriormente no início desta dissertação, quando se propõe um olhar para além da racionalidade econômica do jovem. Embora este não seja o foco desta análise, ou melhor, não ganha destaque nesta discussão, nesta ocasião não se desconsidera que há a influência do aspecto econômico nos projetos de vida juvenis.

Consoante com a reflexão e ligado aos fatores positivos não só do rural, mas também do urbano, Battestin e Costa (2007, p. 95) – ao estudarem a juventude brasileira inserida no contexto da agricultura familiar – indicaram que “se por um lado a cidade pode representar ascensão social, por outro os jovens não têm a mesma expectativa quando se trata de tranquilidade e qualidade de vida”. Assim, conforme Redin (2014, p. 39), “nota-se, muitas vezes, que nem sempre a migração do jovem rural está ligada a falta de condições básicas neste espaço, mas de um complexo

contexto que envolve muito mais que a relação estritamente econômica, propriamente dita” (REDIN, 2014, p. 39).

Considerando os projetos individuais dos jovens – independentemente de serem “projetos profissionais” ou “projetos de vida” –, Weisheimer (2005, p. 19) em seu mapeamento das pesquisas de juventude rural no Brasil, acaba por categorizar esse debate como um dos grupos temáticos dos estudos encontrados. As pesquisas realizadas destacaram “que as mudanças e as crises recentes no meio rural fazem com que essa realidade seja reelaborada na formulação de projetos individuais e familiares”. Nesse sentido, ainda é percebido pelo autor que tais pesquisas consideram, diante desse contexto, que “a juventude rural é instigada a questionar projetos familiares sustentados na reprodução de modos de vida pautados na atividade agrícola e levada a reivindicar padrões de vida que incorporam valores e condições materiais tidos como “urbanos”” (WEISHEIMER, 2005, p. 19).

Posto isso, por mais que os jovens entrevistados tenham sido previamente selecionados para a pesquisa por apresentarem a escolha de permanecer no meio rural, foi interessante indagá-los durante a entrevista sobre sua decisão e se esta era definitiva ou apenas provisória. Como confirmação dos planejamentos desenhados nos projetos de vida de cada jovem, quase totalidade das respostas apontou para a decisão definitiva (Jovens 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11 e 12). A respeito do que levou a jovem a tomar tal decisão, observa-se que as justificativas permeiam os fatores já apresentados anteriormente (seções 2.4 e 3.1): o gosto pelo campo, pelo modo de vida rural e pelo trabalho e ainda pelo sentimento de pertencimento ao lugar de origem e os valores passados de geração em geração.

Já vem de geração né. De geração a geração vamos seguindo a rotina (JOVEM 1).

Ah por gostar né, gostar de tá no meio da agricultura. Trabalhando (JOVEM 2).

Sair só se tiver melhores oportunidades de trabalho, senão não (JOVEM 10).

Vale destacar que a Jovem 7 também indicou a decisão definitiva em continuar morando em Derrubadas, porém na sede do município. Como já mencionado a jovem é casada com um jovem rural (Jovem 8) e os dois encontraram um meio termo: como o sustento do casal provém da agricultura e da produção leiteira, o marido desloca-se diariamente até a propriedade da família (a 3 km de

distância do centro do município) e assim também a jovem que não “tem muita combinação com a agricultura” pode ir para as cidades vizinhas estudar e/ou trabalhar (no momento da pesquisa estava cursando ensino superior em Estética e Imagem Pessoal na cidade de Três Passos). Dessa forma, percebe-se que é uma escolha profissional da jovem. Sobre a sua escolha, o Jovem 8 coloca o mesmo motivo e ainda afirma: “*é por estar perto da propriedade, ser uma cidade tranquila. Não vejo muita diferença (da cidade para a propriedade em que trabalho), mais é o movimento durante a semana*”.

Ainda sobre esse questionamento, a única guria que indicou ser uma escolha provisória permanecer no meio rural foi a Jovem 3. De acordo com seu mapa, observa-se que ela planeja construir um negócio próprio e não depender da agricultura, mas continuar vinculada ao campo. Além disso, a jovem tem a intenção de permanecer na mesma região, pois seu atual namorado é do meio rural e ainda, do mesmo município.

Também, incluindo a esse debate e relacionando aos projetos de vida da gurizada, fez-se uma análise de realização pessoal dos jovens no meio rural. Apenas a Jovem 7 apontou não se sentir realizada morando no meio rural; vale explicar que sua resposta refere-se ao período em que esta morava a 10km do centro do município (dos 6 anos até se formar no ensino médio e casar) – como visto na seção 2.4. O que a jovem menos gostava no meio rural era da distância, uma vez que tinha dificuldade de locomoção para o centro de Derrubadas e para as outras cidades, pois não tinha transporte a não ser o micro-ônibus em período letivo. Segundo a jovem, ela sempre foi estimulada pela mãe a sair do meio rural, em suas palavras:

[Sempre fui incentivada] A procurar um trabalho fora de lá, estudar. Até porque eu não tinha nenhuma serventia lá, então a pessoa não prestava pra esse serviço (risos). Porque eu nunca fui de sair trabalhar na roça, assim carpir, o máximo que eu fazia era cuidar de flor, mais era o serviço de casa (JOVEM 7).

Aqui, atenta-se para o mapa do projeto de vida da Jovem 7, já que a mesma traz o sentimento de felicidade relacionado ao meio rural e planeja sua vida futura ligada à natureza e ao campo. Como a mesma menciona (na seção 3.1) ela identifica-se mais como jovem urbana embora tenha uma forte relação com o rural (pois seu marido trabalha nesse meio e o restante de sua família ainda reside no campo). Nesse sentido, visualizam-se as contradições da modernidade, bem como a mobilidade

espacial e simbólica na qual os jovens estão transitando e que contribuem na construção do seu universo simbólico, o que conseqüentemente, influenciará nas suas escolhas e na forma como estes irão ver e sentir o mundo a sua volta.

Diante dos diferentes embricamentos que envolvem a gurizada e a partir das discussões expostas até aqui, destaca-se que os jovens foram questionados sobre o que os mesmos sentiam ao pensar nos seus projetos futuros (FIGURA 55). E para tal pergunta, a palavra de ordem foi esperança (quatro vezes citada) que indica a expectativa de concretização dos sonhos pessoais. Embora apareça certa insegurança (duas vezes citada) e preocupação (uma vez citada) em relação aos planejamentos a longo prazo, observa-se ao direcionar o olhar para as demais subjetividades (citadas uma vez apenas) uma perspectiva positiva frente ao futuro. Cabe expor que o termo família (citado duas vezes) diz respeito a dois jovens solteiros (que estavam namorando no momento da pesquisa) e que almejam o casamento para então constituir a sua própria família.

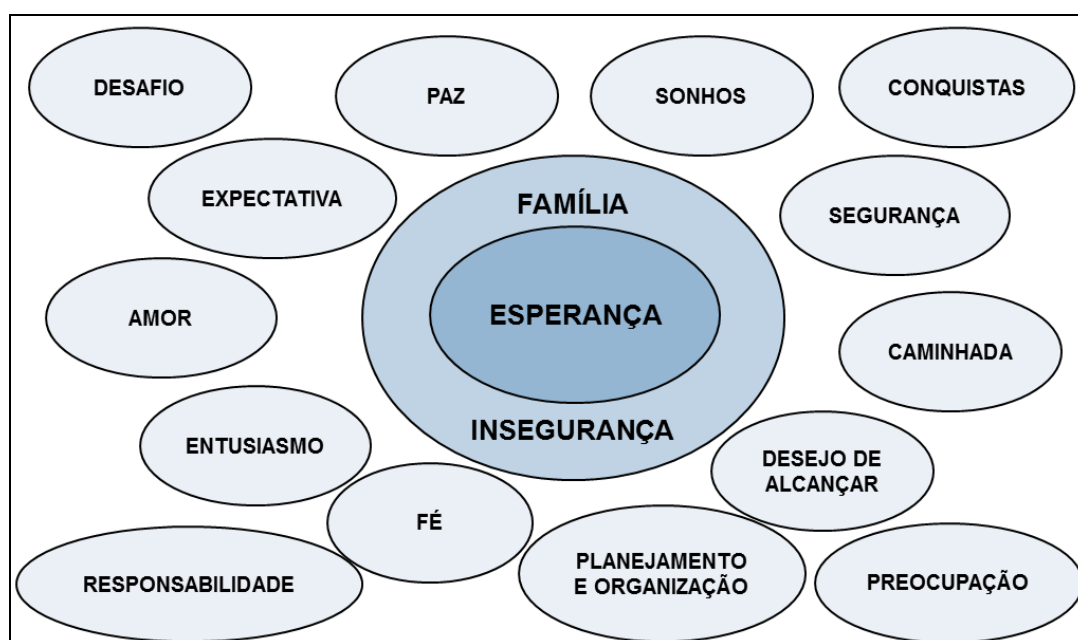


Figura 55 - Subjetividades (representações e emoções) dos jovens participantes da pesquisa a respeito dos seus projetos futuros, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

À vista disso, assim como Paulo (2011), Redin (2012) reflete sobre a juventude ser constituída de sonhos, expectativas e ambições, simbologias e subjetividades vinculadas aos projetos de vida. Nesse sentido, pôde-se perceber (não só nesta seção) que os jovens podem ser lidos e até mesmo compreendidos por meio de seus sonhos, pelejas, emoções, sentimentos, valores, simbologias e

representações, ou seja, por meio de sua subjetividade, pois os sentidos e significados atribuídos no campo do universo simbólico individual auxiliam na interpretação do mundo, o que acaba por influenciar nas tomadas de decisões que orientarão as ações dos sujeitos. Vale salientar por fim, que não se teve a intenção de defender a permanência ou não dos jovens no meio rural; o intuito foi visualizar os elementos subjetivos influenciadores nos projetos de vida do jovem rural, considerando com que isso seja também um fator determinante na escolha desses em permanecer no campo.

CAPÍTULO 4

AS EMOÇÕES A PARTIR DA ANTROPOLOGIA E DA SOCIOLOGIA

Este capítulo final está dividido em duas partes: a primeira aborda teoricamente o debate acerca das emoções como categoria analítica dentro da Sociologia e da Antropologia; já a segunda parte se detém na apresentação das emoções positivas e subjetividades a respeito do meio rural, evidenciadas pelos jovens da pesquisa.

4.1 Contribuições fundamentais da Sociologia e da Antropologia das Emoções

As emoções, como objeto analítico das ciências sociais [...] podem ser definidas como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causadas pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados. [...] [Parte-se] deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade (KOURY, 2009, p. 84).

Com início nos Estados Unidos, em meados da década de 1970, a Sociologia e a Antropologia das Emoções ganham destaque entre os cientistas sociais brasileiros nos anos 1990. Embora a temática atraia olhares e ocupe as discussões de pesquisadores há muito tempo nas ciências sociais³⁸ – autores clássicos como Durkheim, Marx, Marcel Mauss, Lévi-Strauss, Weber, Simmel, entre outros, já abordavam assuntos da intersubjetividade³⁹ –, é nesse período histórico que as “emoções” passam a ser consideradas como fenômeno sociológico e antropológico a ser analisado e pensado a partir das interrelações indivíduo-sociedade, postulando

³⁸ “O processo de construção das emoções como objeto das ciências sociais é longo, podendo remontar aos esforços pioneiros de fundação das ciências sociais como campo de saber autônomo. Embora o tema das emoções figure nos trabalhos de muitos antropólogos e outros cientistas sociais, sua aparição se dá com frequência de forma secundária. [...] [Mantendo-se] portanto, assunto prioritariamente da psicologia”(REZENDE; COELHO, 2010, p. 12).

³⁹ “Os pressupostos teórico-metodológicos e modelos analíticos [dos clássicos são] utilizados na e pela sociologia das emoções. A releitura pela sociologia das emoções salienta que as preocupações embasadas nos diferentes olhares epistemológicos dos clássicos fundadores da sociologia partiram de um suporte comum, a preocupação com a identidade fragmentária que emergiu com a modernidade ocidental e as rupturas com as bases sociais vigentes. Preocupações caras também às análises do social feitas pela sociologia das emoções, que tem por base uma leitura da intersubjetividade através da categoria emoção” (KOURY, 2009, p. 43).

assim, uma nova categoria analítica nesse campo de investigação (KOURY, 2014; REZENDE, COELHO, 2010).

Nesse sentido, cabe destacar que para esta investigação utiliza-se tanto a sociologia quanto a antropologia ligadas às emoções, pois se entende que os dois campos teóricos são complementares e não independentes entre si. Além disso, destaca-se que a presente seção não tem a pretensão de apresentar uma análise exaustiva a respeito da teoria da Sociologia e da Antropologia das Emoções, mas sim fornecer subsídios para a compreensão das principais bases que constituem e consolidam esta enquanto um campo disciplinar e que assim propicia reflexões e análises teóricas com relação às emoções.

Sobre sua historicidade, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, pesquisador desse campo investigativo, aponta que a Sociologia e a Antropologia no Brasil,

mais talvez do que em outros países, se estruturaram sobre uma mesma tradição e um mesmo processo. Nos campos da sociologia e da antropologia das emoções, por exemplo, as bases comuns de pesquisa e análise, bem como a estruturação dos discursos analíticos, têm favorecido à busca de uma ampliação conceitual, de exploração metodológica e de um fortalecimento e consolidação de ambos os campos disciplinares na busca da compreensão da inter-relação entre emoções e cultura e sociedade, no seio das ciências sociais locais (KOURY, 2009, p. 81).

No entanto, ao referir-se ao debate acerca das emoções, é válido indicar sinteticamente as duas significativas e até mesmo contraditórias abordagens sobre a temática envolvendo as principais discussões teóricas. De um lado, apresenta-se o caráter biológico e fisiológico das emoções quando considerada a concepção teórico-metodológica positivista. Já por outro lado, encontram-se os aspectos socioculturais vinculados às experiências emocionais, retratando dessa forma uma “feição antipositivista”, onde as emoções são construídas socialmente (RÖTTGER-RÖSSLER, 2008; KOURY, 2014; BERNARDO, 2014).

A respeito desse debate, especificamente dentro da sociologia das emoções, Koury (2009) aponta que o desenvolvimento deste campo de investigação não tem sido harmônico, pois se divide em duas grandes e distintas perspectivas teóricas e epistemológicas (as de cunho positivista e as de natureza antipositivista), com isso “no seu interior são expressos e desenvolvidos conflitos e tensões sobre os caminhos teóricos e metodológicos que melhor se adequam à análise da relação entre emoções e sociedade” (KOURY, 2009, p. 45);

Nesse sentido, Röttger-Rössler (2008, p. 177) aponta que a “literatura antropológica sobre emoções é ainda governada por uma visão dicotômica das emoções como primariamente biológica e, por isso, universal, ou enquanto basicamente sócio-cultural e, deste modo, particular em sua natureza”. Ao correlacionar emoções e aspectos biológicos, os estudos apontam para a primeira corrente, onde as emoções são constituídas biologicamente, ou seja, as emoções são universais e, além disso, há uma quantidade de “emoções básicas” que são apenas estimuladas e influenciadas por meio de fatores culturais. Dessa forma, “as emoções básicas são vistas como matéria-prima que ganha forma e acabamento por meio de fatores culturais, mas que não é, em essência, culturalmente condicionada” (RÖTTGER-RÖSSLER, 2008, p. 179).

No sentido contrário, a segunda corrente destaca fundamentalmente que as emoções são culturalmente constituídas, isto é, dependem das concepções culturais disponíveis, aparecendo secundariamente os estímulos fisiológicos. Neste caso, “as emoções são em primeira linha avaliações, julgamentos: aquilo que um ser humano numa dada situação sente, vem a ser estruturado por meio de sua compreensão, de sua avaliação de tal situação” (RÖTTGER-RÖSSLER, 2008, p. 180).

Ao revisar criticamente estas duas abordagens teóricas das emoções, Röttger-Rössler (2008) entende que este fenômeno sócioantropológico só pode ser efetivamente estudado quando há uma “cooperação interdisciplinar” no complexo processo biocultural. Nas próprias palavras do autor,

emoção não deveria ser entendida como um fenômeno estático, como condição interna, mas sim como processo relacional no qual fatores culturais, sociais, individuais e biológicos interagem com o mesmo peso. Para fazer jus a essa multisetorialidade de fatores, demanda-se uma base teórico-sistemática que se empregue para a análise de emoções e que apreenda as emoções enquanto sistemas vivos, isto é, enquanto sistemas dinâmicos de desenvolvimento (developmental systems) que se compõem de numerosos componentes ou sub-sistemas, ligados uns aos outros através de entrelaçamentos dialéticos (RÖTTGER-RÖSSLER, 2008, p. 206).

É válido destacar que Rezende e Coelho (2010) contribuem para o debate, questionando as emoções como compreensão biológica ou cultural e ainda como compreensão individual ou social. Para as autoras, há uma dificuldade em separar os fatos biológicos dos fatos culturais, uma vez que se entende o corpo humano essencialmente “mediado pelas formas de pensar cultural e historicamente

construídas” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 29). Ainda, ao retratar as emoções, no sentido singular e psicológico do sujeito, como se apresentam no senso comum das “sociedades modernas complexas ocidentais”, as autoras desconstruem a visão da emoção como um simples aspecto da natureza individual da experiência humana, instigando para uma abordagem socioantropológica.

Contudo, segundo Rezende e Coelho (2010), é necessário tensionar e relativizar as compreensões abordadas, pois se contribui assim, na reflexão das emoções como objeto de estudo das ciências sociais. Em concordância, ao apresentar o processo de formação desse campo disciplinar, Koury (2009) atenta para a complementariedade das diversas leituras e análises da relação emoções-sociedade. Nas palavras do autor:

fora os desacordos importantes para o aprofundamento do conhecimento científico, sobre a origem do campo disciplinar, [as leituras] são mais convergentes do que querem se mostrar. Todas atentam para o aspecto salutar da análise social, enquanto uma análise que considera o processo de intersubjetividade nas relações humanas, em diálogo tenso e conflitual com os processos objetivos da configuração social. O que permite formatos vários e alianças diversas aos projetos e as sociabilidades emergentes, e sempre dependentes de novas interações, e de novos movimentos entre os lados objetivos e subjetivos, em jogo em uma sociabilidade qualquer (KOURY, 2009, p. 66).

Atualmente, passou-se a enfatizar os elementos contextuais nos estudos antropológicos referentes às emoções. Segundo Rezende e Coelho (2010), a abordagem contextualista tem uma dupla preocupação:

mostrar como o próprio significado das emoções varia dentro de um mesmo grupo social dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e atentar para as consequências da expressão dos sentimentos nas relações sociais e de poder. Assim, o campo da antropologia das emoções estruturou-se não apenas com uma variedade de estudos etnográficos, mas também com um conjunto de questões teórico-metodológicas que buscavam fornecer instrumentos para a comparação. Das relativizações iniciais passou-se para um esforço maior em mostrar a dimensão micropolítica das emoções, revelando como são mobilizadas em contextos sempre marcados por relações e negociações de poder em vários níveis (REZENDE; COELHO, 2010, p. 15).

Diante dessa dinâmica microrrelacional, a dimensão micropolítica das emoções possibilita aos sujeitos reforçar e dramatizar sentimentos vividos nos níveis microssociais, muitas vezes reprimidos pelas regras impostas (comportamento,

linguagem, etc.). Cabe destacar que Barduni Filho (2012) expõe o elemento fundamental que impulsiona a abordagem contextualista, que está em constante construção (historicismo e relativismo). De acordo com o autor,

é nesta construção que o contextualismo se expressa e ganha força por meio de um elemento foucaultiano que aqui se torna fundamental: a formação do discurso, ou seja, o discurso é o que faz representar o dito, suas emoções só são o que são porque dizem sobre ele, classificam, nomeiam, formatam, esquadrinham remetendo-se a “micropolítica da emoção”. Na possibilidade de pensar em estratégias que perpassem as relações de poder hegemônicas e as concepções de moralidades coletivas, o discurso em seu contexto contemporâneo torna-se relativo e de fácil manuseio (BARDUNI FILHO, 2012, p. 44).

Contudo, sentimentos como os de fidelidade, desprezo, gratidão e nojo (entre outros), permeiam as relações grupais acabando por auxiliar e interferir nas dinâmicas de inclusão/exclusão dos indivíduos e/ou grupos, pois como afirma o autor supracitado, esta perspectiva está interligada às microrrelações das emoções, perpassando até mesmo as relações de poder e moralidades coletivas (BARDUNI FILHO, 2012, p. 43).

A partir dessas considerações, ainda cabe ressaltar as reflexões de Bernardo (2014) em relação à Sociologia das Emoções. Para o autor, o foco desta ciência concentra-se na medida em que há ou não a influência da sociedade no modo em que o indivíduo vê e sente tanto o mundo ao seu redor quanto a ele próprio, identificando dentro dessa dinâmica os fatores histórico-culturais reguladores dos sentimentos, bem como a constituição das emoções e como elas são administradas nas relações intersubjetivas da vida social. Vale colocar também outro propósito pertinente desta sociologia específica, pois segundo o autor, é objetivo da Sociologia das Emoções analisar “se as estruturas sociais existentes e o modo pelo qual as sociedades se organizam influenciam no como sentimos e atribuímos valor, significado e sentimentos das “coisas” em nossa vida” (BERNARDO, 2014, p. 7). Nesse sentido, a partir da ótica de Koury (2009, p. 84):

a percepção da singularidade dos sujeitos, social e historicamente determinados, que embora pertencentes a um mesmo e global processo civilizador e com valores universais da sociabilidade ocidental, mantêm características, princípios e ethos particulares da cultura em que está imerso, parece ser uma das tarefas que a sociologia das emoções se encontra envolvida e se propõe como base analítica. A sociologia das emoções [...] busca pesquisar os

fatores sociais, culturais e psicológicos que encontram expressão em sentimentos e emoções particulares, compreendendo como esses sentimentos e emoções interatuam e se encontram relacionados com o desenvolvimento de repertórios culturais distintos nas diferentes sociedades (KOURY, 2009, p. 84).

Com isso, ressalta-se que as emoções deixam de ser consideradas como fenômeno secundário ao compreender o próprio sujeito e a sua interrelação com o meio em que vive. De acordo com Maheirie (2002, p. 37), “emocionar-se é, de acordo com uma visão não dicotomizada do sujeito, uma possibilidade concreta capaz de proporcionar transformações na história singular e coletiva dos homens”.

Assim sendo, considerando o sujeito imerso em constantes relações e construções, é válida a problematização das emoções enquanto fenômeno individual, social e cultural. Logo, observa-se a relevância em entender os sentimentos e os fenômenos que estão intimamente ligados às emoções dos jovens rurais, encontrando assim a necessidade de “tensionar” as reflexões teóricas com o universo empírico desta investigação. À vista disso, a seguir, na seção 4.2 apresentam-se os dados coletados na pesquisa de campo.

4.2 Emoções e subjetividades da gurizada

Inicialmente, salienta-se que embora já tenham aparecido emoções ao longo das análises e dos dados apresentados nesta dissertação, esta seção, especificamente, está destinada para a exposição das subjetividades que foram questionadas aos jovens da pesquisa de forma direta. Sendo assim, com o intuito de mapear as emoções dos jovens rurais de Derrubadas participantes desta investigação, na entrevista individual, pediu-se para que expusessem as três primeiras emoções que lhes viessem à tona ao pensar determinadas expressões. Pautado nessa estratégia metodológica e ainda, aliado às observações dos outros momentos que a pesquisadora esteve em contato com a gurizada, é que nasce o propósito desta seção: desvelar e por à vista os sentimentos da juventude rural.

A gurizada indicou diversificadas emoções envolvidas, isso se deve ao fato da liberdade que os jovens tiveram para se expressar em relação à temática indicada pela pesquisadora (como: campo e meio rural, trabalho de agricultor, jovens rurais, permanecer e sair do meio rural, entre outras). Não apenas emoções surgiram, mas também outras subjetividades foram vinculadas. Vale destacar, que nesse sentido, os

jovens tiveram certa dificuldade em se expressar com uma única emoção específica, necessitando descrever as sensações, bem como o estado emocional e físico para argumentar o que determinado tema representava e fazia-os sentir.

Dado que a pesquisadora tenha estimulado a indicação de uma emoção positiva em razão deste ser o foco nesta investigação, pondera-se que os jovens estavam conscientes de que poderiam expor qualquer coisa que viesse à sua cabeça (independente de ser boa ou ruim em sua perspectiva). À vista disso, e em geral, os fatores subjetivos positivos sobressaíram-se aos negativos e poderão ser visualizados a seguir no decorrer desta seção. Positivamente, as emoções acerca do campo e do meio rural correlacionam-se fundamentalmente à alegria (5 vezes citada) e prazer (2 vezes citado); além destas, outras subjetividades foram mencionadas, como mostra a Figura 56 (cada emoção, 1 vez citada pelos jovens).

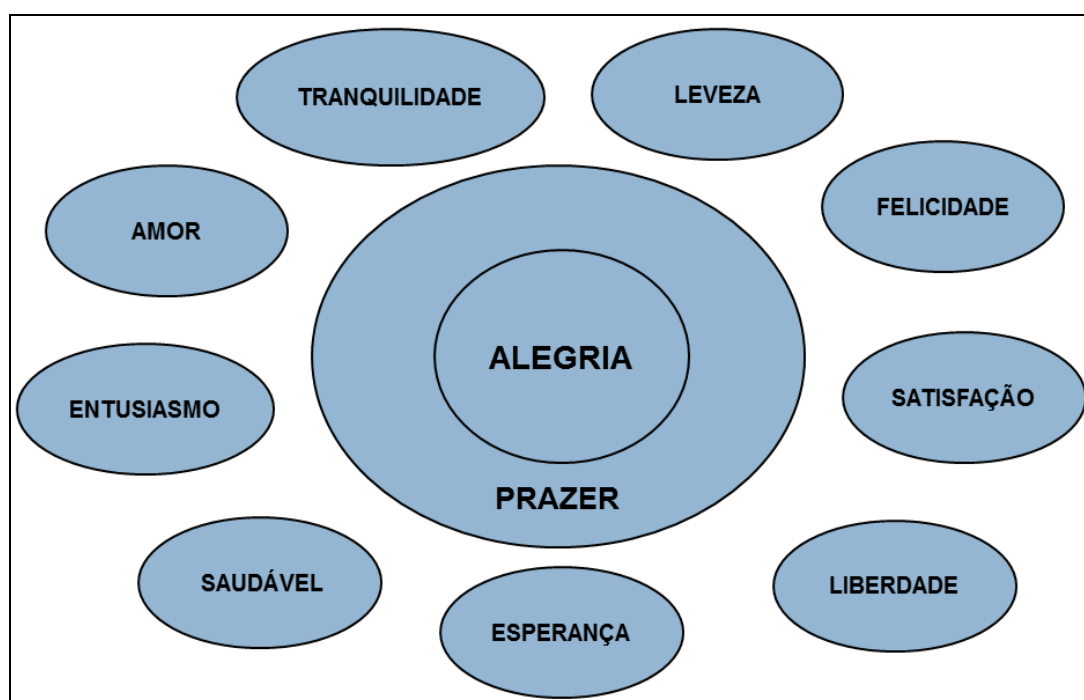


Figura 56 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente ao campo e ao meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Em outro ponto de vista e para confirmar o acima exposto, solicitou-se que os jovens expusessem seus sentimentos quando os mesmos pensassem em permanecer no meio rural (FIGURA 57). Nesse sentido, observou-se novamente uma valorização do meio rural e uma positiva perspectiva sobre ele, pois nenhuma emoção negativa foi indicada nesse momento. Igualmente ao que anteriormente foi exposto na Figura

56, o sentimento de alegria aparece juntamente com o de esperança, citados duas vezes pela gurizada, comprovando as expectativas desenhadas nos mapas dos projetos de vida, bem como o desejo de concretização do planejamento futuro, sendo assim a certeza em permanecer no meio rural (como visto na seção 2.4 e 3.2).

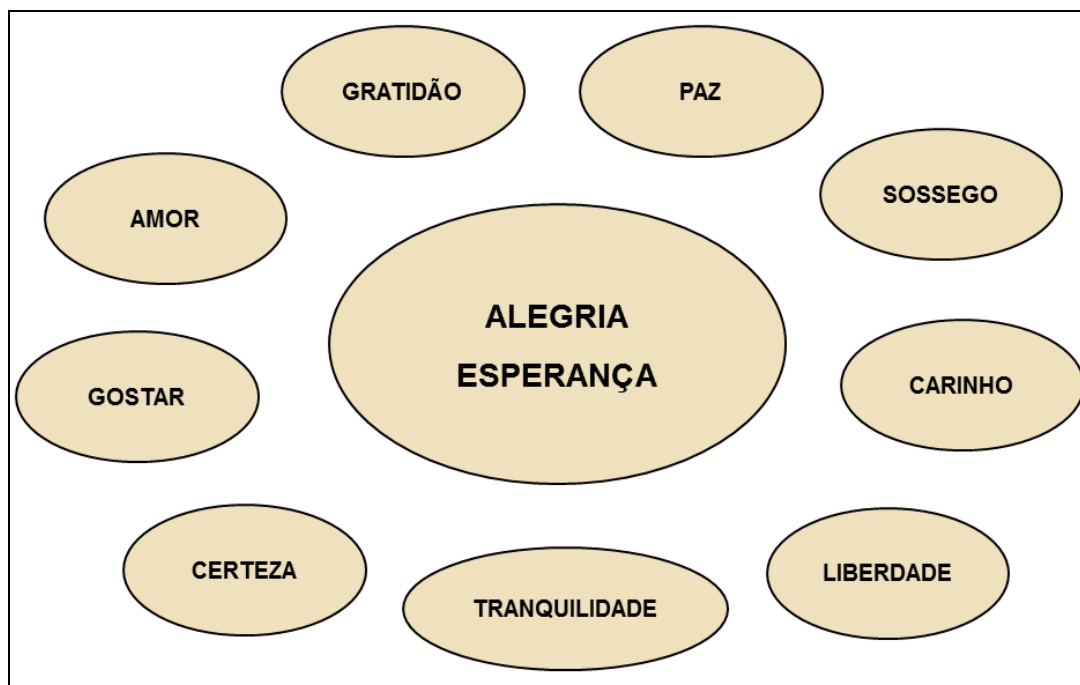


Figura 57 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente a permanecer no meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Com a intenção de contrastar as visões e reafirmar os sentimentos indicados pela gurizada quanto à permanência no meio rural, pediu-se a cada um que mencionasse o que sentia quando pensava em sair desse meio. Validando a relação de pertencimento com o lugar e com a história de vida, as principais emoções apontadas foram: tristeza, saudade e não querer (cada uma citada duas vezes) (FIGURA 58). Nesse sentido, com pesar afirma a Jovem 11, “*é a mesma coisa que abandonar o barco, não é bom*”.

Um fator específico que influencia de forma direta as emoções envolvidas por esse público, está fortemente atrelado ao aspecto cultural da região. Tradicionalmente, como exposto em sessões anteriores desta dissertação, é muito presente o vínculo com a terra, o sentimento de pertença, pois a própria cultura gaúcha tem por hábito e por tradição cultivar os campos, alimentar o amor e apego

aos pagos da querência, o que de forma entrelaçada está presente na criação desse grupo que aqui se pesquisou.

Quanto ao fato de não emitirem emoções positivas em projetarem um futuro longe do rural de origem, isso é algo que não passa em suas mentes, ou quando da necessidade de se pensar, não traz bons sentimentos, pois é algo que vai contra suas projeções de vida futura.

Por mais que tenham surgido dois sentimentos contraditórios ao que foi exposto na Figura 58, estes (vontade e felicidade) são justificados, uma por que “ah... *vontade a gente sempre tem*” (JOVEM 5) – a jovem explica no sentido de que todo mundo tem vontade de fazer coisas diferentes das habituais –, e outra por uma escolha profissional da Jovem 7 que como já visto anteriormente, e indicado por ela, “não tem muita combinação” e “não serve para ser agricultora” (seção 2.4 e capítulo 3).

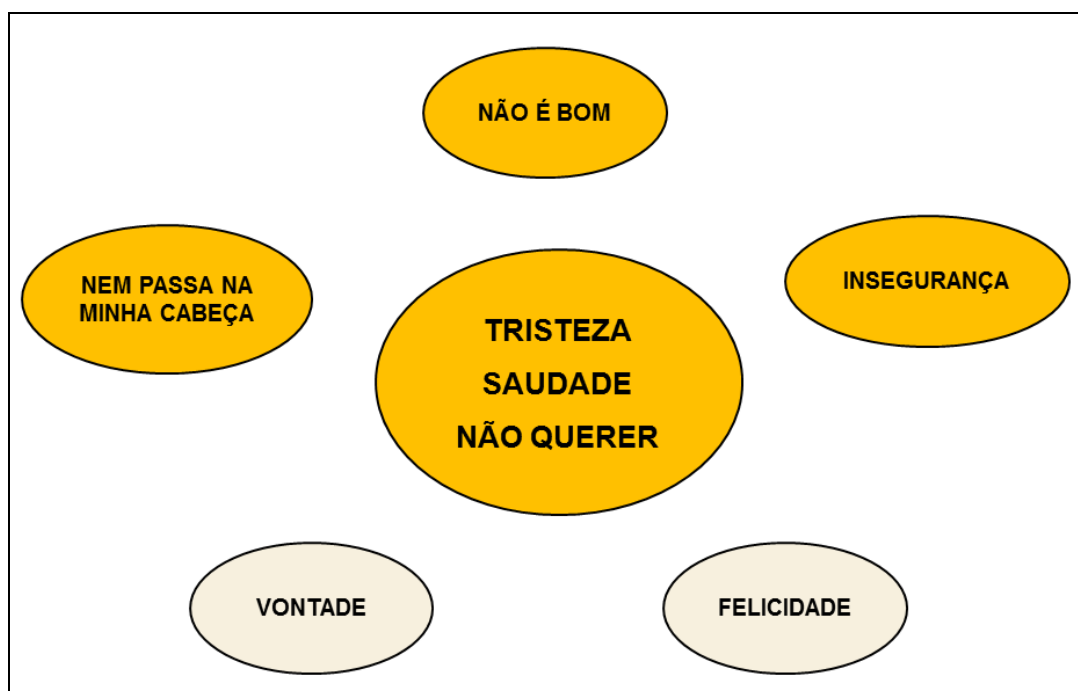


Figura 58 - Emoções e subjetividades dos jovens participantes da pesquisa referente a sair do meio rural, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Igualmente, com o intuito de validação dos sentimentos até aqui apresentados, a pesquisadora estimulou os jovens para que indicassem suas emoções em relação à cidade e ao meio urbano. Quatro jovens apontaram não possuir nenhum sentimento e ainda, não pensar em nada (sem sentimentos positivos ou negativos). Já

dois jovens, indicaram a palavra necessidade, no sentido de depender da cidade para determinadas atividades (como processos bancários e acesso ao comércio), e é por isso, como mencionado pelo Jovem 4, que a cidade “tem ligação com o campo”. Outras subjetividades foram identificadas pela gurizada, mas neste caso remete-se a uma construção negativa do que venha a ser a cidade, assim como o Jovem 2 se expressa dizendo “*Não acho bom, não vejo com bons olhos*” e o Jovem 9 “*Não gosto, não ía me acostumar*”, os outros indicam sentimentos de apreensão, medo, desunião, ainda representações que geram desconforto como falta de diálogo, sem tempo, ambiente fechado, “concreto” (construções) e muito movimento.

Nessa lógica, cabe retomar um dos poucos estudos que se encontrou, onde se apresenta uma relação direta entre as emoções e a juventude rural. Na pesquisa mencionada, Furlani e Bomfim (2010) tiveram por intuito analisar o projeto de vida dos jovens (13 a 19 anos) em um ambiente rural e também em um ambiente urbano, tendo como ponto de partida a afetividade em relação às localidades nas quais os jovens estão inseridos. As autoras apoiaram-se metodologicamente na construção de mapas afetivos a partir da subdivisão de afirmações explicitadas pelos jovens em categorias, semelhantemente ao que se fez se fez nesta dissertação. Por meio da construção desses mapas, as autoras puderam perceber imagens de Pertinência (sentimentos, emoções ou palavras de identificação); Contrastes (sentimentos, emoções e palavras que se contradizem); Agradabilidade (palavras que demonstram sentimentos de vinculação ao lugar onde os jovens moram em relação às qualidades positivas); Insegurança (sentimentos e palavras que envolvem situações inesperadas, instáveis e até negativas).

Mesmo que a pesquisa que aqui se menciona não tenha resultado em uma diferenciação completa entre jovens rurais e urbanos, algumas nuances foram percebidas. Ressalta-se que a categoria Agradabilidade teve maior percentual em relação ao ambiente rural, isto é, “a agradabilidade associada ao ambiente rural se deu devido às qualidades do local, que evocam sentimentos de bem-estar nas pessoas que lá habitam” (FURLANI; BONFIM, 2010, p. 53). Fato este, que se relaciona com o que nesta dissertação se pode constatar. Com relação às emoções correspondentes ao ambiente rural, as autoras destacam na categoria de agradabilidade sentimentos como: alegria, amor, felicidade, harmonia, esperança, tranquilidade, orgulho, sossego, paz, acolhimento, liberdade, paixão, união, generosidade e fé.

Da mesma forma, nesta pesquisa encontram-se sentimentos correspondentes e semelhantes nas figuras 56 e 57. Porém, ao relacionar as escolhas futuras da gurizada, as mesmas diferem dos jovens rurais estudados por Furlani e Bonfim (2010) que indicam em sua maioria não desejar a permanência futura no lugar onde vivem, embora demonstrem com grande clareza o gosto pelo rural e um envolvimento significativo de sentimentos positivos em relação ao ambiente. De acordo com o estudo das autoras, a intensão futura de migração justifica-se pelo fato de não haver maiores oportunidades profissionais locais (caso da Jovem 7, nesta pesquisa). Ainda assim, por mais que a maioria dos jovens estudados por Furlani e Bonfim (2010) indique esta tendência de saída com “ressalvas”, há um considerável percentual (cerca de 40%) de jovens que afirmam como base para seus projetos futuros a permanência no meio rural, percebendo assim o vínculo afetivo que os mesmos possuem com o lugar de origem (nesse sentido o mesmo identifica-se aqui, como já pôde ser visualizado nos capítulos anteriores).

Quanto ao trabalho de agricultor (Figura 59), embora na visão dos jovens seja árduo e necessário (1 vez citado) é em geral bom, prazeroso e gratificante (cada um 2 vezes citado). De acordo com o Jovem 2, “*é difícil ter coisas ruins*” para sentir em relação a isso; assim como este jovem outros se expressaram expondo suas representações e significados atribuídos sobre esse trabalho:

Resultado de muito trabalho (JOVEM 4).

Amor à terra (JOVEM 8).

Faz o que gosta (JOVEM 9).

Não é tão sofrido (JOVEM 11).

Bom, só tem que planejar (JOVEM 12).



Figura 59 - Emoções dos jovens participantes da pesquisa referente ao trabalho de agricultor, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Aqui vale destacar a reação da Jovem 7 ao visualizar, no grupo focal, a Figura 60 exposta pela pesquisadora para retratar “um rural que normalmente é visto sem tecnologia, atrasado e com muito sofrimento”. Surpreendentemente, a jovem com um leve sorriso e suspirando ao falar, recorda de seu avô arando a terra com sua “junta de bois”. Ao relembrar do trabalho diário de seu avô como agricultor a mesma afirma ainda que é “algo para se orgulhar”, pois mostra o “trabalho e a dedicação” da população rural para com a terra. O bem estar que a imagem trouxe à Jovem 7 revela o quanto as percepções e emoções são construídas culturalmente. Assim como anteriormente identificado por Bernardo (2014), “as estruturas sociais existentes e o modo pelo qual as sociedades se organizam influenciam no como sentimos e atribuímos valor, significado e sentimentos das “coisas” em nossa vida” (BERNARDO, 2014, p. 7).

Essas evidências aqui percebidas desmistificam a ideia de um rural com lembranças densas e pejorativas. Os jovens aqui pesquisados, em suas memórias, trazem um sentimento de orgulho e demonstram gratidão ao mencionar a dedicação que o antepassado teve pelo trabalho no rural.



Figura 60 - Imagem exposta aos jovens na dinâmica do grupo focal, pesquisa de campo, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: <http://colmeal-gois-fotos-2.blogspot.com.br/2012/02/bois-lavrar.html>.

Outra temática abordada refere-se aos “jovens rurais” (Figura 61). Em relação aos sentimentos mencionados, a gurizada expressou que é o jovem que “gosta do que faz” (2 vezes citado). Ainda expressões como “*alegria de ser um*” (JOVEM 9) e “*evolução*” (Jovem 11) surgiram. Quanto à primeira, e ao observar as demais emoções (citadas uma vez pelos jovens), reafirma-se o exposto no item 3.1 a respeito da forte identificação dos entrevistados com o meio em que vivem e a forma positiva com que se veem. Já sobre a segunda, a jovem referia-se a uma melhora tanto de vida como do trabalho exercido pelos pais no passado. Outro fator, também está atrelado a sua perspectiva futura e a intenção em trabalhar com produtos agroecológicos, embora encontre resistência dos pais para trabalhar nesse novo campo – observado o mapa do projeto de vida da Jovem 11 (Figura 53).

Apesar dos jovens entrevistados estarem vinculados positivamente à identificação “*jovens rurais*”, novamente aparecem os sentimentos de preocupação e responsabilidade ligados a essa categoria, como visto anteriormente na seção 3.1 ao identificar as características dos jovens rurais. Na Figura 61 estão expressos os sentimentos mencionados pelos jovens; ressaltam-se aqui o amor, vocação, realização, alegria, coragem e perseverança, sentimentos esses que carregam valorização positiva em seus próprios termos.

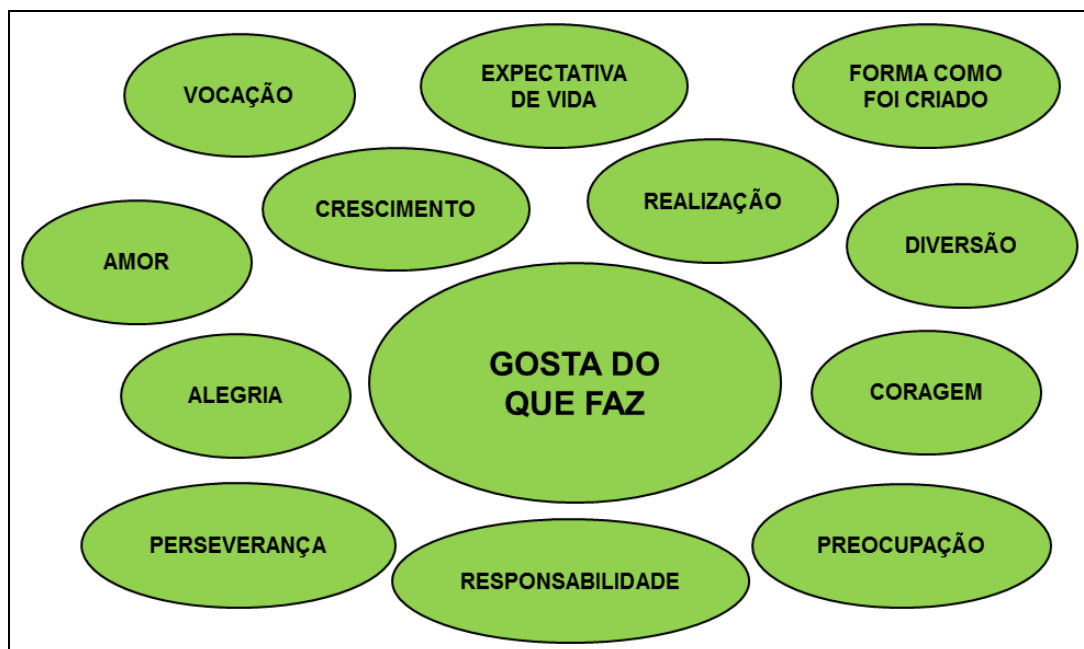


Figura 61 - Emoções dos jovens participantes da pesquisa referente a jovens rurais, Derrubadas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Elaborado pela autora.

Embora dois jovens tenham se referido a um sentimento “bom e de satisfação” com o que é transmitido pelos meios de comunicação aos quais eles assistem, a maioria apresenta uma postura crítica e aponta para a insatisfação pela incoerência dos discursos apresentados tanto pela televisão como pelo rádio com a realidade vivenciada, que ora apresentam um rural desvalorizado ou então que romantizam esse espaço, passando uma imagem “fictícia” do meio rural. As expressões dos jovens podem ser visualizadas abaixo:

Pouca informação. Não mostra a realidade e só falam coisa boa (JOVEM 1).

Os caras acham fácil (JOVEM 2).

Não são sinceros (JOVEM 3).

Não valorizam (JOVEM 4).

Ficção, nem tudo é verdade (JOVEM 5).

Depende do programa, mas não são realistas (JOVEM 6).

Às vezes passam coisas boas, outras bobagens (relacionado ao rural atrasado) (JOVEM 9).

Às vezes condiz (JOVEM 10).

Em outros momentos da pesquisa percebeu-se a influência do culto às tradições gaúchas muito presente nos discursos dos jovens, porém o mesmo não acontece em relação à influência midiática, considerando as falas dos jovens acima expostas. Dessa forma, os jovens da pesquisa não legitimam o que é apresentado de modo geral pelos programas assistidos na televisão e/ou ouvidos no rádio, pois consideram algo fictício e não representativo da realidade. Sendo assim, não é algo que influencia, direta e fortemente, as percepções e os sentimentos quanto ao campo ou então ao ser jovem rural. Cabe então, à cultura gaúcha o maior papel de influência na construção das representações positivas dos jovens rurais derrubadenses sobre o meio rural, o que, conseqüentemente, produz sentimentos de valorização e pertencimento na gurizada, estimulando para que a escolha futura esteja atrelada à permanência no campo, lá onde seu ideal de vida se encontra. No entanto, é claro, sempre existam motivos que levem os jovens ao sentimento de tristeza e, por vezes, à vontade de trilhar novos caminhos longe do habitual (fator intrínseco a qualquer indivíduo e em qualquer contexto).

Logo, observa-se que os diversos repertórios culturais, de representações e valores a respeito do meio rural, transpassados por meio da família, da escola, da religião, das diversas instituições como a cultura, ritualizada nas festas, músicas e poesias, e ainda, da mídia para o jovem, encontram expressão a partir de sentimentos e emoções particulares que conseqüentemente serão partilhados nas interações sociais. Diante desse contexto, retoma-se o exposto por Koury (2009, p. 84) ao considerar emoção um objeto analítico das ciências sociais, uma vez que cabe defini-la “como uma teia de sentimentos” em constante interação com os outros que permeiam um cenário particular e ainda, uma situação tanto social quanto cultural, determinada. Para ele, parte-se “do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade” (KOURY, 2009, p. 84). Assim sendo, como visualizado teoricamente e de forma empírica, o sujeito imerso em suas constantes relações, em suas (re)construções e projeções é “afetado” por suas emoções, e estas se tornam não só um fenômeno individual, mas também social e cultural.

REFLEXÕES QUE NÃO SÃO FINAIS...

*“Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer”
(Fernando Pessoa).*

Nada se conclui e nenhum texto em si tem um fim. Tudo aqui escrito há de continuar, porque senão qual o sentido do texto existir? Só se atribui sentido a ele, quando cada palavra for degustada por um leitor faminto de conhecimento. Depois de escrito, o texto não é mais de quem o escreve, mas sim de quem o lê! Pelos significados e sentidos que ele desperta ao ser saboreado. Por isso caro leitor, não se deixe abalar pelas reflexões que aqui encontrar, elas só lhe tiram do lugar e em algum momento pode (re)construir o chão que pisa. Nada mais justo, não?! Não se prenda a um ponto fixo, pois não é ali que ele está, está sim longe para que se possa nestas linhas mergulhar.

Ao dar início a esta investigação, não se imaginava que os caminhos aqui percorridos pudessem oportunizar o forte envolvimento de cunho pessoal e muito mais as transformações ocorridas no andar e desenrolar da pesquisa. Inspirada nas discussões oportunizadas pelo Observatório da Juventude Rural – UFV, a pesquisadora mergulhou no mundo dos jovens (rurais) e descobriu uma lacuna que a instigou na temática aqui apresentada. Foi então que adentrou o universo subjetivo das “emoções”, que por sua vez juntamente com as inquietações dos pesquisadores já conhecidos da juventude rural, questionou-se: i) Quais aspectos do rural são valorizados pelos jovens? ii) Que representações positivas os jovens rurais elaboram sobre o meio em que vivem? iii) Quais instituições influenciam essas representações? iv) Quais são os aspectos subjetivos envolvidos nos projetos de vida dos jovens rurais? E de que forma esses aspectos influenciam na decisão de permanecer no campo?

Esse é o momento em que se procura refletir acerca dessas questões que nortearam toda a investigação; para tanto far-se-á o exercício de realizar o feito de tornar possível isso, de forma condensada. Afinal, o campo das emoções nem de longe é algo que se possa reduzir a poucas palavras.

Como ponto de partida evidencia-se os incansáveis discursos, até mesmo antagônicos, sobre valorização, desvalorização e revalorização do mundo rural

difundidos na sociedade brasileira. Diante desse recorrente bombardeio de informações e visões, esta investigação partiu de uma escolha, priorizar o eixo de valorização positiva sobre o rural, não desconsiderando os aspectos negativos que ele tradicionalmente carrega no universo simbólico dos sujeitos. Além disso, o foco que aqui se mirou não é composto pelo todo populacional desse meio, mas sim por uma categoria específica, a juvenil, buscando identificar e visualizar a dinâmica das representações desses indivíduos. Não obstante, fundamenta-se aqui o olhar para a subjetividade do jovem, entendendo as diversas relações vivenciadas – consigo, com a família, com o meio e com o mundo. Dessa forma, procurou-se compreender os aspectos subjetivos envolvidos na elaboração dos projetos futuros da juventude rural, considerando que a subjetividade está fundamentalmente correlacionada aos fatores emocionais (emoções e sentimentos) e às escalas valorativas que orientam a leitura juvenil sobre o mundo.

Para que tais questões pudessem ser iluminadas em um campo ainda não explorado e também que aqui fosse possível expor mais que pressupostos teóricos, desenhou-se o objetivo que dá o pontapé inicial deste conjunto de textos, sendo ele: compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS. De forma mais específica, buscou-se investigar diferentes aspectos subjetivos entre os gêneros em relação ao meio rural, analisar de que forma os vínculos emocionais ligados ao campo, à família e ao modo de vida interferem na decisão dos jovens em permanecer no meio rural e, ainda, investigar como as diferentes instituições ligadas aos jovens criam, reelaboram e divulgam representações positivas e negativas sobre o rural.

Necessário foi traçar um caminho a ser percorrido, e para tanto, a pesquisa bibliográfica baseou-se nas teorias da Sociologia da Juventude, das Representações Sociais e da Sociologia e Antropologia das Emoções, além de trazer o ‘mundo rural’ como um grande eixo de análise. Já na pesquisa de campo, buscou-se a combinação de estratégias metodológicas para a coleta de dados envolvendo assim três intervenções principais com jovens voluntários: entrevista individual, construção individual de mapa do projeto de vida e grupo focal. A associação de tais recursos metodológicos foi fundamental, pois oportunizou maior descontração e confiança para que os jovens emitissem suas respostas, além de favorecer a confirmação dos dados na percepção dos silêncios e ruídos, nas expressões faciais de cada jovem nos

intervalos entre a pergunta e a resposta, principalmente, quando provocados a desenhar suas projeções futuras. Isso propiciou a percepção da subjetividade de forma mais “acertada”.

Destaca-se que as intervenções se deram com os mesmos jovens, formando assim um “grupo principal de análise”, sendo este composto por doze jovens rurais residentes no município de Derrubadas, localizado no estado do Rio Grande do Sul. Rever o contexto histórico-cultural onde se encontra o lócus da pesquisa foi essencial para compreender esse distinto lugar, que carrega o peso dos seus antepassados e se orgulha dos valores e tradições do seu “povo” (re)significando anualmente a chama que mantém aceso o ideal de vida, passado de geração em geração. Mas, não é só na Semana Farroupilha, com a representação da Chama Crioula e os típicos eventos, que a população sul-rio-grandense ritualiza as suas heranças históricas, é também, diariamente, no ‘andar, vestir e falar da gurizada’, e ainda, no frequente contato com a literatura, poesias e músicas tradicionalistas que os jovens gostam de ouvir, cantar e declamar.

A ruralidade pré-concebida positivamente pelo “povo” gaúcho e reproduzida nos discursos pode ser comparada ao olhar de uma mãe que vê seu filho nascer, há amor, há apreço no coração. Como na musicalidade, é afirmada por Elton Saldanha: “Nascido entre a poesia e o arado, a gente lida com gado e cuida da plantação, a minha gente que veio da guerra, cuida dessa terra, como quem cuida do coração”. Assim, observa-se que de acordo com os princípios que regem tal “nação” cultua-se a terra e o melhor que ela pode dar, o trabalho é digno e o orgulho de ser quem se é, é essencial para a reafirmação dos valores culturais.

Esta reprodução recorrente das heranças históricas e culturais é transposta diariamente no modo de vida de cada indivíduo, em especial, aqui se referindo à juventude, percebe-se tal influência nas suas identificações pessoais, coletivas e projeções futuras. A gurizada não tem vergonha em identificar-se como jovem rural (estereótipo muitas vezes relacionado a alguém “ignorante”, “atrasado” e que vive no “trabalho sujo”), pelo contrário, são firmes ao afirmar tal identificação. E quando não, são claros e sinceros para afirmar que desejam outras escolhas profissionais (que não na agropecuária), mas isso não impede ou exclui o fator de conviver no e com o campo.

Isso se deve à forte ligação subjetiva com a terra, com a paisagem, com a cultura, as relações de confiança e interconhecimento e com as próprias relações de

trabalho, postas à vista pelos jovens da pesquisa. A positiva relação da gurizada com o meio rural e com o lugar onde vive, não apareceu somente nas respostas emitidas, mas também na expressão, no modo de falar, nos suspiros, no olhar, nos silêncios e nos ruídos dos jovens, demonstrando o quanto gostam do seu modo de vida e pertencem ao seu lugar.

O **gostar** do meio rural está permeado por diversos aspectos subjetivos e envolve a experiência particular de vida de cada guri e guria. Simplificadamente, as representações positivas dos jovens rurais de Derrubadas estão ligadas à saúde e saudável, liberdade e tranquilidade, natureza e ar puro e ainda, ao lugar onde se descarregam as energias ruins. Assim, há uma valorização, bem como sentimentos positivos, por parte dos jovens em relação ao meio rural e ao lugar onde vivenciam isso, independente da condição financeira e da quantidade de terras que os jovens dispõem para o seu trabalho diário. Ainda, observa-se que paisagem e trabalho definem o ser gaúcho como culturalmente diferenciado (ênfase juvenil nos aspectos ligados ao tempo mais lento, ao ritmo das colheitas, ou algo como um tempo diferente do da cidade, aos espaços abertos e à ausência da vigilância ou invasão muito próxima dos vizinhos).

Do mesmo modo, nos projetos futuros da gurizada, foram evidenciados fatores subjetivos tanto nas projeções em longo prazo quanto no momento atual da pesquisa, indicando também emoções positivas envolvidas nessa fase de vida. Fazer o exercício de simplificar os sonhos da gurizada desenhados no papel, aqui, nestas reflexões, chega a ser um processo doloroso, uma vez que não há como simplificar histórias de vida e a abundância de aspectos encontrados que envolvem as trajetórias descritas e projetadas. Mas, inevitável foi o esforço e seguem algumas considerações, julgadas de acordo com a lente da pesquisadora, pertinentes para serem retomadas aqui.

Todos os jovens, em seu ponto de partida, se veem de alguma forma vinculados ao meio rural e há nisso satisfação; igualmente, em seu ponto de chegada, todos almejam a melhora de vida pessoal e profissional, nesse sentido tal desejo não exclui as relações com o rural ou então a permanência no campo. Pelo fato de as representações estarem ligadas a certa responsabilidade não transferida para a juventude apenas, exige-se no meio rural, em especial ao olhar para a gurizada derrubadense, uma “adulterez” precoce desse segmento para que se assumam os negócios familiares ou ainda, desempenhem funções específicas dentro da família,

algo que por sua vez é típico quando o assunto é a sucessão rural, como apontam os estudos deste tema. Nesse sentido, percebe-se a forte influência dos princípios familiares e uma visão positiva dos valores passados de geração em geração, embora isso não minimize os conflitos geracionais presentes nas unidades de produção familiar (reineras).

Uma característica interessante em relação ao lugar aonde os jovens residem diz respeito ao fato de não estar próximo geograficamente dos grandes centros urbanos. Tal aspecto, a julgar previamente, poderia interferir na qualificação profissional dos jovens rurais e estimulá-los a migrar. Esse não é o caso da gurizada entrevistada que possui alto grau de escolaridade. Embora, sim, alguns tenham saído para “estudar fora” e depois tenham optado por voltar, os jovens têm acesso ao ensino superior mesmo permanecendo no meio rural e residindo com a família.

O fato influencia também no constante ir e vir juvenil, seja do meio rural para a sede do município, para outros municípios ou ainda, para cidades maiores da região ou do estado, o que oportuniza conhecer e receber outros signos e significados presentes nos diferentes contextos (re)construindo e (re)significando assim o seu universo simbólico. Por esse prisma, pode-se inferir que os jovens assumem uma postura crítica e relativa das representações que lhes são transmitidas, cabendo a cada um escolher de acordo com as suas convicções. Diferentemente do que “se espera academicamente”, a partir do que foi visto pelas pesquisas já desenvolvidas, a mobilidade tanto espacial quanto simbólica dos jovens ocasiona a reafirmação dos seus valores e escolhas, indicando que se o jovem tivesse que optar novamente por ficar ou não no campo, ele ficaria (alicerçado na resposta do Jovem 4).

Outro fator relevante e que ainda está sendo ignorado pelo meio científico, mas que foi apontado como um problema nas trajetórias desenhadas pela gurizada, refere-se à pressão dos fatores climáticos no meio rural. Esse aspecto não é visto com bons olhos, pois estar à mercê do tempo traz preocupação juvenil, afinal o retorno salarial do trabalho depende de um fator não controlável (o clima). Cabe ao jovem aprender a administrar não só os recursos disponíveis materiais e concretos (como os envolvidos na produção agropecuária), mas também lidar com os aspectos imateriais e incontroláveis (condições climáticas) e, além disso, seus aspectos pessoais subjetivos (o que sente e como sente, em relação ao retorno e resultado obtido do trabalho).

Isto posto, dedica-se agora algumas linhas desta reflexão, em especial, para retomar as emoções e subjetividades desveladas pela juventude rural. Assim sendo, destaca-se que a gurizada indicou uma diversidade de emoções envolvidas e tal variedade de respostas se deve ao fato de os jovens terem tido total liberdade para acrescentarem as expressões que para si, melhor representavam seu sentimento. Tanto que surgiram outras subjetividades vinculadas, uma vez que os jovens também tiveram certa dificuldade em se expressar por meio de uma emoção específica, necessitando argumentar o quê determinado tema representava e fazia-os sentir (descrevendo as sensações, bem como seu estado emocional e físico), para então traduzir isso em uma palavra (um sentimento único).

Em conformidade com o que já se apresentava no decorrer das análises desta dissertação, além de uma valorização positiva sobre o meio rural, os jovens destacaram, igualmente, sentimentos positivos relacionados ao modo de vida e trabalho desse meio. As principais emoções vinculadas ao campo pela gurizada foram: alegria e prazer. E tais sentimentos foram reafirmados quando contrastados, por exemplo, quando o jovem pensou se ele permaneceria ou não no meio rural (nesse caso aparecem principalmente as emoções opostas de alegria e tristeza respectivamente).

Bem se sabe que as emoções e sentimentos humanos são sempre permeados do vivenciado e do que se experienciou. Não seria diferente com os jovens rurais de Derrubadas, que projetaram seus sonhos e desejos embebidos de tudo aquilo que encontraram por onde já andaram e percorreram, em termos de distância e, em especial, ao sentido em suas relações. O rural para esses jovens é e está onde suas almas tem morada, não se imaginam longe de um lugar tão caro ao coração. Sentem-se parte do lugar e acima de tudo carregam um respeito e apreço com o município onde quase todos nasceram e “se criaram”. Ao que tudo indica e pelo que os jovens afirmam Derrubadas é um município composto por uma gurizada que escolheu lá permanecer, algo longe de ser uma fatalidade das circunstâncias.

Assim, pela observância do contexto histórico e cultural e da sua forte influência nas representações positivas que os jovens possuem em relação ao meio rural, é fundamental expor os limites desta investigação, uma vez que se apoiou aqui em um estudo de caso, necessitando dessa forma, muito cuidado ao inferir determinadas generalizações, que podem ser apenas teóricas e não empíricas. Nessa perspectiva, abre-se o horizonte de pesquisa sobre a juventude rural brasileira, em

especial quando se observa a subjetividade dos jovens, pois aqui se direciona o olhar para assuntos ainda não discutidos. Entende-se que diversos aspectos estão atrelados a esta subjetividade e estes exigem um aprofundamento teórico e analítico ainda negligenciado, principalmente ao se refletir sobre as especificidades simbólicas do contexto em que o segmento juvenil está inserido, pois é neste que o jovem vivencia as relações cotidianas e compartilha seus valores e sentimentos.

Ainda sobre as limitações, é importante mencionar que tratar da subjetividade e dos sentimentos não é uma tarefa simples, pois as pessoas nem sempre se sentem à vontade para falar e se expor, principalmente quando se refere à população rural. Nesse sentido foi essencial considerar tais limites ao pensar e escolher o lócus desta pesquisa, sendo que este fator não se apresentou como um empecilho, nem mesmo uma dificuldade que comprometesse a investigação, em detrimento da proximidade da pesquisadora com os sujeitos e o lugar onde se desenvolveu a pesquisa. No entanto, cabe salientar que isto, para os jovens, não indicou o distanciamento que se propõe cientificamente para a pesquisadora, ao contrário, os informantes enxergavam-na apenas como uma jovem rural natural de Derrubadas, o que significou identificação com a categoria de “nativa”, permitindo dessa forma, o acesso a determinadas explicações, situações e respostas talvez não declaradas quando em contato com um pesquisador “de fora” e distante da realidade vivenciada e experienciada pelos sujeitos da pesquisa, provocando naturalmente tal distanciamento.

Por fim, mas longe de ser o fim, como observado nesta dissertação, há ainda uma fraca expressividade das temáticas aqui relacionadas. A incipiência dessa discussão na academia sugere uma gama variada de interfaces abertas a pesquisas futuras. À vista disso, torna-se relevante recomendar também uma ampliação desta investigação considerando outras populações, juventudes e contextos que possuam processos históricos-políticos-culturais distintos, pois assim será possível observar as diferentes influências nas escalas valorativas, bem como nas subjetividades e emoções dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo, et al. . Juventude e agricultura familiar. Brasília: Edições da UNESCO, 1998. 101p .

ANJOS, Flávio Sacco dos; CALDAS, Nádia Velleda. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 661-694, jun. 2005

ANJOS, Flávio Sacco dos; CALDAS, Nádia Velleda. De la medida de lo rural a lo rural bajo medida: un estudio sobre representaciones sociales. **Cuadernos del Cendes**, año 31, n. 86, may.-ago. 2014.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil do município de Derrubadas/RS**. Disponível em:

<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/derrubadas_rs>. Acesso em: 11 de março 2015.

BACZKO, B.. **Imaginação Social**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. (Enciclopédia Einaudi).

BARDUNI FILHO, Jairo. Namoro, disciplina e liberdade: problematizando afetividade e sexualidades em uma escola família agrícola. 2012. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2012.

BATTESTIN, S.; COSTA, W. T. Casamento e trabalho dos jovens no meio rural. **Revista Oikos**. Viçosa, v.18, nº 2, número especial, 2007.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 17-36

BERNARDO, Aristides Ariel. Sociologia das emoções - relevância teórico-acadêmica e perspectivas de análise. II Semana de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: http://www.semecip.ufscar.br/?page_id=162. Acesso em: 11 mai. 2015.

BOESSIO, Amábile Tolio. **Jovens rurais e processos de sucessão em cooperativas agropecuárias**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, MG, 2015.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. O camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

BRUMER, Anita. BRUMER, A.. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 2006, Quito (Ecuador). **Anales del VII Congreso Latinoamericano de Sociologia Rural**, 2006.

_____. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

_____. As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI. In: RENCK, Arlene; DORIGON, Clovis (orgs.). **Juventude Rural, cultura e mudança social**. 1ed. Chapecó (Santa Catarina): Unochapecó, 2014, v. , p. 115-138.

BUAINAIN, Antônio; ROMEIRO, Ademar R.; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 312-347, jul./dez. 2003

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena Santana. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Edusp, 1995.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, out./dez 2006.

CARMO, Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 252-280, jan./jun. 2009.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2005.

_____. Juventude rural no Brasil: Processos de exclusão e a construção de um ator político. **Rev. Latinoam.Cienc.Soc.Niñezjuv**. n. 7,v. 1, p. 179-208, 2009.

_____. Juventude Rural "Mais Que Uma Palavra"- uma problematização da construção de categorias sociais. In: MOREIRA, J. R. ; BRUNO, R. (Org.). **Interpretações, Estudos Rurais e Política**. Rio De Janeiro: EDUR MAUAD, 2010.

CASTRO, Elisa Guaraná de et al.. **Os jovens estão indo embora? : Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro, Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/jovensestaoindoembora.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

CHARTIER, R.. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v.5, n. 11, 1991.

COSTA, Cassiane da et al. Masculinização rural: uma abordagem a partir da regionalização por sistemas agrários no Rio Grande do Sul. **Revista Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 465-483, jul./dez. 2013.

CUNHA, Noel Gomes da; SILVEIRA, Ruy José Costa da; SEVERO, Carlos Roberto Soares. Estudo de Solos do Município de Derrubadas – RS. **Circular técnica**, n. 51, Pelotas, Rio Grande do Sul, julho 2006.

DE CERTEAU, M.. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DeepAsK. Mesorregião Noroeste Rio-Grandense/RS. Disponível em: <<http://www.deepask.com>> Acesso em: 11 de março 2015.

DeepAsK. Município de Derrubadas/RS. Disponível em: <<http://www.deepask.com>> Acesso em: 11 de março 2015.

DeepAsK. Regiões Brasileiras. Disponível em: <<http://www.deepask.com>> Acesso em: 11 de março 2015.

DEGGERONE, Zenicleia Angelita. **A permanência dos jovens nas unidades de produção familiares na Região Alto Uruguai, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – UNIVATES, 2014.

DELGADO, Guilherme da Costa. Políticas Explícitas de fomento Agrícola. In: **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil**. Unicamp: Icone, 1985.

DERRUBADAS, Prefeitura Municipal. Disponível em:< <http://www.derrubadas-rs.com.br/>>. Acesso em: 11 de março 2015.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1ª ed., 1986.

DOULA, S. M. ; BOESSIO, A. T. ; PAULA, D. B. ; SOUZA, S. B. CARMO, P. M.. Jovens que ficam - projetos e concretização da vida profissional da juventude rural da Zona da Mata Mineira. In: V SITRE, 2014, Belo Horizonte. **Anais do V Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. v. 1. p. 1-18.

FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 31-59.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo, Iglu, FAPESP, 2007.

FERRÃO, João. Relações entre mundo rural e mundo urbano: Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 33, p. 45-54, 2000.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa; MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Representações sociais de jovens sobre família. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25, p. 40-57, jan.-jun. 2012.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXVII, n. 2, v. 53, p. 263-281, mai./ago. 2004.

FROEHLICH, J. M.. A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. In: VI Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (ALASRU), GT: Diversidad Cultural Rural, 2003.

FUJISAWA, D. S. **Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança**: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

FUJISAWA, D. S. **Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança**: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**; v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 64-89

GEDIEL, Ana Luisa Borba; FROEHLICH, José Marcos. Multifuncionalidade: o rural como espaço terapêutico. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes. O Folclore na mídia de massa: Globo rural e aspectos folclóricos do homem do campo. **E-compós**, p. 1-18, ago. 2005

GRAZIANO, J. S.. **A nova dinâmica da Agricultura Brasileira**. Campinas: Instituto de Economia/Unicamp, 1996. 217 p.

GRAZIANO DA SILVA, José. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 15, n.43, p. 37-50, 2001.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 324 p.

HAYASHI, Maria Cristina; HAYASHI, Carlos Roberto; MARTINEZ, Claudia Maria. Estudos sobre Jovens e Juventude: Diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. **Educação, Sociedade & Culturas**. Portugal: CIIE, nº 27, p. 131-154, 2008.

HERNANDEZ, Claudio Reus Silveira. O mito do herói gaúcho e a realidade da formação agrária do Rio Grande do Sul na poesia de Jayme Caetano Braun. Brasília, 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura) – UNB.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estados** – Rio Grande do Sul; Santa Catarina; Paraná. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 02 de março 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades** – Derrubadas/RS. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430632&search=ri-o-grande-do-sul|derrubadas> >. Acesso em: 11 de março 2015.

JODELET, D. As representações sociais. In: JODELET, D (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-41

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representação Social. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 117-145.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise como objeto de investigação na sociologia**. Curitiba: Editora CRV, 2009.

_____. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, p. 841-866, set./dez. 2014.

KUMMER, Rodrigo. **Juventude rural, entre ficar e partir**: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma Sola/SC. Toledo/PR, 2013. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais) – UNIOESTE.

KLIKSBERG, Bernardo. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. In: THOMPSON, Andrés A (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. [revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 21-58

KRAUSKOPF, Dina. Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. THOMPSON, Andrés A (org.). **Associando-se à**

juventude para construir o futuro. [revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 149-196

LIRA, Juliana Couto Fazio de Albuquerque. Reconfiguração identitária de jovens rurais como estratégia de inclusão social: a experiência dos agentes de desenvolvimento da comunicação na microrregião da Bacia de Goitá – PE. Pernambuco, 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – UFRP.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan.- jun. 2002.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. **Sociologia da Juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de Hoje.** Zahar Editores, 1968

MANTELLI, Jussara; CANABARRO, Ivo dos Santos. A organização cultural do espaço agrário no Noroeste do Rio Grande Do Sul. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2009, pp. 1-17. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Mantelli_J.pdf>. Acesso em: 16 de abril 2016.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** 2ª Ed. Editora Contexto, 2008.

_____. A crise do imaginário rural brasileiro: da roça à tapera. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 3, n. 1, p. 7-23, 2014.

_____. O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele empobrece a compreensão do que é o Brasil. Entrevista. **Jornal da UFV**, Viçosa, p.7, nº 1.453, jun./jul. 2013.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Dilemas na conceituação do campo e do rural no Brasil. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Glaucio José (Orgs.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas.** 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011. 412p.

MENDONÇA, K. F. C. ; RIBEIRO, A. E. M. ; GALIZONI, F. M. ; AUGUSTO, H. A. . Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos de População, REBEP**, v. 30, p. 445-463-463, 2013.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 3, n. 1 mai. 2009.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.09-29.

MINAYO, M. C. de. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 89-111.

MOSCOVICI, S. Representações Sociais – investigações em Psicologia Social. 5 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2007.

NUNES, C. C.; PINTO, V. P. S. . Campo, cidade, rural e urbano: categorias e representações. In: IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária V Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2009, Niterói. Anais (Simpósio Nacional de Geografia Agrária ... Simpósio Internacional de Geografia Agrária. CD-Rom), 2009.

PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 53-70, 2005.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural: Suas construções identitárias**. 1. ed. Recife, Editora Universitária: UFPE, 2011. 324p.

_____. Entre a vergonha e o orgulho: o dilema dos jovens rurais em relação a profissão de agricultor. Reunião Equatorial de Antropologia, Fortaleza. IV REA ABANNE, 2013.

PESAVENTO, S. J. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Derrubadas. 2006. Disponível em < http://www.derrubadas-rs.com.br/legislacao/plano_educacao/PLANO%20MUN.%20EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf >: Acesso em: 20 de fevereiro 2016.

QUEIROZ, Nilza Maria Cury. A metodologia de pesquisa com procedimentos de tipo associativo e clássico junto a sujeitos de alta qualificação: uma experiência com professores universitários. GT Educação e Representações Sociais, 2009. Disponível em: <http://www.ufpi.br/ppged/index/pagina/id/2068>. Acesso em: 29 de abril de 2015.

REDIN, Ezequiel. Jovem rural em questão. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 25, n. 01, jan./jun. 2012, p. 123-139

_____. O futuro incerto do jovem rural. **Intesa** (Pombal - PB - Brasil) v. 8, n. 1, p. 37 - 43, Jan. /Dez., 2014.

REDIN, E; COSTA, E. V. . O rural na mídia impressa da Região Centro Serra, Rio Grande do Sul. *Temática* (João Pessoa. Online), v. 8, p. 1-15, 2013.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 136 p.

RIGO, Dhonathã Santo; NEUMANN, Pedro Selvino; SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso da. A construção do conhecimento socioambiental na gestão do espaço

rural: o caso de Derrubadas – RS. **Redes** (St. Cruz Sul, Online), v. 20, n. 2, p. 283 - 307, maio/ago. 2015.

ROSA, Paulo Afonso; BREUNIG, Fábio Marcelo; BALBINOT, Rafaelo; GALVÃO, Lênio Soares. Dinâmica da Floresta do Parque Estadual do Turvo com Índices de Vegetação. **Floresta e Ambiente**, v. 20, n. 4, p. 487-499, out./dez 2013.

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A.M. (orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2 ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 187-204

ROSSI, Adriana May; BERTONCELLO, Andressa. “**Minhas perspectivas... O que eu quero... É permanecer no campo e a minha família também quer isso**”: refletindo sobre as subjetividades de jovens envolvidos em movimentos sociais do campo. UNOCHAPECO, 2007. 54 p.

ROTA DO YUCUMÃ. Disponível em:
<http://www.turismoyucuma.com.br/a_regiao.php>. Acesso em: 11 de março 2015.

RÖTTGER-RÖSSLER, Birgitt. “Emoção e Cultura: Algumas questões básicas”. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.7, n.20, pp.177 a 220. Agosto de 2008. (Tradução de Márcio da Cunha Vilar).

SAMPIERI, Roberto Hernández (Org.). **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron. Entrelaçamento de vozes em Vidas Secas de Graciliano Ramos. Espírito Santo, 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - UFES.

SECRETARIA DO TURISMO. Rio Grande do Sul. Rota do Yucumã. Disponível em:
<<http://www2.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=2&mireg=24&fg=2>>. Acesso em: 11 de março 2015.

SILVA, José de Souza. A inovação da inovação na pesquisa agropecuária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 635-649, mai./ago. 2011.

SILVA, Manuel Carlos. **Sócio-Antropologia Rural e Urbana**. Fragmentos da Sociedade Portuguesa (1960-2010). Edições Afrontamento, Porto, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Nos bastidores da pesquisa de campo”. *Cadernos de campo*, São Paulo, ano 8, n. 7, 1997-8, p. 239-42.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras, São Paulo, Edusp, 2000, 194 pp.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de**

vida sustentabilidade social e ambiental. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007.

SILVA JÚNIOR, Severino Domingos da; COSTA, Francisco José. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, São Paulo, v. 15, p. 1-16, out. 2014.

SOUSA; Ivan Vale de. Monteiro Lobato e o folclore: uma análise de o Sítio do PicaPau Amarelo como comunidade de valorização e vivência das manifestações tradicionais culturais e folclóricas. **Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore** - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 117-145.

SPÓSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude e escolarização (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. Disponível em: <
http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude_escolarizacao_n7_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:** educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. Disponível em: <
http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.1, n. 12, jan./abr., 2004.

_____. O mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. **A dimensão da diversidade social na abordagem das crianças e jovens rurais.** Sociologia da Infância e da Juventude, 2013. Disponível em:
http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_Stropasolas.pdf. Acesso em: 12.11.2014.

TÉCNICAS de estudo: Um guia para aprimorar sua produtividade Escolar. Unisal Campinas, 2013. Disponível em: <
<http://unisal.br/blog/administracao-campinas/wp-content/uploads/sites/48/2013/06/T%C3%A9cnicas-de-Estudo-oficial.pdf>>. Acesso em: 01 de setembro de 2015.

VASCONCELLOS, K. de M.. A representação social da família: desvendando conteúdos e explorando processos. Brasília, 2013. (376 p.). Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Trabalho) – UnB.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

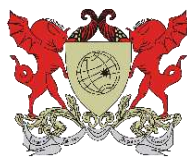
WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: Carneiro, Maria J.; Castro, Elisa G. (orgs.) **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Maud X, 2007.

_____. **O Mundo Rural como um Espaço de Vida** – reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: Mapa de estudos recentes**. MDA/NEAD, Brasília, 2005.

_____. A situação juvenil na agricultura familiar. Porto Alegre, 2009. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – UFRGS.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para os jovens



Universidade Federal de Viçosa
 Centro de Ciências Agrárias
 Departamento de Economia Rural
 Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural

JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS

ENTREVISTA N°: _____ DATA: _____

COORDENADAS GEOGRÁFICAS: _____

PERFIL GERAL DOS JOVENS RURAIS:

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____ anos.

Você estuda? () SIM () NÃO

Escolaridade: _____

Qual a sua religião? _____

Estado Civil:

() Solteiro ➡ Se é solteiro, você namora? () SIM () NÃO

() Casado

() Outro. Qual? _____

Você reside no meio rural há quanto tempo?

() Desde que nasci. () Há _____ anos.

Município de origem (local de nascimento): _____

GRUPO FAMILIAR:

- Qual a descendência da família? () Italiana () Alemã () _____
- Número de pessoas que compõe o grupo familiar (todos os membros presentes ou não. Ex. Pai, mãe, filhos, agregados, etc.)

=>**RESPOSTA:** ()1 ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()_____

- Número de pessoas que compõe a residência atual (domicílio).

=>**RESPOSTA:** ()1 ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()_____

- Dos que compõe o grupo residencial atual, quantos da família trabalham na atividade rural atualmente? =>**RESPOSTA:** ()1 ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()_____

- Algum membro da família já deixou o meio rural? =>**RESPOSTA:** () SIM. () NÃO.

=> Se **SIM**, quantos? Qual o gênero dos que saíram? Com qual faixa etária saiu? Para qual(is) cidade(s) foram?

Para qual(is) atividade(s)saiu(ram) (ESTUDOS; INDUSTRIA; COMÉRCIO; FRIGORÍFICO; CASAMENTO; OUTRAS)?

PROPRIEDADE FAMILIAR E ATIVIDADES PRODUTIVAS:

- Qual a situação da propriedade: =>**RESPOSTA:**() Propriedade da família () Arrendada
- Qual o tamanho da propriedade? =>**RESPOSTA:** _____ hectares
- A mão-de-obra na propriedade: =>**RESPOSTA:** ()Exclusivamente familiar. ()Predominantemente familiar. ()Predominantemente contratada.

- Quais atividades ou cultivos são desenvolvidos na propriedade?
- Quais desses são para a venda? Aonde são comercializados? Por meio de alguma Política Pública?
- Com qual das atividades desenvolvidas se obtém a maior renda?
- Está satisfeito(a) com a renda obtida em sua propriedade atualmente? =>**RESPOSTA:** () SIM. () NÃO.
- Na sua opinião, a quantidade de terra que dispõe é suficiente para que a propriedade seja lucrativa? =>**RESPOSTA:** () SIM. () NÃO.

PROJETO DE VIDA DO JOVEM E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O MEIO RURAL E SOBRE DERRUBADAS:

Você trabalha?

- () Na propriedade da família (Agricultura/pecuária/ trabalhos domésticos/ outros).
 () Em outra propriedade (Agricultura/pecuária/ trabalhos domésticos/ outros).
 () Na cidade (Comércio/indústria/serviços/outros).
 () Outro. Qual? _____
 () NÃO.

Possui carteira assinada? () SIM () NÃO

- Quais as atividades você desempenha na propriedade? Quantas horas você trabalha por dia?
- O que você faz nas horas vagas?
- Como você se diverte nas horas vagas?
- Quais os programas de televisão você gosta de assistir? Quais os programas de rádio você gosta de ouvir?
- Gosta de morar aqui em Derrubadas? Por quê?
- Qual a sua visão para o futuro em relação a comunidade de Derrubadas?
- A estrutura comunitária de Derrubadas interfere na decisão do jovem de permanecer no meio rural? Como?
- Sente-se realizada(o), aqui no meio rural?
- Do que você mais gosta da vida, aqui no meio rural?
- Do que você menos gosta da vida, aqui no meio rural?
- Seus pais lhe incentivam a permanecer no campo? =>**RESPOSTA** () SIM. () NÃO. Em caso de **resposta negativa**, a que eles lhe incentivam?
- Participa de quais instituições sociais (igreja, sindicato, EMATER, cooperativa, clube de futebol, grupo de jovens, grupo de dança, etc.)?
- Imagina que a existência da estrutura comunitária contribui para manter os jovens vivendo no meio rural?
- Quais são as atividades de divertimento que os jovens de Derrubadas realizam? Existe diferença entre rapazes e moças? Em quais locais geralmente? Como acontecem? O meio de locomoção interfere na hora de participar?
- Percebe facilidade ou dificuldade para os jovens do meio rural realizar atividades de diversão aqui em Derrubadas?
- Você entende que o meio rural está sendo bem atendido em todas as suas necessidades pelas autoridades políticas? =>**RESPOSTA:** () SIM. () NÃO. Por que? Como?
- Existe alguma política específica que deveria ser implementada pelas autoridades políticas, especificamente para os jovens, para que pudessem permanecer no meio rural? Qual ou quais?
- Onde você pretende morar no futuro? =>**RESPOSTA:** () RURAL () URBANO

a) () Na mesma comunidade/município. b) () Na mesma região. c) () No mesmo Estado. d) () Em outro Estado. e) () Outro. Qual? _____

● Você que decidiu permanecer no meio rural? Essa decisão é definitiva ou provisória? O que o levou a tomar essa decisão?

PERCEPÇÕES SOBRE A JUVENTUDE RURAL:

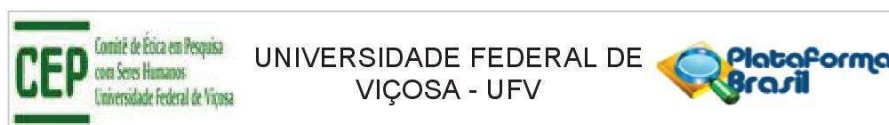
- O que é ser jovem para você?
- O que é ser um jovem rural?
- Você se considera um jovem rural?
- Em relação ao jovem urbano, quais os aspectos positivos de ser um jovem rural?
- Quais as vantagens de viver no meio rural em relação a viver no meio urbano?
- Por que você acha que os jovens decidem ficar no meio rural?
- Como você vislumbra o meio rural no futuro?
- Acredita que futuramente mais jovens permanecerão no meio rural?
- Deveria existir alguma coisa no meio rural para que mais jovens permanecessem? O quê?

EMOÇÕES DOS JUVENS RURAIS:

● Quais são os **TRÊS** primeiros **SENTIMENTOS E/OU EMOÇÕES POSITIVOS(AS)** que lhe vêm quando:

- a) Você pensa no **CAMPO E NO MEIO RURAL?**
- b) Você pensa no **TRABALHO DE AGRICULTOR?**
- c) Você pensa nos **JOVENS RURAIS?**
- d) Você pensa na sua **FAMÍLIA?**
- e) Você pensa nos seus **AMIGOS?**
- f) Você pensa nos seus **PROJETOS FUTUROS?**
- g) Você pensa na **CIDADE E NO MEIO URBANO?**
- h) Você pensa nos **JOVENS URBANOS?**
- i) Você pensa nas **OPORTUNIDADES QUE VÊ NAS CIDADES?**
- j) Você pensa nos **DISCURSOS QUE A TELEVISÃO E O RÁDIO APRESENTAM SOBRE O CAMPO/MEIO RURAL?**
- k) Você pensa em **PERMANECER NO MEIO RURAL?**
- l) Você pensa em **SAIR DO MEIO RURAL?**

APÊNDICE B – Parecer Consubstanciado de Aprovação



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO

Pesquisador: Sheila Maria Doula

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47352215.0.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Rural

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.181.945

Data da Relatoria: 11/08/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto em análise apresenta os documentos exigidos pela Resolução 466/12 do CNS.

Objetivo da Pesquisa:

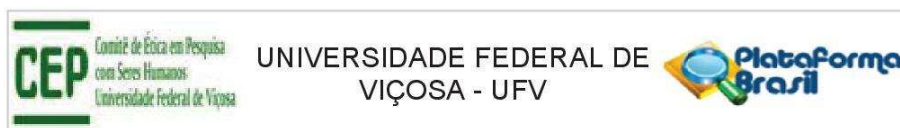
Compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: estes consistem no possível desconforto causado pelas perguntas da entrevista, as quais tratam de assuntos pessoais do dia a dia dos participantes. Para minimizar estes riscos será dada uma explicação prévia aos entrevistados sobre as motivações da pesquisa e sobre a coleta de dados. Será também informado ao entrevistado que ele poderá interromper sua participação ou deixar de responder certas perguntas, de acordo com sua conveniência ou vontade.

Benefícios: Esta pesquisa poderá ajudar os participantes a entender como ocorrem certos processos de tomada de decisão, bem como sua percepção sobre o meio em que vive e influência de suas emoções sobre suas escolhas. Poderá contribuir também para que as entidades locais e instituições ligadas a esse segmento conheçam e entendam os anseios e demandas dos jovens do município.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.181.945

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os procedimentos de coleta de dados compreenderão a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, onde serão realizadas entrevistas com gravação de áudio e fotografias. Esses materiais serão guardados pelo pesquisador por um período de cinco anos e, após este período, serão destruídos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE segue as recomendações da Resolução 466/12.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 6ª reunião de 2015, realizada no dia 11 de agosto de 2015.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.181.945

VICOSA, 12 de Agosto de 2015

Assinado por:
Patrícia Aurélia Del Nero
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO”. Nesta pesquisa pretendemos compreender as representações e emoções positivas sobre o rural contemporâneo que influenciam na elaboração dos projetos de vida dos jovens de Derrubadas/RS. O motivo que nos leva a estudar é que ao entender dia-a-dia, as visões e percepções dos jovens sobre o meio rural, bem como suas emoções, é possível compreender quais são e o que está envolvido nos seus projetos futuros percebendo assim quais são as expectativas e as demandas do jovem que vive no campo influenciando nas suas decisões, principalmente na escolha de permanecer ou sair do meio rural. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: primeiramente a pesquisa bibliográfica, que será realizada em produções científicas que ajudam a entender a influência das emoções nas escolhas individuais e também coletivas dos jovens e ainda que possibilitem o conhecimento do contexto em que esse jovem está inserido, verificando os fatores específicos envolvidos no meio rural. E posteriormente a pesquisa de campo, onde serão feitas entrevistas com gravações de áudio e algumas fotografias, vale salientar que a imagem do participante será resguardada, e não será divulgada sem a autorização do mesmo. Para que não haja problemas, as imagens serão mostradas aos participantes antes que sejam publicadas, caso exista a necessidade de publicação. A entrevista deve durar cerca de 1 hora.

Embora não envolva **riscos** à saúde, os riscos envolvidos na pesquisa consistem em possível desconforto em relação às perguntas, pois se tratam de assuntos pessoais e do dia-a-dia do mesmo. Para minimizar esses riscos será realizado um aviso prévio da consistência da pesquisa, bem como da forma que serão coletados os dados e as motivações da pesquisa. Caso ainda ocorra alguma situação de desconforto por parte do entrevistado no decorrer das perguntas, a entrevista será interrompida e só será concluída se o entrevistado optar por continuidade, além de que o entrevistado tem a opção de responder ou não as perguntas que lhe convém. Em relação à exposição do nome dos participantes e suas falas/respostas ficarão resguardados com os pesquisadores e os dados provenientes da coleta serão transcritos na pesquisa de forma a garantir o anonimato dos participantes. Para evitar ainda, desconforto e estranhamento por parte do entrevistado referente ao local e horário onde a entrevista será realizada, esta acontecerá em local e horário escolhidos pelo entrevistado, sendo que o pesquisador estará à disposição do entrevistado durante a realização da pesquisa para rever os dados e se preferir excluí-los, caso decida não fazer parte da pesquisa.

A pesquisa contribuirá com a divulgação científica do município, sendo que ajudará o participante a entender: como ocorrem certos processos de decisão; como as suas percepções sobre o meio em que vive, bem como as suas emoções estão afetando nas suas escolhas e decisões futuras. Além de contribuir para que as entidades locais e instituições ligadas a esse segmento conheçam e entendam os anseios e demandas dos jovens do município proporcionando assim a possibilidade

de desenvolver atividades (de lazer, capacitação e formação) voltadas ao público pesquisado.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela mestranda Aline Barasuol, no **Departamento de Economia Rural – UFV** e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “JUVENTUDE RURAL E EMOÇÕES: FATORES SUBJETIVOS DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO” de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Derrubadas, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante (Participante Voluntário)

Assinatura da Pesquisadora
Aline Barasuol
(Mestranda em Extensão Rural – UFV)
Telefone: (31) 8648-8673
E-mail: abarasuol@hotmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade Federal de Viçosa
Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário
Cep: 36570-900 Viçosa/MG
Telefone: (31)3899-2492
E-mail: cep@ufv.br / Site: www.cep.ufv.br .